

EZEQUIEL

Introdução

Esboço

Capítulo 1	Capítulo 13	Capítulo 25	Capítulo 37
Capítulo 2	Capítulo 14	Capítulo 26	Capítulo 38
Capítulo 3	Capítulo 15	Capítulo 27	Capítulo 39
Capítulo 4	Capítulo 16	Capítulo 28	Capítulo 40
Capítulo 5	Capítulo 17	Capítulo 29	Capítulo 41
Capítulo 6	Capítulo 18	Capítulo 30	Capítulo 42
Capítulo 7	Capítulo 19	Capítulo 31	Capítulo 43
Capítulo 8	Capítulo 20	Capítulo 32	Capítulo 44
Capítulo 9	Capítulo 21	Capítulo 33	Capítulo 45
Capítulo 10	Capítulo 22	Capítulo 34	Capítulo 46
Capítulo 11	Capítulo 23	Capítulo 35	Capítulo 47
Capítulo 12	Capítulo 24	Capítulo 36	Capítulo 48

INTRODUÇÃO

A Época. Os fatos contidos no livro de Ezequiel situam o ministério do profeta no começo do exílio babilônico, entre 593/592 e 571/570 A. C. (1:1; 29:17). O profeta Ezequiel, fazendo da Babilônia o seu palco de acontecimentos, analisou a queda e a restauração da casa de Israel; enquanto que seu contemporâneo mais velho, Jeremias, em Jerusalém, observou de perto os últimos suspiros do reino de Judá (Jr. 1:1-3).

Durante grande parte dos séculos oito e sete A. C., o cruel poder assírio perturbou os reinos de Israel e Judá. O reino do norte caíra em 721 A.C.; mas Judá, embora seriamente enfraquecido, conseguiu sobreviver ao seu opressor. Como reinado de Assurbanipal (669-633 A.C.), o império assírio começou a declinar. O Egito esquivou-se ao seu

jugo em 655. Dentro de poucos anos a Assíria estava lutando pela sobrevivência contra a Babilônia e os medos. Assur, antiga capital da Assíria, sucumbiu em 614, e a muito poderosa Nínive foi completamente destruída em 612. Por volta de 607 os restos do império assírio desmoronaram.

Aproveitando-se do declínio assírio, Josias (640/639-609/608 A.C.), o último grande rei de Judá, fortaleceu o seu reino. Sua brilhante carreira foi interrompida por um encontro com Faraó-Neco II do Egito em Megido, que tentava escorar o império assírio como proteção contra a Caldéia (II Reis 23:29). Salum ou Jeoacaz (Jr. 22; 10-12; Ez. 19:2-4), que sucedeu a seu pai Josias, foi deportado para o Egito após um reinado de três meses, e Jeoaquim, o filho mais velho de Josias, foi colocado no trono por Neco (II Reis 23:31-35).

Os egípcios sob as ordens de Neco foram derrotados por Nabucodonosor (também chamado Nabucodonosor) em Carquemis sobre o rio Eufrates em 605 A.C. (Jr. 46:2 e segs.). Os caldeus se tornaram os novos senhores do mundo (II Reis 24:7), com Judá por estado vassalo. Jeoaquim (608-597 A.C.) perseguiu os profetas (Jr. 7; 26; 36), degradou a vida espiritual da nação (Jr. 7:1-15; 13:16-20; cons. Ez. 8), demonstrando ser um tirano fantoche (Jr. 22:13-15, 17-19). Ele se rebelou contra Nabucodonosor em 602 A.C. e foi molestado pelos estados vizinhos (II Reis 24:1 e seguintes.). Morreu em desgraça antes da invasão, punitiva de Nabucodonosor chegar a Judá (Jr. 22: 19).

Joaquim (Jeconias ou Conias), o filho de Jeoaquim, reinou três meses e então se rendeu a Nabucodonosor (II Reis 24:8-17; Jr. 22:24-30; Ez. 19:5.9). Depois de saquear Jerusalém, o monarca caldeu deportou várias centenas de seus cidadãos aristocratas para a Babilônia. Esses, Jeremias comparou a "figos bons", a esperança do futuro de Israel, em contraste com os "filhos ruins", os mais pobres entre o povo, que foram deixados (Jr. 24:29). Entre o grupo de exilados estava Ezequiel, que data suas mensagens do ano do cativo de Joaquim (1:1, 2; 3:16; 8:1; 20:1; 24:1; 26:1; 29:1; 29:17; 30:20; 31:1; 32:17; 33:21; 40:1). As "tabuinhas

de Joaquim" publicadas em 1939, falam de um "Yaukin, rei de Yahud" e seus filhos (cons. W. F. Albright, "Rei Joiakin no Exílio", BA, V (Dec. 1942), págs. 49-55). Foi libertado de sua prisão por Amel-Marduque, o filho de Nabucodonosor, em 560, o trigésimo sétimo do seu exílio.

O décimo nono e último rei de Judá foi Zedequias (597-506), o terceiro filho de Josias (II Reis 24:17 - 25:7; Ez. 19:11-14), um rei fraco (Jr. 37; 38), que logo quebrou o seu voto de fidelidade para com Nabucodonosor, juntando-se a uma coligação de estados revoltosos (Ez. 17:13-15; Jr. 27:1-11). Esta loucura logo trouxe os caldeus vingativos a Jerusalém. Depois de um cerco de um ano e meio (II Reis 25:1-3), aliviado por pouco tempo pelos rumores do exército egípcio de Faraó-Neco que se aproximava (Jr. 34:3 e segs.; 37:5-8), a cidade foi destruída, o Templo despojado e incendiado, Zedequias levado prisioneiro e uma multidão de exilados deportados para a Babilônia (II Reis 25:1-21). Jeremias preferiu ficar na terra com os sobreviventes desventurados sob o governo de Gedalias em Mispa. Após o traiçoeiro assassinato deste último, o grupo, temendo represálias, migrou para o Egito, contra os conselhos de Jeremias (Jr. 40-44).

A Bíblia diz muito pouco sobre os exilados e Ezequiel é especialmente reticente sobre eles. Alguns sem dúvida vieram a ser servos ou escravos, enquanto outros prosperaram, conforme indicam as tabuinhas contratuais de Nipur (veja com. referente a 1:1). Líderes tais como Zorobabel, Esdras e Neemias saíram dos *gôlá* (exilados). Muitos exilados, ao que parece, viviam em suas próprias casas (Jr. 29:1-7), em diversas colônias (Ed. 2:59; Ne. 7:61), e tinham uma organização de anciãos (Ez. 3:15, 24; 8:1; 14:1; 20:1; 33:31). Alguns perderam a sua fé; mas para aqueles que permaneceram fiéis, Ezequiel se tornou uma torre de apoio. Não devemos estranhar que, depois de serem arrancados de sua terra, templo e sacrifícios, eles tenham enfatizado o jejum, o sábado e a circuncisão, e que a oração, a leitura das Escrituras e o cântico dos salmos - precursores das sinagogas – fossem enfatizados.

O Homem. Ezequiel (*Deus fortalece*), o filho de Buzi, era de família sacerdotal, possivelmente da linha de Zadoque (1:3; 40:46; 44:15). Ele manifesta grande familiaridade com Jerusalém, onde passou os primeiros anos de sua vida, e com o Templo. Em 597 A. C, foi exilado para Babilônia por Nabucodonosor, junto ao Rei Joaquim e as classes superiores de Jerusalém. Seu lar foi em Tel-abib, a principal colônia dos exilados, sobre o rio Quedar ou "Grande Canal" (1:1; 3:15) perto da cidade de Nipur, a sudeste da Babilônia. Ele tinha uma esposa muito amada, mas não trilha filhos (24:16-18). Ao que parece, era uma pessoa respeitada e seu lar se tomou lugar de reunião dos anciãos exilados (3:24; 8:1; 14:1; 20:1).

Em consequência a uma magnífico teofania (1:4-28), ele foi convocado a m o porta-voz e atalaia de Deus junto aos exilados (caps. 2; 3). Seu ministério estendeu-se do ano quinto do exílio de Joaquim, em 592 A.C., ao ano vigésimo sétimo, 570 A.C. (1: 2; 29: 17). Antes da queda de Jerusalém em 586 A.C., ele era principalmente um pregador do arrependimento e juízo (caps. 1-24). A um povo rebelde, inclinado para a idolatria, e susceptível ao ambiente pagão, ele trouxe constantes advertências (2:3 e segs.; 3:4-11; 13; 14:1 e segs.; 18:2, 25; 20:1 e segs.). Ele fez os exilados se lembrarem de que as pessoas que ainda viviam em Jerusalém apegavam-se falsamente à inviolabilidade do Templo e da terra (11:1-15), e protelavam indefinidamente o dia da retribuição (12:21-28). Aos seus desesperados ouvintes, depois da queda de Jerusalém (24:21 e segs.; 33:10, 17; 37:11), ele veio a ser um consolador, um arauto da salvação, um expositor da necessidade da religião interior, um profeta do reajuntamento e o que previa a restauração divina do Templo, dos cultos e da terra para um Israel redimido e purificado (33:11; 34; 36:25-31; 37; 40-48). Ele descrevia o juízo sobrevindo às nações hostis lideradas por Gogue e Magogue (caps. 38; 39), mas dava a entender que outros povos se convertiam, como, por exemplo, Sodoma e Samaria (16:53 e segs.), e previa muitas nações Se abrigando, como aves, sob o cedro piedoso, o Messias (17:22-24).

Ezequiel transmitia sua mensagem por métodos extraordinários tais como alegorias (caps. 15; 16; 17:1-21; 19; 21:1-17; 23; 24:1-14), atos simbólicos (4:1 - 5:4; 12:1-7, 17-20; 21:18-23; 24:3-5, 15 -24; 37:15-17) e visões (1:4-28; 2:9 - 3:3; 3:22, 23; 8-11; 37:1-10; 40-48). Quanto a Zacarias, e também Ezequiel, um anjo interpretador é elemento destacado de suas visões (geralmente em 40-48; como, por exemplo, em 40:3-4; 43:6, 7; 47:1 e segs.). Imagens apocalípticas aparecem freqüentemente (7:5-12; 20:33-44; 28:25, 26; 34:25-31; 36: 8-15, 33-36; 38; 39; 47:1-12). A maestria de Ezequiel em dominar muitos estilos de prosa e poesia demonstra seu cuidadoso preparo e reflexão.

Durante a última geração, mestres têm apresentado teorias muito diferentes em relação a Ezequiel: que tal pessoa não existiu e que o livro é uma pseudoepigrafia de 230 A.C. (C.C. Torrey); que ele viveu no tempo de Manassés, era nativo do Israel do Norte, e que se dirigiu à diáspora assíria (James Smith); que todo o seu ministério foi na Palestina (Hemtrich, Harford); que ele exerceu parte do seu ministério na Palestina, mas que, depois de 586 A.C., esteve na Babilônia (Bertholet, Auvray, Van den Born, Oesterley e Robinson); que teve diversas residências (I.G. Matthews, Fisher, Freedman); e que ele foi um israelita do norte de 400 A.C. (Messel). A incapacidade dos mestres de apresentarem uma teoria superior ao tradicional ponto de vista, mais as devidas evidências, prova que não há necessidade de mudança com referência à residência de Ezequiel (Cons. Carl G. Howie, "The Residence of Ezekiel", em *The Date and Composition of Ezekiel*, págs. 5-26).

Tem-se feito tentativas de provar que Ezequiel era psicopata. E.C. Broome, escrevendo sobre "Ezekiel's Abnormal personality" (JBL, 65, 1946, págs. 272-292), diagnosticou que ele sofria de esquizofrenia catatônica ou paranóica! Howie comparou cuidadosamente as pseudo-evidências da esquizofrenia de Ezequiel com os paralelos entre Ezequiel e outros místicos ("Aspectos Psicológicos de Ezequiel e Sua Profecia", op, cit., págs. 69-84). Ele destaca o absurdo de um estudante de

psiquiatria não profissional reivindicar sucesso na psicanálise de uma pessoa que já morreu há 2500 anos!

Diz Howie: "Ezequiel . . . , foi um místico por natureza com uma imaginação sensível e artística que produziu algumas das mais conhecidas visões e figuras de linguagem simbólicas na literatura bíblica

. . . Ele se desviou consideravelmente do "normal" mas não foi realmente um psicopata. Nenhum profeta é "normal", pois se o fosse não seria profeta. A atitude estranha ou anormalidade de Ezequiel poderia ser o segredo de sua grandeza" (Ibid., pág. 84).

O profeta Ezequiel tem sido chamado de "o primeiro dogmático do Velho Testamento", "o Calvino do Velho Testamento", "o mais influente homem em todo o curso da história hebraica", "o pai do Judaísmo", "o profeta da responsabilidade pessoal", etc. Alguém que estude com seriedade o livro de Ezequiel pode ver facilmente que tais encômios podem se aplicar ao sacerdote, profeta e pastor.

O Livro – Autoria e Unidade. O livro, exceto quando erroneamente interpretado, tem sido atribuído pela maioria dos mestres a Ezequiel na Babilônia, entre os *gôlân*; mas mestres modernos freqüentemente desafiam a unidade e autoria única do livro.

Oeder, em 1771, negou a autenticidade dos capítulos 40-48, e Carrodi (1791) rejeitou também o 38 e 39. Zunz (1831) colocou o livro dentro do período persa, em cerca de 440-400, com os capítulos 25-28 em 332 A.C. Seinecke (1876-1884) considerava Ezequiel como uma pseudoepigrafia de 163 A.C. Kraetzchmar (1900) e Herman (1908) defendiam que havia duas revisões do livro. Gustav Holscher, em 1924, propôs a teoria radical de que só as mensagens de juízo escritas na métrica que podiam ser atribuídas a Ezequiel com certeza. Portanto, seis sétimos da obra são editoriais, ele dizia, só 170 versículos do total de 1273 foram escritos pelo profeta. C.C. Torrey (1930) considerava o livro como uma pseudoepigrafia datada de 230 A.C., mas dando a entender que era do período de Manassés. Para apoio de suas teorias ele citava o Talmud *Baba Bathra* 14b-15a, do século quarto d.C., que trata o exílio

abilônico como sendo uma invenção (contrariando os descobrimentos da arqueologia; cons. W.F. Albright, "The American Excavations at Tell Beit Mirsim", ZAW, 6, 1929, pág. 16), e encontrou muitos aramaísmos recentes no livro. Para uma explicação, consulte Howie, "The Aramaic of the Book of Ezekiel" (*op. cit.*, págs. 47-68). W. A. Irwin (1943) só atribui 251 versículos em forma poética dos capítulos 1-39 a Ezequiel. O restante da profecia, 80 por cento do livro, ele diz, é "comentário falso", refletindo muitos acréscimos de uma multidão de mãos por um longo período de tempo.

É bom dar atenção à nota de cautela proferida por H.G. May em seu comentário sobre Ezequiel : "A crítica literária e histórica não é uma ciência exata . . . Entra nela o elemento subjetivo, pois em um livro como Ezequiel, os mestres são influenciados pelo seu conceito total de desenvolvimento e características da religião e história hebraicas" (IB, VI, 45).

As alegações históricas, a natureza da linguagem usada, a evidência de que Ezequiel viveu antes do Templo Salomônico ser destruído são todas evidências positivas de apoio à data tradicional do livro (cons. Howie, "The Date of the Prophecy", *op. cit.*, págs. 2746).

O Texto Massorético (MT, o texto hebraico recebido, preservado e pontuado pelos escribas entre os anos 600 e 900 d.C.) tem muitas corrupções textuais, conforme indicado no comentado. Os recorrem às versões, particularmente à Septuaginta (LXX), tentando restaurar o texto. O Códice 967 do Papiro da Septuaginta, o papiro de Chester Beatty, contendo Ezequiel 11-17 com lacunas, e a coleção de John H. Scheide, contendo a maior parte de Ezequiel 19:12-39: 29, com data anterior ao Hexapla de Orígenes do terceiro século d.C., são especialmente úteis. É de se esperar que dos manuscritos e fragmentos dos Rolos do Mar Morto logo brotará luz sobre o texto de Ezequiel.

O Livro – Conteúdo. Uma pequena referência ao conteúdo do livro está em ordem. Há muitas semelhanças entre Jeremias e Ezequiel quanto à linguagem, figuras e idéias. G. Currey apresenta, em um quadro

sinótico, uma comparação entre Ezequiel, Daniel, Zacarias e o Apocalipse (*Ezekiel in The Speaker's Commentary*, págs, 12-16).

Algumas das notáveis passagens deste livro, relacionadas por capítulos, são: 1; 2; 3:16-21 (cons. 33:1-9); 8 e 9; 11:19 e segs. (cons. 18:31; 24:7; 31:31; 32:39; 36:26); 14:14; 15; 16; 17: 22-24; 18 (cons. 33); 21:8-17; 21:18 -27; 23; 27 e 28; 31; 32:17.22; 34; 36:16-38; 37; 38 e 39; 47.

As principais passagens messiânicas são: 11:16-20, o Senhor, o santuário; 17:22-24, o maravilhoso renovo do cedro; 21:26, 27, o rei justo; 34:11-31, o pastor fiel; 36:25-35; a grande purificação; 37:1-14, a grande ressurreição; 37:21-28, a grande reunião; 38 e 39, a derrota de Gogue; 47:1-2, o rio da vida que sai do Templo.

As doutrinas fundamentais de Ezequiel podem ser enumeradas assim: 1) Idéias relacionadas com Deus: Sua glória, capítulos 1; 10; 43; Seu nome; 20:8,9, 14, 22; 36:22-23; Sua santidade, 20: 41; 28 : 22-25. 2) Ênfase sobre a responsabilidade individual, 18:2, 5-9, 19, 20, uma extensão de Jr. 31: 29, 30. 3) O pecado de Israel no começo de sua história, 20:8,9; 23:3 e segs. 4) Promessas de restauração: julgamento das nações, 25-32; 38 e 39; concessão de extraordinária fertilidade à terra, 36:8, 9, 29, 30, 34, 35; uma regeneração espiritual, 36:25-27; restauração dos exilados, 37:1-14; o governador messiânico, 34:11-22, 23, 24; 37:22 e segs.; a volta do Senhor para o povo regenerado, 37:26, 27; 43: 1-12. 5) Organização da comunidade restaurada, 40-48. Ezequiel, escrevendo como um sacerdote sob a antiga aliança, descreve o Templo renovado, os sacerdotes e o sistema sacrificial como meio através dos quais Deus entra em relacionamento com o Seu povo redimido.

ESBOÇO

I. Profecias contra Judá e Jerusalém. 1:1 – 24:27.

A. Introdução: A vocação de Ezequiel. 1:1 – 3:27.

1 . Título. 1:1-3.

2. A visão inaugural do profeta: Uma teofania. 1:4-28.

-
3. Sua iniciação no ofício profético. 2:1 – 3:27.
 - B. Predição da derrota da cidade e do estado. 4:1 – 7:27.
 1. Quatro atos simbólicos relacionados com Jerusalém. 4:1 – 5:17.
 2. Oráculo contra as montanhas de Israel, locais de idolatria. 6:1-14.
 3. Lamentação sobre a queda de Judá. 7:1-27.
 - C. O pecado e o destino de Jerusalém. 8:1 – 11:25.
 1. Visão de quatro abominações praticadas no Templo. 8:1-18.
 2. Visão de habitantes mortos por vingadores divinos. 9:1-11.
 3. Visão de Jerusalém destruída pelo fogo. 10:1-22.
 4. Visão da condição interna da cidade e do Senhor saindo dela. 11:1-25.
 - D. A necessidade moral do cativo. 12:1 - 19:14.
 1. Atos simbólicos descrevendo o exílio e a invasão. 12:1-20.
 2. A profecia e seus abusos, 12:21 – 14:23.
 3. Parábola da videira. 15:1-8.
 4. Alegoria da criança enjeitada. 16: 1-63.
 5. Parábola da videira e das duas águias, 17:1-24.
 6. A justiça divina demonstrada em seu modo de tratar os indivíduos. 18:1-32.
 7. Alegoria dos dois leões e da videira. 19:1-14.
 - E. A futura queda de Israel é inevitável e necessária. 20:1 – 24:27.
 1. Recordação da infidelidade de Israel e sua preservação. 20:1-44.
 2. Israel deve ser punida pela espada vingadora de Deus. 20:45 – 21:32.
 3. Os pecados de Jerusalém devem ser julgados no alto forno. 22:1-31.
 4. Alegoria de Oolá e Oolibá. 23:1-49.
 5. Símbolos do cerco final de Jerusalém. 24:1-27.
- II. Oráculos contra as nações estrangeiras: A soberania universal

de Deus. 25:1 – 32:32.

A. Amom. 25:1-7.

B. Moabe. 25:8-11 C. Edom. 25:12-14.

D. Filisteus. 25:15-17.

E. Tiro. 26:1 - 28:19.

1. Profecia da destruição de Tiro. 26:1-21.

2. Lamentação sobre a queda de Tiro. 27:1-36.

3. Queda do Príncipe de Tiro. 28:1-19.

F. Sidom. 28:20-26.

G. Egito. 29:1 – 32:32.

1. Desolação e restauração do Egito. 29:1-16.

2. O Egito será dado a Nabucodonosor como recompensa.
29:17-21.

3. Destruição do Egito e seus aliados. 30:1-19.

4. O poder de Faraó será destruído. 30:20-26.

5. Alegoria do cedro majestoso. 31:1-18.

6. Lamentação por Faraó, o dragão. 32:1-16.

7. Lamentação pela descida de Faraó ao Sheol. 32:17-32.

III. Profecias da restituição de Israel. 33:1 – 39:29.

A Nova Aliança: Purificação de Israel, sua restauração e paz eterna e sua restauração secular.

A. O profeta: Sua função na preparação para a nova dispensação.
33:1-33.

B. A casa real : Os pastores egoístas de Israel e o Bom Pastor.
34:1-31.

C. A terra: Israel será restaurada e feita frutífera. 35:1 – 36:38.

1. A hostil Edom será devastada. 35:1-15.

2. Israel será exaltada e abençoada. 36:1-15.

3. Princípios de redenção ilustrados. 36:16-38.

D. O povo: Ressurreição dos ossos secos de Israel; reunião de Judá e Israel. 37:1-28.

E. Paz: O Senhor defende Israel contra a invasão de Gogue.

38:1 – 39:29.

1. Invasão de Gogue e sua destruição. 38: 1-23.

2. Prosseguimento da profecia contra Gogue. 39:1-29.

IV. Visão da comunidade restaurada: O novo Templo e a nova lei.
40:1 – 48:35.

A. Descrição do novo Templo. 40:1 – 43:27.

1. O novo santuário com seus átrios e câmaras. 40:1 – 42:20.

a. Os átrios, muros e pórticos. 40:1-49.

b. O Templo e o Santo dos Santos. 41:1-26.

c. Câmaras para os sacerdotes. 42:1-20.

2. A volta do Senhor ao Templo. 43:1-12.

3. O altar e as provisões para a dedicação do Templo. 43:13 -27.

B. Um novo culto de adoração com um ministério e sistema
sacrificial ideais. 44:1 - 46: 24.

1. Aqueles que vão servir no Templo. 44:1-31.

2. Porções de terra para os sacerdotes, levitas e o príncipe; e
as taxas pagas ao príncipe. 45:1-17.

3. Ofertas a serem feitas nas festas e outras ocasiões indicadas,
45:18 – 46:24.

C. Israel reorganizada de acordo com as divisões tribais.
47:1 - 48:35.

1. O rio da vida fluindo do Templo. 47:1-12.

2. Fronteiras e divisões da terra santa. 47:13-33.

3. Porções de tribos, sacerdotes, cidade e príncipe. 48:1-35.

COMENTÁRIO

O livro de Ezequiel compreende duas porções: os capítulos 1-24, uma série de mensagens transmitidas antes da queda de Jerusalém, cuja idéia principal é "o juízo"; e os capítulos 25-48, transmitidos depois de sua queda, com o tema fundamental da "esperança". O livro é mais apropriadamente estudado sob quatro divisões: capítulos 1-24, Profecias

do Juízo de Judá e Jerusalém; capítulos 25-32, Profecias Contra as Nações Vizinhas; capítulos 33-39, Profecias da Restauração de Israel; capítulos 40-48, Visões do Novo Templo e da Nova Lei para o Povo Redimido.

I. Profecias Contra Judá e Jerusalém. 1:1 – 24:27.

Os ameaçadores discursos contra Jerusalém e a casa de Israel, transmitidos antes da queda de Jerusalém, consistem de uma seção introdutória, expondo em detalhes a vocação do profeta (caps. 1-3); atos simbólicos e oráculos descrevendo a derrota da cidade e do estado (caps. 4-7); um grupo de visões descrevendo os terríveis pecados de Jerusalém, que exigiam a sua destruição (caps. 8-11); atos simbólicos, parábolas e alegorias apresentando a necessidade moral do cativo (caps. 12-19); e uma recordação da história passada de Israel que clama por um certo juízo (caps. 20.24).

A. Introdução : A Vocação de Ezequiel. 1:1 - 3:27.

Ezequiel 1

1) Sob rescrito. 1:1-3.

1. No trigésimo ano. Desde o tempo de Orígenes (185-254) esta referência ao tempo tem sido considerada como uma referência à idade do próprio profeta, cidade quando os sacerdotes começavam o seu ministério (Nm. 4:3, 4), um sistema de datar sem paralelos na história hebraica. Outros têm sugerido outras interpretações: trigésimo ano da idade de Jeoaquim, 585 A. C. (Snaith); trigésimo ano depois da reforma de Josias, 593/592 A.C. (segundo o Targum, Jerônimo, Herman, Holscher, L. Finkelstein); trigésimo ano do período referente ao jubileu corrente (*Seder Olam*, Kimchi, Hitzig); trigésimo ano do império neobabilônico, 606/605 A.C. (Scaliger, Ewald); trigésimo ano de Manassés, 667A.C. (Torrey); trigésimo ano de Artaxerxes III, 328 A. C. (sicl L. E. Browne); e diversas emendas: trigésimo ano do reinado de

Nabucodonosor, 592 A. C. (Rothstein, Bertholet); quinto ano do exílio de Jeoaquim, 595 /594 A.C. (Hemtrich). Albright e Howie sugerem que este foi o trigésimo ano da edição do livro de Ezequiel, três anos depois do vigésimo sétimo ano de 29:17, ou 567 A. C. , e o trigésimo ano do reinado de Jeoaquim. Compare com II Reis 26:27. Todas as outras datas na profecia são calculadas também a partir do "reinado" ou cativeiro de Jeoaquim.

O quarto mês era dos meados de junho aos meados de julho, calculando a partir do primeiro mês dos meados de março aos meados de abril.

No meio dos exilados. A palavra hebraica *gôlâ* é um termo coletivo que significa "exilados", ou, de maneira abstrata, "o exílio".

Rio Quebar (ké-bâr) ou Nehar-Kebar (1:1, 3; 3:15, 23; 10:15 , 20, 22; 43:3). Provavelmente o *nâru kabari*, "ou grande rio", ou "o grande canal", um curso de água artificial do Eufrates. Começando acima da Babilônia, corre para o sudeste, passando por Nipur, local das antigas colônias judias [e da rica casa bancária de Murashû e Filhos, cujos arquivos (464-405 A. C.) contém muitos nomes judeus], e junta-se novamente ao Eufrates abaixo de Ur. Seu nome atual é Shatt en Nîl, "o rio Nilo" (veja H. V. Hilprecht, *Explorations in Bible Lands in the Nineteenth Century*, págs. 409 e segs.).

Visões de Deus aqui incluem visões dadas por Deus e visões nas quais Deus foi visto.

2. Rei Joaquim. O décimo oitavo e penúltimo rei de Judá foi o filho de Jeoaquim, o tirano fantoche, e neto do piedoso Josias. Seu nome significa "o Senhor estabelece" e escreve-se de diversas maneiras: *Yôyakin*, Ez. 1:2; *Yehôyakin*, II Reis 24:6, 8, 12, 15; 25:27a, b; Jr. 52:31a, b; II Cr. 36: 8, 9; *Yekonya*, Jr. 27:20; Qerê, 28:4; 29:2; Et. 2:6; I Cr. 3:16, 17; *Yekon Yahú*, Jr. 24: 1; *Konyahû*, Jr. 22:24, 28; 37:1. Entronizado por Faraó-Neco do Egito, reinou apenas três meses, quando foi deportado para a Babilônia por Nabucodonosor no ano de 597 A. C. , junto com os aristocratas (II Reis 24:8-16). Foi solto por Amel-

Marduque (Evil Marduque), filho de Nabucodonosor em 560 A.C., no trigésimo sétimo ano do seu exílio (II Reis 25:27). "As tabuinhas de Joaquim" publicadas em 1939 referem-se a "Yaukin" e seus filhos recebendo rações (Albright, BA, V, Dec, 1942, págs. 49-55). Jeremias (22: 20-30) e Ezequiel (19:5-9) parecem simpatizar com ele. Seu neto Zorobabel era da linhagem messiânica (cons. Mt. 1:11 , 12; Ed. 3:8; I Cr. 3:17-19).

No quinto ano de cativeiro do rei Joaquim (junho-julho, 592) é a primeira das quatro referências a datas no livro de Ezequiel (cons. 1:2; 3: 16; 8:1; 20:1; 24:1; 26:1; 29:1, 17; 30:20; 31:1; 32:1, 17; 33:21; 40:1). Ezequiel foi o primeiro profeta a datar a sua mensagem cronologicamente. (Quanto às datas do período, cons. J. Finegan, "Nabucodonosor e Jerusalém", JBR, 25, 1957, págs. 203-205).

3. Ezequiel (*Yehezqe'l*, "Deus fortalece") . . . **o sacerdote**. Nada se sabe do seu pai Buzi. Outros profetas com antecedentes sacerdotais foram: Samuel (I Cr. 6:28; I Sm. 7:9; 11:14; 16:2 e segs.); Jeremias (1:1); Zacarias (1:7; Ne. 12:4, 16; Ed. 5:1). **Esteve sobre ele a mão do Senhor**. Uma expressão que descreve uma condição aproximada do êxtase profético. (Veja também 3:14, 22; 8:1; 33:22; 37:1; 40:1.) Treze manuscritos hebraicos e a Septuaginta, a Siríaca e a Versão Árábica dizem sobre mim.

2) A Visão Inaugural do Profeta : Uma Teofania. 1:4-28.

A vocação de Ezequiel veio na forma de uma teofania, uma manifestação de Deus no meio de uma tempestade. Sua visão foi descrita com muito maiores detalhes do que as teofanias de Moisés (Êx. 33; 24:9 e segs.), Amós (7:15), Isaías (cap. 6), Jeremias (1: 4-10) ou Daniel (7:9 e segs.). Ele começa de baixo, descrevendo primeiro os quatro seres viventes com as quatro asas e quatro rostos, combinando formas humanas com animais para formar o trono-carro (vs. 4-14), depois as rodas dentro das rodas que faziam o carro se mover em todas as quatro direções sem se voltar (vs. 15-21), e finalmente a plataforma de cristal

sobre a qual estava a semelhança do trono no qual estava assentada a semelhança daquele que estava rodeado de fogo e coroado da glória do arco-íris (vs. 22-28).

a) As Criaturas Viventes e o Carro. 1:4-14.

4. Quanto a aparição divina no **vento tempestuoso** (AV, *redemoinho*) e **nuvem**, veja também Ex. 9:24; 19:16; Jz. 5:4; I Reis 19:11; Sl. 29; Zc. 9:14. **Do norte**. Aqui Ezequiel não está tomando emprestado o conceito mitológico de que o norte era o trono dos deuses, mas talvez esteja sugerindo a transcendência divina. **Metal brilhante (Uma coisa de cor âmbar, E.R.C.)**. No hebraico, *como o olho do hashamal*. Usado apenas em 1: 4, 27; 8:2. Compare com o *elmesu acadiano* e o *hesmen egípcio*, "bronze" (G. R. Driver, V.T. , 1, 1951, 60-62).

5. **Semelhança** (*demût*) e **aparência** (*mar'eh*) aparece dez e quatorze vezes respectivamente na narrativa. O profeta sente a impropriedade da língua humana para descrever o inefável, mas também tem o cuidado de evitar os antropomorfismos. **Quatro seres viventes** (*hayyôt*) são mais tarde identificados como querubins (10:15, 20).

7. **As suas pernas** (e não *pés*; cons. Gn. 49:10; Is. 6:2; 7:20) **eram direitas**, sem joelhos; e **a planta** de seus **pés** era redonda (Targum, Áquila) como a de um bezerro, para que não se flexionasse ou virasse.

8. Cada querubim tinha provavelmente duas mãos, pois **aos quatro lados** pode significar também "ao lado dos quatro".

9. Os querubins, com um par de asas estendidas que se tocavam umas às outras, formavam os lados da carruagem, que podia se movimentar em todas as quatro direções, mas **não se viraram** (cons. v. 12). Um segundo par de asas que cobriam os corpos (v. 11).

10. Cada querubim tinha quatro rostos, **como o de homem**, na frente; **à direita . . . rosto de leão; à esquerda, rosto de boi e rosto de águia**, atrás (cons. 10:14; Ap. 4:7).

12. O Espírito de Deus dirigia seus movimentos (cons. v. 20; 10:17), exatamente como dirigiu Ezequiel (2:2; 3:12, 24; 11:24).

13. Leia-se *no meio dos seres viventes* (de acordo com a RV marg., Moffatt, RSV, LXX e a Antiga Latina). **Tochas . . . fogo e relâmpagos saíam do meio deles** (cons. Êx. 3:2; 13:22; 19:18; Nm. 11:1-3 ; Dt. 4:24; II Reis 1:12).

14. Este versículo foi omitido pela LXX B por se considerar uma ampliação marginal do versículo 13. O texto hebraico parece corrompido.

b) As Quatro Rodas. 1:15-21.

15. O profeta viu a seguir ao lado dos seres viventes, rodas.

16. Pareciam brilhantes (lit. *olho*) **como o berilo (turquesa, E.R.C.)**. No hebraico, *tarshîsh*. A pedra que recebeu o nome de Társis, ou Tartessus, ao sul da Espanha, é provavelmente o antigo crisólito (*pedra de ouro*) correspondendo ao nosso topázio dourado, não à água marinha verde claro ou o berilo. **Uma roda dentro da outra.** A explicação comum é que cada roda parecia como duas rodas que se atravessavam fazendo ângulos retos e formando uma roda composta, que podia se movimentar em diferentes direções sem se virar (v. 17).

18. O texto hebraico está em desordem. A LXX sugere: *e tinham rebordos* (ou, aros; AV, *anéis*). *E olhei para elas* (em vez do heb. **e metiam medo**). *E os seus rebordos eram cheios de olhos*, símbolos da vida e inteligência.

19-21. Havia uma unidade entre os **seres viventes** e as rodas orientadas pelo Espírito de Deus. Compare com as referências às rodas do trono do "Ancião de dias" em Dan. 7:9, às bases do Templo de Salomão, I Reis 7:27-30, e às da carruagem em I Cr. 28:18. Mais tarde, os "ofanins", as rodas personificadas, foram colocadas perto dos querubins e serafins na presença de Deus (Enoque 61:10; 71:7).

c) A Plataforma, o Trono e a Aparência Divina em Cima Delas. 1:22-28.

22. Algo semelhante ao firmamento. O hebraico *raqi'a* aparece dezessete vezes nas Escrituras, em Gn. 1; Ez. 1; 10:1; Sl. 19:1; 150:1; Dn. 12:3. Aqui a figura é de uma "plataforma" *estendida por sobre* (RSV) as cabeças dos seres viventes **como cristal** (lit., *como o olho ou a cintilação do gelo*; também a LXX, Sir. , Vulg. Cons. Ap. 4:6. Omita-se "que metia medo", de acordo com a LXX).

24. Quando em movimento, o som de suas asas era **como o rugido de muitas águas** (Sl. 42:7; Is,17:12), **como a voz do Onipotente** (Sl. 29, "a voz de Deus", sete vezes), **o estrondo tumultuoso, como o tropel de um exército** (Is. 17:12; Joel 2:5). **Onipotente.** Hebraico *Shadday* é um termo pré-mosaico para Deus, usado principalmente para poesia, ou em prosa com *El* (Deus) antes (Gn. 17:1). O nome é de origem incerta, mas pode significar "onisciente, que tudo sabe", e não "onipotente", ou "das montanhas" (cons. N. Walker, "Uma Nova Interpretação do Nome Divino Shaddai" ZAW, 72, 1960, págs. 64-66).

25. Este versículo foi omitido por nove manuscritos hebraicos, pela LXX e pelo manuscrito siríaco, sendo considerado uma ditografia.

26. Sobre a plataforma havia um trono **como uma safira** (cons. Êx. 24:10). Talvez fosse o antigo *lapis lazuli* semelhante ao mármore.

27. A parte superior da figura semelhante a um homem assentado sobre o trono parecia **metal brilhante** (*bronze reluzente*, RSV; lit, *como o olho do hashmal*; cons. v. 4) rodeada de fogo (lit. *como se o fogo .a envolvesse de todos os lados*); enquanto a parte inferior, também, era coberta por um resplendor ardente.

28. O resplendor à volta do trono do Senhor era como **o arco que aparece na nuvem em dia de chuva.** Isto sugere a quietude após a tempestade. Para os hebreus e para nós o arco-íris faz lembrar a aliança feita com Noé (cons. Gn. 9:12 e segs.; Ap. 4:3; 10:1). **Da glória do SENHOR** (*kebôd YHWH*, 1:28; 3:12, 23; 10; 4, 18 ; 11:23; 43:4, 5; 44:4; e "a glória do Deus de Israel", 8:4; 9:3; 10; 19; 11; 22; 43:2) em Ezequiel

significa principalmente "uma aparência de luz e esplendor indicando a Presença divina" (Cook, *Ezekiel*, ICC, pág. 22). A déia básica de *kabôd* é "peso", "densidade" e transmite a idéia de alguma manifestação externa e física de dignidade, pré-eminência ou majestade (cons. Betteridge, "Glory", ISBE, II, 1235 e Segs.).

Na presença de Deus, Ezequiel reconheceu a sua indignidade (cons. Gn. 32:30; Êx. 20; 19, 20; 24:11; Is. 6:5; Jr. 1: 6).

Da sua visão, Ezequiel ficou sabendo que Deus não se limitava à Palestina, mas estava presente na Babilônia entre os exilados, descendo à terra sobre querubins e tempestade (Sl. 18:10; 104:3). O carro podia movimentar-se rapidamente em todas as direções, simbolizado pelo número quatro. As figuras olhando para as quatro direções (vs. 9, 10, 17) dão a idéia que todas as partes do universo estão abertas aos olhos divinos. As asas ligavam a visão ao céu e as rodas à terra. Assim nenhum lugarzinho fica inacessível à presença e energia divinas. A onipresença de Deus fica desse modo transmitida de maneira poderosa.

A figura assentada sobre o trono fala da onipotência e governo soberano de Deus (v. 26). A soberania de Deus está manifesta sobre a criação inanimada vento, nuvens, fogo, trovão (vs. 4, 24) e criação animada – os quatro seres viventes (vs. 5, 10).

A forma humana generalizada e as diversas faces das criaturas viventes expressam a dignidade conferida por Deus às diversas porções de Sua criação, um reflexo de Sua majestade: homem, inteligência; águia, rapidez; boi, força; leão, majestade. Os rabis explicam o simbolismo assim: "O homem foi exaltado entre todas as criaturas; a águia, entre as aves; o boi, entre os animais domésticos; o leão, entre as feras; e todos eles receberam o domínio e a grandeza, mas ainda assim estão sob o carro do Santo". (*Misdrash Rabbah Shemoth*, § 23, coment. sobre o Êx. 15:1). o ruído das asas dos querubins (v. 24) é o testemunho de toda a criação para com Deus (Sl. 19:1), enquanto os corpos velados (vs. 8, 11) representam a incapacidade de todas as criaturas de permanecerem na presença de Deus santo (cons. Is. 6:2). Os Pais da

Igreja empregavam os quatro rostos como emblema dos Evangelistas. Irineu, Jerônimo, Atanásio e Agostinho variavam no seu uso, o de Jerônimo, de maior aceitação, tem a seguinte ordem: o homem, Mateus; o leão, Marcos; o boi, Lucas; a águia, João. Embora as divindades babilônicas, Marduque, Nebo, Nergal e Ninib fossem indicadas pelo boi, homem, leão e águia respectivamente (Jeremias), Ezequiel deve ter extraído o seu simbolismo mais provavelmente das figuras do templo de Salomão (I Reis 6:23-35; 7:27-37) e do propiciatório em cima da arca do Tabernáculo (Êx. 25:10-22).

Os olhos nas rodas sugerem inteligência onisciente (v. 18), enquanto que o espírito nas asas e rodas (vs. 20, 21) descreve a operação penetrante do Espírito de Deus vista na unidade e harmonia de suas obras. A pureza e santidade divinas estão indicadas pelo fogo (v. 27), enquanto que o arco-íris à volta do trono ilustra a beleza sublime, e talvez também a idéia do perdão e da misericórdia (v. 28).

Esta glória foi vista por Ezequiel em Quebar (1:4-28), deu-lhe uma mensagem em Tel-Abibe (3:12 e segs., 22 e segs.), transportou-o de sua casa no exílio até a entrada da porta do pátio interno do Templo em Jerusalém (8:4, 5), afastou-se dos querubins no Templo até a soleira do mesmo (9:3; 10:4), elevou-se da soleira da porta leste do pátio externo do Templo (10:15, 16, 18, 19), passou do meio da cidade ao Monte das Oliveiras no lado leste da cidade (11:22, 23), mas retornou para encher o novo Templo e purificar o povo (43:2-7; 44:4).

3) Sua Iniciação no Ofício Profético. 2:1 – 3:27.

Nos capítulos 2 e 3, o profeta foi comissionado a ser um mensageiro destemido junto a um povo rebelde (2:1-7), recebeu ordem de assimilar a palavra ou mensagem divina como se fosse a sua própria (2: 8-3: 3), foi imbuído de coragem para falar a um Israel endurecido (3:4-9) foi impelido em uma missão junto aos exilados em Tel-Abibe

(3:10-15), foi encarregado da responsabilidade de atalaia (3:16-21) e foi colocado sob a imposição do silêncio e reclusão (3:22-27).

Ezequiel 2

a) A Comissão do Profeta. 2:1-7.

1. Filho do homem (*ben-'adam*) aparece noventa e três vezes em Ezequiel, significando simplesmente "homem" ou "homem mortal". O termo expressa fraqueza humana na presença da majestade e poder de Deus (cons. Dn. 8:17). O aramaico *bar'enosh*, "filho do homem", de Dn. 7:13, é um título messiânico. O uso que Jesus fez do título talvez tivesse a intenção de ocultar e ao mesmo tempo revelar sua verdadeira natureza (Mt. 8:20; 11:19; 16:13; Jo. 12:34; Mc. 2:10, 28; 8:31; 9:9, 12; 10:43; 14:41, etc.; cons. G. P. Gould, "Filho do Homem", HDCG, II, 665-695; e J. Stalker, "Filho do Homem", ISBE, V, 2828-2830).

2. Entrou em mim o Espírito. Embora a palavra esteja sem o artigo definido no hebraico, este é o Espírito Santo. (Quanto a uso semelhante veja 3:12, 14, 24; 8:3; 11:1, 5, 24; 37:1; 43:5). Em 11:5 e 37:1, "o Espírito do Senhor" aparece e em 11:24, "o Espírito de Deus" (cons. H. B. Swete, "Espírito Santo", HDB, II, 402-411).

3. Filhos de Israel. O TM diz *filhos de Israel*; a LXX, *casa de Israel*. Esta frase é comum a Ezequiel. **Às nações rebeldes.** O TM *gôyîm* quase sempre significa "nações pagãs". A palavra foi omitida pela LXX e pela Antiga Latina. Aparece no singular *gôy*, "nação", na siríaca. A missão de Ezequiel foi junto à nação como um todo, tanto em Jerusalém como no exílio.

4. O SENHOR DEUS. O Texto Massorético diz *Adonay Yahweh*. O hebraico antigo diz *Adonay*, "Senhor", em lugar do sagrado tetragramatom *Yahweh* (assim chamado por causa das quatro consoantes YHWH, não havendo vogais antigamente). Quando *Adonay* e *Yahweh* aparecem juntos, o hebraico traduz o tetragramatom para *Eloim*, Deus. No português o tetragramatom está representado pelas letras maiúsculas, SENHOR ou DEUS. Um aspecto raro de Ezequiel é a ocorrência do

duplo nome SENHOR Deus mais de 200 vezes. A. D. Johnson, Gehman e Kase, editores de *The John H. Scheide Biblical Papyri: Ezekiel*, defendem que apenas Yahweh, o SENHOR, deveria ser a tradução nestas passagens (págs. 48-63).

5. Que esteve no meio deles um profeta. Cumprimento é o teste da veracidade de um profeta. Veja Dt. 18:21, 22; Jr. 28: 9.

6. Sarças e espinhos. As duas palavras são *sarabîm* e *sallômîm*. O primeiro só se encontra nesta passagem do V.T, e é provavelmente uma palavra emprestada do aramaico; o último, de etimologia desconhecida, aparece também em 28:24. Em Eclesiásticos 4:2 e no aramaico, a raiz *srb* significa "contradizer". A LXX e a Siríaca traduz: "pois eles contradirão". A expressão hebraica sustenta a tradição inglesa. **Casa rebelde.** "Casa de rebelião" (*bêt merî*, como no versículo 5). Esta tradução tem o apoio de trinta e dois manuscritos hebraicos, como também da LXX e da Siríaca.

b) A Inspiração do Profeta. 2:8 – 3:3.

8. Ouve ..., não te insurjas. Cons. Jr. 1:7, 8, 17; Is. 50:5.

9. O rolo de um livro. Na Palestina e na Babilônia, as peles eram comumente usadas para códices. O rolo de Isaías encontrado na gruta do Mar Morto (I Q Isa^a) é de pergaminho, 7,38m de comprimento. (Cons. Jr. 36; Sl. 40:7; veja J.P. Hyatt, "The Writing of an Old Testament Book", BA, VI, 1943, 41-80).

10. Escrito por dentro e por fora. Literalmente, *ele estava escrito* (sobre) *a face e a parte oculta*, isto é, dos dois lados, contrariando a prática costumeira. **Lamentações**, seguindo a tradução *qinâ*, "elegia, lamento", da LXX, da Antiga Versão Latina, da Versão Árábica e do Targum, e não o masculino plural fora do comum, *qînîm*, do T.M. **Suspiros.** (Cons. Sl. 90:9). Traduzido para **trovão** em Jó 37:2. **Ais.** Esta tradução foi feita pontuando *hî* do T.M. como *hôy*, de acordo com a LXX e as Versões da Antiga Latina, Árábica e Siríaca. Antes da queda

de Jerusalém em 586 A.C., as mensagens de Ezequiel nos capítulos 1-24 são de juízo.

Ezequiel 3

3:1. Come o que achares. Literalmente, *tome conhecimento do que você achar*. O Senhor tocou na boca de Jeremias (Jr. 1:9), mas deu a Ezequiel um rolo para comer. A imanência e transcendência de Deus estão ilustradas pelos modos.

3. Dá de comer ao teu ventre, literalmente, **e enche as tuas entranhas.** Ventre e estômago (*beten* e *me'îm*), ambos são usados em relação ao "abdômen", "útero", "entranhas", e figuradamente como a "sede das emoções". A mensagem foi dada por Deus e devia ser assinalada pelo profeta a ponto de parecer dele. Embora as palavras fossem amargas, o rolo tinha um sabor doce porque o seu conteúdo era a palavra de Deus e o privilégio de ser o mensageiro de Deus é uma grande alegria. Entre as passagens que ilustram a inspiração da mente e da vontade através do "comer" da palavra de Deus e que falam da doçura dessa palavra temos: Jr. 15:16; Dt. 8:3; Sl. 19:11; 119:103; Ap. 10:9, 10. (Sobre a inspiração através do ato de beber, cons. II Ed. 14:38-41).

c) O Encorajamento do Profeta. 3:4-9.

4. Entra na casa de Israel. Esta e passagens semelhantes (por exemplo, 6:2; 7:2; 12:10, 11; 16:2; 21:7; 22:2, 3), são apresentadas como apoio para se aceitar que Ezequiel não morava na Babilônia e que tinha uma missão junto aos seus contemporâneos em Jerusalém (cons. Introd.).

5, 6. De estranho falar, e de língua difícil. Literalmente, *lábios abstrusos e língua pesada* (cons. Êx. 4:10; Is. 28:11; 33:19; e quanto a uso semelhante do genitivo de especificação, veja Ez. 16: 26; 17:3, 6, 7). A empedernida Israel muitas vezes é colocada em contraste com os pagãos desfavorecidos (cons. 5:16,17; 16:4, 5, 51; Jr. 2:10, 11; Mt. 11:24-27; Lc. 4:24-27).

7. Toda a ama de Israel é de frente obstinada e dura de coração, literalmente. (Cons. 2:4; Jr. 5:3; Is. 48:4).

8. Duro. Talvez um trocadilho como nome de Ezequiel, Deus fortalece. Cons. Jr. 1:18; 15:20.

9. Como o diamante, mais duro do que a pederneira. O hebraico *shamir* é um termo estrangeiro, possivelmente relacionado com o acadiano *asmar*, "esmeril". Também é traduzido para diamante (cons. Jr. 17:1; Zc. 7:12). Quanto à oposição entre o verdadeiro profeta e o povo, veja Amós 7:10-17; Jr. 20:7-18; 26:1-24.

d) A Missão do Profeta. 3:10-15.

11. Vai aos do cativeiro (cons. 1:1), **aos filhos do teu povo.** O hebraico *'am*, "povo", é usado, na maioria das vezes, para nação escolhida. A missão do profeta era à casa de Israel (v. 4), mas na realidade limitou-se aos exilados. Contudo faz pequenas referências às circunstâncias dos exilados.

12. Levantou-me o Espírito. Veja também 3:14; 8:3; 11:1,24; 43:5. Não são referências à levitações físicas, como em "Bel and the Dragon", versículos 36, 39; nem à clarividência; mas às experiências místicas de uma alma grandemente sensível sob a exaltação do Espírito. **Voz de grande estrondo** (*tropel*). Considerando que *k* e *m* são facilmente confundidos na escrita paleo-hebraica, Hitzig e Luzzato traduziram para: *A glória do Senhor levantou-se do seu lugar*, trocando *brwk* (*barûk*) do T.M, para *brwm* (*berûm*). Não há nenhuma referência no texto de uma antena celestial que fosse cantada ou ouvida.

13. Tatar das asas . . . que tocavam umas nas outras. Literalmente, *que se beijavam*. **O sonido dum grande estrondo** (literalmente).

14. Eu fui amargurado. Um acusativo adverbial (cons. 27:30). Ezequiel, simpatizando com a causa divina, sentiu-se amargurado e irado contra o seu povo e a sua tarefa (cons. Jr. 6:11; 20:7-11). Embora o carro se afastasse, ele sentiu a mão do Senhor que o impelia.

15. Então fui a Tel-Abibe, aos do exílio. Obedecendo a Deus, o profeta foi à colônia principal dos exilados **junto ao rio Quebar**, à antiga *Tilabûbu*, "morro das chuvaradas" (cons. Hilprecht, *Explorations in Bible Lands*, pág. 411). Quanto aos nomes das outras colônias, veja Ed. 2:59; Ne. 7:61. A frase hebraica, após Quebar, diz, *e aos que moravam ali*, ou, seguindo o *Qerê*, **e passei a morar onde eles habitavam**. Está ausente em dois manuscritos e na Siríaca. **Assentei-me ali atônito**. Literalmente, *exibindo horror*, um verbo transitivo interiormente (veja G.K., § 53d e § 67cc; cons. Ed. 9:3, 4; Dn. 9:27; 11:31).

e) A Responsabilidade do Profeta. 3:16-21.

17. Eu te dei por atalaia; isto é, um espia, ou sentinela (cons. Jr. 6:17; Is. 57:10). A vocação do profeta para ser um pastor, um atalaia das almas dos indivíduos como também da nação, está mais extensamente exposta em 18:1-32 e 33:1-20. No presente parágrafo, quatro casos são considerados – o pecador habitual que não foi advertido (v. 18), o pecador que é advertido mas não se arrepende (v. 19), o homem justo que cai mas não é advertido (v. 20), e o justo que é advertido e permanece justo (v. 21). Ezequiel é responsável pela transmissão fiel da mensagem de Deus, não por seu sucesso ou fracasso (vs. 17-19). **Morrerás** (v. 18) e **viverás** (v. 21) não foi usado no sentido mais elevado do N. T. , mas se refere respectivamente 1) a perecer na destruição do estado e ser excluído do restaurado reino de Deus, e 2) a ser preservado e entrar na bem-aventurança do reino.

20. Eu puser diante dele um tropeço. Isto só pode significar que as "tentações dos justos estão sob o controle providencial de Deus" (*Dummelow's Commentary*). Os hebreus atribuíam as tentações a Deus reconhecendo que o próprio Satanás está sujeito à vontade divina (cons. Gn. 22:1; Êx. 4:21; Jr. 6:21 ; compare II Sm. 24:1 com I Cr. 21:1).

21. Se tu avisares o justo. Isto está mais de acordo com as versões do que com o T.M., *se tu o avisares, o homem justo*. A segunda vez em

que "homem justo" aparece no T.M. não se encontra na LXX, nem na Antiga Latina e Siríaca.

f) A Coibição do Profeta. 3:22-27.

Alguns mestres entendem que esta seção indica um elemento patológico em Ezequiel: que sofresse de catalepsia ou afasia (vs. 23, 26) e que seus contrerrâneos o ataram com cordas depois que enlouqueceu (v. 25). Contudo, é melhor considerar as diversas expressões de coibição como figuras de um período de silêncio e inatividade da parte do profeta.

Possivelmente Ezequiel profetizava publicamente aos exilados depois de sua chamada e encontrou oposição. Será que esta oposição foi ocasionada por hostilidade depois da execução de certos falsos profetas que incitaram o povo à rebelião? (Cons. Jr. 29:21-23; H. L. Ellison, *Ezekiel: The Man and His Message*, pág. 31). Ele foi convocado por Deus para ir ao vale (v. 22), onde em gloriosa teofania o Senhor o instruiu a que deixasse de ser um acusador público por algum tempo (v. 2b). Ele só devia abrir a sua boca em sua própria casa àqueles que o consultassem em particular (v. 24; 26:8). Este silêncio intermitente prevaleceu desde o começo do cerco de Jerusalém (24:1, 27) até que a notícia da queda da cidade foi levada ao profeta por um fugitivo dois anos mais tarde. Então Ezequiel falou abertamente e o povo compreendeu que Deus tinha falado.

22. Para o vale. Da Babilônia. Não o lugar- da visão em 1:1 (cons. 8:4; 37:1, 2).

23. A glória do SENHOR. Veja coment. 1:28.

25. Eis que porão cordas sobre ti. Isto se refere não a magia misteriosa nem ao aprisionamento do profeta "louco", pois não se registrou nenhum ato de hostilidade, mas a coibição divina (cons. 4:8), exceto quando Ele lhe mandasse falar (vs. 26, 27).

B. A Queda da Cidade e do Estado São Preditas. 4:1 – 7:27.

Neste ciclo de ameaças o profeta prediz a queda de Jerusalém e Judá por meio de quatro atos simbólicos (4:1 – 5:17), um oráculo contra os centros idólatras do estado (6:1-14), e uma lamentação sobre a queda do reino de Judá (7:1-27).

1) Quatro Atos Simbólicos Relativos a Jerusalém. 4:1 – 5:17.

Em 4:1 – 5:4 foram registrados quatro atos simbólicos apresentando o futuro cerco de Jerusalém, com suas respectivas dificuldades e o cativo resultante. Os profetas Aías (I Reis 18), Isaías (Is. 8:20), Jeremias (Jr. 13; 14; 18; 19; 27; 28; 34; 35; 43; 51), todos fizeram uso eficiente de atos simbólicos; e Ezequiel também empregou simbolismo: 3:25, 26 ; 4:1-54; 12:3-7, 17:20; 21:11, 12; 24:3-5, 15-24; 37:15-17. Os mestres discordam quanto ao desempenho desses atos simbólicos, se foi total, em parte, ou nem foi feito. Alguns são considerados tão extraordinários ou tão ridículos que se tornam impossíveis de serem executados. Mas talvez não parecessem ridículos aos orientais. Esses símbolos devem ser considerados ilustrativos, não magia sobrenatural. Talvez enquanto o propósito dos símbolos fosse realmente completado, uma linguagem metafórica fosse usada para descrever alguns dos seus detalhes (cons. 4:3, 12; compare com 8:3. O profeta não foi levado para fora de Jerusalém literalmente pelos cabelos de sua cabeça, mas numa visão). Têm-se feito tentativas de reconstruir o capítulo para lhe dar uma ordem moral raias lógica – mas como visões poderiam ser lógicas? – e essas reconstruções são quando muito hipotéticas.

Ezequiel 4**a) Símbolo do Cerco de Jerusalém. 4:1-3.**

Nesta seção o profeta desenha sobre um tijolo de barro o esboço do cerco de Jerusalém.

1. Toma um tijolo. De barro mole, igual ao que os babilônios usavam para escrever ou desenhar com um estilete de forma piramidal.

2. Fortificações. Barreiras ou muros ou torres de vigia com rodas. A palavra *dayeq* é provavelmente aramaica. **Trincheiras** para ligar a torre com os muros da cidade sitiada. **Arraiais.** Ou destacamentos de soldados. **Aríetes.** Ou britadores. Quanto às operações, veja 17:17; 21:22; 26:8; Dt. 20:20; Mq. 4:11; Is. 29:3. Veja também o alto relevo do exército de Senaqueribe atacando Laquis (II Reis 18) nas paredes do palácio de Nínive em J.B. Pritchard, *The Ancient Near East* (Fig. 101).

3. Toma . . . uma sertã de ferro; isto é, uma assadeira. Este ato devia representar os fortes ataques do inimigo contra a cidade e dar uma idéia da barreira que havia entre Deus e o povo.

b) Símbolo da Duração do Exílio. 4:4-8.

4, 5. Deita-te também sobre o teu lado esquerdo. Com referência ao Reino do Norte, Israel. Quando se olha para o nascer-do-sol, à esquerda fica o norte e à direita o sul (cons. Gn. 14:15; Sl. 121:5). **Levarás sobre ti a iniquidade.** O texto corrigido é preferível ao T.M. Aqui Ezequiel representa Israel sofrendo a sua iniquidade e não suportando-a substitutivamente. **Trezentos e noventa dias.** Igual ao número de anos do seu castigo. A LXX dá "cento e noventa dias".

6. Deitar-te-ás sobre o teu lado direito . . . (pela) casa de Judá; isto é, pelo reino do sul. **Quarenta dias . . . cada dia por um ano** (v. 7). Igual à LXX.

7. No assunto em questão este versículo parece pertencer aos versículos 1-3.

8. Eis que te prenderei com cordas; assim não te voltarás dum lado para o outro. Não prisão física, mas a coibição divina observada em 3:25; um símbolo da perda da liberdade que aguardava o povo.

Alguns mestres defendem que uma catalepsia ou uma doença prolongada foi usada por trás desse segundo símbolo. Parece-nos melhor aceitar os comentários feitos em 3:25 e descobrir aqui uma referência

semelhante a um impedimento espiritual e físico. Quando se deitou na intimidade do seu lar, deitou-se sobre o seu lado esquerdo e direito, de acordo com as instruções divinas.

Desde a queda de Jerusalém em 586 A.C. até o primeiro retorno dos exilados em 538 A.C. passaram-se 48 anos, que em números redondos representam a duração da **iniquidade da casa de Judá** (v. 6). Sobre os 390 (ou 190) dias há um grande desacordo. As penalidades de Israel e Judá poderiam ter sido coincidentes nos últimos quarenta anos, mas qual é o *terminus a quo*? Desde a queda da monarquia em 922 A. C. até a volta em 538 são 384 anos, que se aproximam muito dos 390 anos. Talvez isto pudesse ser considerado como um período de iniquidade e castigo para o Reino do Norte. No livro dos Reis a duração total dos reinados dos reis de Judá desde Roboão até Zedequias é de 394 anos e meio; mas isto dificilmente poderia ser igualado à iniquidade ou castigo de Israel. Outros encontram alguma semelhança mística com os 430 anos da escravidão no Egito somando os 390 aos 40! Calculando a partir de 734 A.C., os ataques de Tiglate-Pileser (II Reis 15:29), até o exílio, temos 148 anos, o que se aproximaria muito dos 150 anos da LXX na frase que foi acrescentada a 4:5. Da queda de Samaria em 721 até 538 temos 183 anos, que se aproxima da figura de 190 anos na Septuaginta em 4:5, 9. Talvez os números devam ser aceitos teoricamente e não literalmente. Com o material que temos à disposição, parece-nos pouco sábio dogmatizar sobre o como os 40 e os 390 (ou 190) anos devem ser computados.

c) Símbolo da Escassez Durante o Cerco. 4:9-17.

9. O profeta devia fazer um pão misto de **trigo e cevada, favas e lentilhas** (uma planta leguminosa com sementes pequenas e avermelhadas; cons. Gn. 25:34). *Painço* (*dohan*, um hapax legomenon, provavelmente uma palavra aramaica; uma planta periódica que cresce e amadurece sem chuva e cujas sementes são trituradas em farinha e misturadas com outros cereais para fazer pão para os pobres), e espelta,

um tipo de trigo bravo (cons. II Sm. 17:28). O número dos dias que te deitares sobre o teu lado. A não ser que consideremos que esta é uma intromissão do símbolo anterior, parece que o segundo e terceiro símbolos foram encenados simultaneamente. O profeta não poderia ter sido literalmente atado sobre o seu lado e também colhido os cereais para fazer o pão.

10. A tua comida será por peso, vinte siclos por dia. Um siclo tem 11,5 gr. Sua ração alimentar era portanto de cerca de 230 gr. por dia.

11. Água . . . a sexta parte de um him. Aproximadamente 1 litro.

12. Esterco. Pão cozido sobre esterco de homem seria nojento e poluído (cons. Dt. 23:12-14; Lv. 5:3; 7:21).

13. Comerão . . . o seu pão imundo, entre as nações. As nações estrangeiras e seus produtos eram considerados impuros (cons. Amós 7:17; Os. 9:3, 4).

14. Contaminada. Sendo membro da família sacerdotal, Ezequiel tinha observado as leis dietéticas (cons. Êx. 22:30; Lv. 7:18, 24; 17:11-16; 19:7; 22:28; Dt. 12:16; 14:21). O versículo 14 é uma das poucas orações registradas neste livro.

15. Ezequiel recebeu a permissão de substituir o esterco humano por esterco de vacas, que ainda hoje em dia é usado como combustível pelos beduínos e felás da Arábia e Egito.

16. Tirarei o sustento de pão. Cons. 12; 17-19; 14:13; Lv. 26:26. 17. E se consumirão nas suas iniquidades. Cons. 24:23; 33:10; Lv. 26:39.

Ezequiel 5

d) Símbolo da Destruição dos Habitantes de Jerusalém. 5:1-4.

1. Toma uma espada afiada; como navalha de barbeiro a tomarás, segundo a Siríaca, a Teodociana, Symmachus e Antiga Latina. **Barbeiro.** O nome é *gallab*, do acadiano *gallabu*, através do fenício ou qualquer outro dialeto cananita. Um *hapax legomenon*. **E a farás passar pela tua cabeça e pela tua barba.** Figura da cidade que seria varrida dos seus

habitantes (com. Is. 7:20; Jr. 41:5). **Tomarás uma balança de peso.** "A justiça divina é exata" (A. B. Davidson).

2. Queimarás no fogo. Um terço do cabelo devia ser queimado, em sinal dos que seriam consumidos pela peste e fome; um segundo terço devia ser ferido com a espada, que seria o destino de muitos habitantes; e a terceira parte devia ser espalhada pelo vento, uma figura dos exilados esparsos (cons. v. 12).

3. Uns poucos . . . nas abas da tua veste, isto é, do seu manto. Uma referência aos remanescentes piedosos. Com referência a outras alusões aos remanescentes, em Ezequiel, veja 6:8; 10; 9:8; 11:13.

4. Tomarás alguns, e os lançarás no meio do fogo. Mesmo este remanescente pequenino seria sujeito a provações adicionais.

e) Explicação dos Símbolos. 5:5-17.

5. Jerusalém . . . no meio das nações. Isto não se refere ao igualar de Jerusalém com o "centro da terra" dos últimos escritores apocalípticos, rabínicos e cristãos (cons. Enoque 26:1, 2; O Livro dos Jubileus 8:12, 19). Israel, é verdade, localizava-se no meio das rotas de tráfego que ligavam a Ásia, África e Europa; mas mais especialmente ela era o centro da escolha e cuidado providenciais de Deus (cons. Êx. 19:5, 6; Dt. 7:6-8; 14:2; 26:19).

6. Ela, porém se rebelou. Esta tradução do T.M. é preferível ao das traduções, e ela foi mudada (Teodociana, Symmachus, Samaritana, Targum e AV). A raiz é *marâ*. Quanto a hediondez do pecado de Israel, veja 16:47, 48; Jr. 2:10, 11; 18:13.

7. Porque sois mais rebeldes. Böttcher liga o *hamonkem* (raiz *hamâ*, "rugir, ser turbulento") do T.M. ao *hamrôtkem* (raiz *marâ*, como no v. 6), "por causa de sua rebeldia ostentosa". **Nos meus estatutos.** Apoiado pela LXX, a Antiga Latina e Siríaca. **Cumprido.** O "não" do T.M. foi omitido por cerca de trinta manuscritos hebraicos e a Siríaca.

8. À vista das nações (lit. *olhos*). Deus vindicará a Sua santidade diante do mundo (cons. 20:9,14, 22, 41; 22:16; 28:25; 38:23; 39:27).

9. O que nunca fiz. Castigos sem paralelo adviriam a Israel da parte do Senhor (cons. Lm. 1:12; 2:20; 4:6).

10. Os pais comerão a seus filhos. Canibalismo (cons. II Reis 6:24-29; Lv. 26:29; Dt. 28:53; Lm. 4:10).

11. Profanaste o meu santuário. Veja capítulo 8 com referência aos detalhes. **Eu retirarei** (*'egda*). A tradução da RSV (*derrubarei*) segue dez manuscritos hebraicos, como também a Symmachus, o Targum, a Vulgata e o Texto Massorético.

12. Uma terça parte . . . morrerá. Estes juízos se referem ao versículo 2 (cons. Jr. 14:12).

13. E me consolarei. Forte antropopatia. "Eu me consolarei", vingando-me (cons. Is. 1:24). **No meu zelo.** O "ciúme" divino incita-o a punir a deslealdade descuidada do Seu povo (16:38, 42) e a restaurá-lo para que os pagãos não duvidem do Seu poder (36:5, 6; 38:19; 39:25-29). A solene asseveração, "Eu, o Senhor, falei", aparece nos versículos 13, 15, 17; 17:21, 24; 21:17, 32; 23:34; 24:14; 26:14; 30:12; 32:24; 36:36; 37:14; 39:5; e em outros lugares em fraseologia muito parecida com esta.

15. Serás objeto de opróbrio. Esta é a tradução da LXX, da Siríaca, da Vulgata, do Targum, que está de acordo com o restante do versículo.

16. Quando eu despedir . . . contra eles. Esta tradução difere apenas em uma letra – *bakem* em lugar de *bahem* – do T.M.

17. "Os quatro penosos atos do juízo", fome, bestas-feras, peste e espada, também aparecem em 14:20. Veja tb. Lv. 26:22-26; Dt. 32; 24, 25; Ap. 6:7, 8. Os juízos sobre Israel têm significado para o mundo (Ez. 5:5-8); para Israel (5:13-17); e para os sobreviventes (6:8-10).

Ezequiel 6

2) Um Oráculo Contra as Montanhas de Israel, Sede de Idolatria. 6:1-14. Enquanto o profeta acusa Jerusalém nos capítulos 4-5, neste capítulo ele acusa a nação.

a) O Destino dos Altos. 6:1-7.

2. Os montes de Israel. Eles formavam o principal aspecto topográfico da terra de Israel. A frase é peculiar a Ezequiel. Veja também 6:2, 3; 19:9; 33:28; 34:13, 14; 36:1, 4, 8; 37:22; 38:8; 39:2, 4, 17. Em 36:1-15, o profeta descreve a felicidade das montanhas sob o novo reino.

3. Montes . . . outeiros . . . ribeiros . . . vales são aspectos físicos diferentes das planícies niveladas da Babilônia. Eram também a sede da idolatria de diversos tipos (Amós 7:9; Os. 4:13; Jr. 2:20, 23; 7:31, 32; Is. 57:3-12; Zc. 12:11; Ml. 2:10, 11). O curso da idolatria fora refreada em Israel por líderes tais como Samuel, Davi, Asa e Ezequias. Manassés reintroduziu muitos tipos de cultos pagãos. Josias ocupou-se de uma reforma de longo alcance em 622 A.C. (II Reis 23: 13.20), mas seus sucessores não prosseguiram com a sua obra. Altos. Para uma descrição dos lugares altos, veja W.F. Albright, *Archaeology and the Religion of Israel*, págs. 92, 105.107; G.E. Wright, *Biblical Archaeology*, págs. 113, 114.

4. Altares de incenso. Não "imagens do sol" das versões mais antigas. Veja também Lv. 26:30; II Cr. 14:3; 34:4, 7; Is. 17; 8; 27; 9; Ez. 6; 4, 6. Pequenos altares de calcário, com um chifre em cada canto, e suportes de cerâmica para a queima de incenso foram encontrados em Megido. Um exemplar com inscrições encontrado em Palmira na Síria forneceu a identificação do *hamman* (cons. Albright, *op. cit.*, págs. 144-147, 215; Wright, *op. cit.*, págs. 113, 114). **Vossos ídolos.** O hebraico *gillûlîm* aparece trinta e nove vezes em Ezequiel e só nove vezes no restante do V. T. A raiz significa enrolar, mas a origem específica desta expressão de desprezo é obscura.

5. Espalharei os vossos ossos. Era um método de profanar altares (cons. II Reis 23:16).

6. Para que os vossos altares sejam destruídos. Esta tradução segue a tradução de *weyeshammû* da Symmachus, a Siríaca, o Targum e a Vulgata, em lugar de *weyeshamû*, "e serão culpados" do T.M.

7. Para que saibais que eu sou o SENHOR. Esta declaração, com suas variantes, a frase mais característica de Ezequiel, aparece mais de sessenta vezes no livro. O Senhor está identificado como o Deus verdadeiro, a única divindade.

b) Um Remanescente Poupado. 6:8-10.

8. Mas deixarei um resto. "Ele tempera o juízo com "a graça" (Flack; cons. sobre 5:3).

9. Pois me quebrantei por causa do seu coração dissoluto. Tradução de *shabartî* (segundo Áquila, Symmachus, Teodósio, o Targum e a Vulgata) em lugar de *nishbartî* do T.M., "pois me quebrantei". Literalmente, *seu coração que esteve cometendo adultério*. Compare as alegorias de Ezequiel 16 e 23. *E cegou os seus olhos* (RSV). Este verbo é necessário para expandir o severo *zeugma* literal, "quebrantar seu coração e olhos".

10. Debalde. O hebraico *hinnam* (um *hap. leg.* cons. o *annâma* assírio, "em vão"), um substantivo usado como advérbio, de hen; assim, "gratuitamente, por nada, em vão".

c) Desolação Total. 6:11-14.

As repetições neste parágrafo são características de Ezequiel e enfatizam sua função de atalaia.

11. O profeta deve exultar diante do castigo às abominações de Israel (cons. 21:14, 17; 22:13; 25:6) e exclamar: Ah! (cons. 25:3; 26:2; 36:2).

12. O que estiver longe . . . o que estiver perto. O juízo não virá apenas sobre a Palestina mas a todos os judeus. idólatras onde quer que estejam. **O que ficar. . . cercado,** ou antes, preservado (lit. observado; com. Is. 26:3). Os sobreviventes morrerão de fome.

13. Debaixo de toda árvore frondosa, debaixo de todo carvalho espesso. Literalmente, . . . *terebinto folhudo*. O terebinto (*'elâ*) é uma árvore decídua com folhas peniformes e frutinhas vermelhas (*Pistacia*

terebinthus), que geralmente atinge uma altura de 12,31m e tem galhos espalhados. Produz uma espécie de terebintina. O versículo se refere ao culto da deusa da fertilidade (cons. Os. 4:13). **Suave perfume.** No hebraico, *perfume confortante*, isto é, odor tranqüilizante de sacrifícios que se elevam (Gn. 8:21; Êx. 29:18, 25, 41; Lv. 1:9). Usado em referência a ídolos, aqui e em 16:19; 20:28.

14. Farei a terra tornar-se desolada . . . desde o deserto até Ribla (de acordo com as variantes da Bíblia Massorética de Ginsberg e no Códice Metropolitano de 916 d. C.); isto é, desde as fronteiras no extremo sul às fronteiras utópicas do norte (cons. Nm. 34:11, 12). O T.M. e a LXX dizem *desde o deserto de Diblata*. Não se conhece tal lugar, nem poderiam as cidades moabitas mencionadas em Nm. 33:45; Jr. 48:22 serem locais lógicos para este contexto. O nome da cidade está no acusativo (ou *diretivo*). Michaelis, destacando a freqüente confusão entre as letras *d* e *r* tanto nos caracteres arcaicos quanto nos regulares, admite que seja Ribla, uma cidade a 80 quilômetros ao sul de Hamate sobre o Rio Orontes (veja também II Reis 23:33; 25:20, 21; Ez. 48:11).

Ezequiel 7

3) Lamentação por Causa da Queda de Judá. 7:1-27.

Ezequiel 7 é o clímax dos capítulos 4-6. Parcialmente lírico, parcialmente homilético, declara que chegou o momento do castigo final de Israel. Quatro oráculos curtos de desgraça dão início ao capítulo (vs. 1-18) com o tema repetido, "chegou o fim" (vs. 2.4), "chegou o mal" (vs. 5-9), "chegou o dia" (vs. 10, 11), "chegou o momento" (vs. 12, 13). As cenas finais da desolação do estado (vs. 14-27) descrevem a inutilidade da defesa (vs. 14-18), a riqueza da cidade se tornando a presa do invasor (vs. 19-22), e a estupefação tomando conta de todas as categorias sociais (vs. 23-27). A cidade (vs. 13-15), o rei (v. 27), o Templo (vs. 20-22), e o inimigo (v.24) são todos mencionados de maneira enigmática. O capítulo abunda em repetições e o hebraico apresenta muitos problemas textuais.

a) Quatro Oráculos Sobre a Desgraça. 7:1-13.

2. O fim vem sobre os quatro cantos da terra. Esta profecia se restringe a Israel (vs. 1, 3, 7. Cons. Amós 8:2; Jr. 19:22).

3. Enviarei . . . a minha ira. Cons. Jó 20:23; SI. 78:49. **E te julgarei.** Literalmente, *e darei* (ou porei) *sobre ti todas as tuas abominações* (cons. vs. 4, 8, 9; 23:49). Levar a culpa era parte do castigo.

4. Os meus olhos não te pouparão. Cons. 5:11; 7:9; 8:18; 9:10. Embora a linguagem dos versículos 5-9 se aplique à queda de Judas, tem semelhanças com passagens escatológicas, como, por exemplo, 30:3; Joel 1:15; MI. 4:1; Dn. 12:1.

5. Mal após mal. Esta tradução, encontrada em trinta manuscritos hebraicos e no Targum, deriva-se da tradução de '*ahar*, "depois" em lugar de '*ahat*, "um", do T.M. (lit. um mal, chegou um mal). Cons. v. 26.

6. O fim, despertou-se. Um exemplo de paronomásia, ou jogo de palavras, *haqqes heqqîs*. Paronomásia semelhante aparece em Amós 8:2 sobre "fruto de verão" e "fim", *qayis* e *qes* (*cai o fruto . . . Israel cairá*) e Jr. 1:11 sobre "amêndoa" e "vigiando", *shaqed* e *shoked* (*uma árvore despertada . . . estou desperto*).

7. Tua sentença (AV, *manhã*). Esta tradução de *sepîrâ* admite uma raiz igual à cognata acadiana *sapâru* "destruir", que o significado "diadem" de Is. 28:5, ou *manhã* da AV baseada no aramaico *saphrâ*, "madrugada". **É chegado o dia.** Cons. o versículo 10. No pensamento popular, "o dia" significava a vitória de Israel sobre seus inimigos (cons. Is. 9:3; Os. 2:2; Ez. 30:9), mas os profetas destacaram seus aspectos relacionados com o juízo de Israel (Amós 5:18; Is. 2:12 e segs.; 13:9; Jr. 30:7; Ez. 7:19; 13:5; 36:33; MI. 4:1). Um desenvolvimento posterior atribuído ao "dia de Jeová", a derrota do paganismo (Jr. 46:10; Ez. 30:2 e segs.; 38:10, 14; 39:8, 11, 13; Zc. 14:3) e a introdução da nova ordem, o governo de Deus (Ez. 39:22; MI. 4:2). **Da turbação, e não da alegria, sobre os montes.** *Ruído de batalha* e não (alegres) *gritos das montanhas* (lit.). O T.M. é obscuro.

8,9. Estes versículos são virtualmente uma repetição de 3, 4.

10. Eis o dia. Cons. o versículo 7. Já floresceu a mora. O Texto Massorético diz *matteh*, "vara". Substituindo outros pontos vocálicos obtém-se *mutteh*, "justiça pervertida" (cons. 9:9). Isto faz paralelo com reverdeceu a soberba. São provavelmente referências ao poder governante de Jerusalém.

11. Nada restará deles. O texto hebraico aqui é incerto. (Veja T.H. Gaster, "Ezekiel and the Mysteries", JBL, 60 (1941), 299).

12, 13. Propriedades têm pouco valor tanto para **o que compra** como para **o que vende** quando há ameaça de exílio (Is. 24:2).

13. Porque a ira . . . está sobre toda a multidão (RSV). Traduzir *harôn*, "ira" (cons. v. 12b), por *hazôn*, "visão", do T.M. A segunda metade do versículo diz literalmente, *e um homem – na sua iniquidade (é) sua vida – eles não se fortalecerão*.

b) Cenas Finais da Desolação do Estado. 7:14-27.

14. Prepararam tudo. Uma forma anômala do infinitivo absoluto usado como continuação do verbo finito precedente (cons. Is. 5:5. Gesenius - Kautzsch, *op. cit.*, 72z, 113zN). **Porque toda a minha ira.** Cons. versículos 12, 13.

15. Espada . . . fome . . . peste. Cons. 5:2, 12; 6:12; 33:27; Jr. 14:18; Lm. 1:20.

16. Como Pombas . . . gemendo. Literalmente, *murmurando* ou *resmungando* (cons. Is. 38:14; 59:11). A tradução siríaca, *Todos eles morrerão, cada qual por causa de sua própria iniquidade*, parece prematura à vista dos versículos seguintes.

17. Aqui se descreve paralisia de força. Cons. 21:7; Is. 13:7; Jr. 6:24.

18. Cingir-se-ão de . . . saco . . . e calva em todas as cabeças. Eram usados para lamentar tragédias (27:31; Is. 15:2, 3; Jr. 48:37) e para chorar os mortos (Gn. 37:34; Jr. 16:6; Mq. 1:16). Os hebreus estavam

proibidos de cortar os cabelos em memória dos mortos (Lv. 21:5; Dt. 14:1; Ez. 44:20).

19. O seu ouro lhes será como sujeira. Literalmente, *como impureza*, isto é, a impureza cerimonial da menstruação (Lv. 15:19 e segs.; Ez. 18:6); ou de se tocar em um cadáver (Nm. 19:13, 20, 21); e aqui em se tratando de idolatria (cons. v. 20 e 36:17). Ezequiel "tem a suspeita neotestamentária sobre o dinheiro" (Lofthouse, *op. cit.*, pág. 92). **A sua prata . . . o seu ouro . . . não saciarão a sua fome.** Cons. Lm. 1:11; 2:11, 12, 19, 20; 4:4, 8-10; II Reis 6:25. Era **o tropeço** que causou a sua ruína (cons. 14:3; 18:30; 44:12).

20. De tais precisas jóias. Antes, *seus lindos ornamentos* (de acordo com a Siríaca, Symmachus e o T.M.). **Fizeram.** Antes, *usaram para vanglória*. Traduza-se *samuhû* (de acordo com a LXX, a Antiga Latina de Dold, a Siríaca e a Vulgata) em lugar *samuhû* do T.M. **Fabricaram suas abomináveis imagens de prata e ouro.** Cons. 16:16, 17; Os. 2:8; 8:4.

21. E o entregarei na mão dos estrangeiros. . . e aos perversos. Uma referência aos caldeus (cons. v. 24; 11:9; 28:10; 30:12; 31:12). Eles o profanarão, isto é, o ouro dos ídolos pelo uso comum.

22. O meu recesso (lugar secreto). A raiz significa esconder, entesourar. Aqui a idéia é de ambos, "segredo" e "precioso". Provavelmente é uma alusão ao Templo (cons. 24:21, 25; Lm. 2:1). Profanadores. Os saqueadores caldeus.

23. Faze uma desolação (RSV). A LXX anexa a frase ao final do versículo 22, dando, "e eles farão confusão". A tradução do T.M., **faze cadeia** (para os prisioneiros) não dá sentido.

24. Os piores de entre as nações. Os caldeus (veja também v. 21; 28:7; 30:11; Jr. 6:23; Hc. 1:6, 7, 13). **A arrogância.** *O orgulho de sua força* (de acordo com um manuscrito hebraico, a LXX, a Antiga Latina de Dold, a Arábica e costumeira frase de Ezequiel; cons. 24:21; 30:6, 18; 33:28). A tradução do T.M. é *a arrogância dos valentes*. **Seus lugares santos serão profanados.** Uma referência aos relicários locais. As

vogais pontuadas em lugares santos apresentam uma forma participial, "aqueles que os santificam", que pode ser facilmente corrigida.

25. Vem a destruição. Literalmente, *vem o estremecimento*.

26. Virá miséria sobre miséria. A palavra hebraica *howâ*, "desastre, ruína", é diferente da palavra do versículo 5, *ra'â*, "mal" (cons. Jr. 4:20). **Profetas** com oráculos do Senhor, sacerdote com a instrução da Lei e os **anciãos** com o seu conselho em assuntos civis pareciam mudos (cons. Jr. 18:18; Lm. 2:9).

27. O rei . . . o príncipe . . . o povo também se sentiam incapazes. Ezequiel se refere a Joaquim (17:12), aos reis do passado (43:7, 9) e ao futuro governante (37:22, 24) chamando-os de **rei**, mas ele não usa o título em relação ao reinante Zedequias (12:12; 21:25). **Príncipe** é a designação para o chefe da nova comunidade (45:7, 8, 10, 17, 22 ; 46:2 e segs., 16 e segs.; 48:21, 22), da qual só Jeová é o rei. Usou-se em relação membros da classe governante em 21:2; 22:6. **O povo da terra.** Aqui, o de Israel em geral (*'am ha' ares*; 12:19; 33:2; 39:13; 46:3,9). No período o termo foi usado com desprezo quando se tratava de outra gente e não os hebreus, na Palestina (Ed. 4:4; 10:2,11; Ne. 10:31). No Mishna significa a multidão vulgar que não conhece a Lei (cons. *Aboth* ii, 5; João 7:49). E com os seus próprios juízos. Assim dizem vinte manuscritos hebraicos e a Vulgata. O T.M. diz e em seus próprios juízos.

C. O Pecado e o Destino de Jerusalém. 8:1 – 11:25.

O profeta é transportado em Espírito a Jerusalém, onde em visão ele vê e descreve quatro formas de idolatria praticadas no Templo (cap. 8), a matança dos habitantes idólatras pelos vingadores divinos (cap. 9), a destruição de Jerusalém pelo fogo (cap. 10), e o abandono da cidade e do santuário pelo Senhor, junto com a predição da restauração (cap. 11).

Ezequiel 8

1) Visão das Quatro Abominações Praticadas no Templo. 8:1-18.

Neste capítulo se descreve a idolatria e a superstição praticadas em público e em particular por todas as categorias sociais. O contraste entre o Deus glorioso e santo e este culto degradante é espetacular.

a) A Imagem do Ciúme. 8:1-6.

1. No sexto ano. Esta visto é datada quatorze meses mais tarde que o da vocação de Ezequiel (1:1, 2) em cerca de agosto/setembro de 591 A.C. **Estando eu sentado em minha casa, e os anciãos de Judá assentados diante de mim.** Os líderes representativos dos exilados ou do *gôlâ* são freqüentemente mencionados (cons. 11:25; 14:1; 20:1, 3). **A mão do SENHOR Deus** pôs Ezequiel em estado de transe (cons. 1:3; 11:5).

2. Uma figura como de fogo. A tradução da LXX de homem, *'ish*, é preferível a "fogo", *'esh*, do T.M. e concorda com a descrição de 1:26, 27.

3. O Espírito . . . me levou a Jerusalém em visões de Deus. Somos claramente informados de que essas visões (v. 3; 11:24; veja 3:12) eram uma espécie de "sexto sentido" e não levitações físicas (cons. II Reis 5:26; 6:8-12; Is. 21:6-10). Compare com Bel e o Dragão, versículos 33-39, onde o anjo de Deus transporta Habacuque fisicamente de Judá até a Babilônia pelos cabelos de sua cabeça.

Até a entrada da porta do pátio de dentro. O pátio de dentro era o pátio do templo propriamente dito (v. 16; 10:3; I Reis 6:36; 7:12). O pátio do meio, em um nível mais baixo, continha o palácio (I Reis 7:8; II Reis 20:4). Em um nível ainda mais baixo ficava o grande pátio ou o pátio externo, que rodeava todo O conjunto do palácio (Ez. 10:5; I Reis 7:12. Veja descrição e plano, W. S. Caldecott, "Templo", ISBE, V, 2932 e seguintes). Nos antigos templos a entrada era uma construção coberta contendo uma porta (vs. 3, 5, 7).

Onde estava colocada a imagem dos ciúmes, não os "ciúmes" propriamente ditos, mas (aquilo) "que prova o ciúme" (cons. 5:13; 16:38, 42; 36:6; 38:19; Dt. 32:21). Talvez fosse uma imagem de Asera, a deusa-mãe dos cananeus, entronizada por Manassés (II Reis 21:7) e

subseqüentemente destruída por Josias (II Reis 23:6). Albright defende que a limagem ou um altar esculpido (heb., *semel*; só usado aqui e em Ez. 8:5; Dt. 4:16; II Cr. 33:7, 15). Semelhantes aos que foram encontrados na Síria, na Ásia Menor e Mesopotâmia, eram colocados em nichos na parede (veja *Archaeology and Religion of Israel*, págs. 105, 166, 221). Estariam as mulheres chorando por Tamuz porque o nicho estava vazio (v. 14)?

4. A glória do Deus de Israel. Veja comentário referente a 1:28.

5. Eis que da banda do norte, à porta do altar, estava esta imagem dos ciúmes. A porta do norte era a mais freqüentemente usada, pois os edifícios do palácio ficavam ao sul e a leste.

6. Abominações . . . de Israel estavam causando o afastamento de Jeová do **santuário** (cons. 11:1, 22, 23). **Verás ainda maiores abominações.** Veja versículos 13, 15.

b) A Idolatria Secreta dos Anciãos. 8:7-13.

7. À porta do átrio é ao que parece a entrada externa da porta que dava para o pátio interno (cons. v. 3).

8, 9. Ele viu um buraco na parede, foi ordenado a que cavasse através da parede e ali viu uma porta, através da qual recebeu ordem de passar.

10. Pintados (lit. , *esculpidos*; 23:14) **na parede em todo o redor** (enfático, **em todo o redor, em todo o redor**) havia "toda forma" de **répteis**. Albright (*op. cit.*, pág. 166) vê aqui um culto sincretista de origem egípcia, enquanto que outros acham que é de influência babilônica, ou um primitivo culto cananita. **Ídolos.** Os ídolos de 6:4.

11. Setenta homens. Provavelmente um número redondo dos cidadãos proeminentes do Exílio (cons. Êx. 24:1; Nm. 11:16, 24, 25). **Jazaias.** Aparentemente um homem muito conhecido. Se este homem era **o filho de Safã**, que ajudou na reforma de Josias (II Reis 22:3-10; Jr. 26:24; 29:3; 36:10-12; 39:14), ele corrompeu grandemente a fé de sua

família. **O aroma.** A palavra hebraica *athar* é um *hapax legomenon* e seu significado é suposto do contexto e das versões.

12. Nas trevas; isto é, em segredo. **Cada um nas suas câmaras pintadas.** Câmara tem o apoio da LXX, a Siríaca, o Targum e a Vulgata. *Em sua câmara secreta* é a tradução da LXX, da Siríaca e da Vulgata. *Na câmara de sua habitação*, isto é, "no Templo", parece ser a tradução do Targum. Talvez tudo isto signifique "em sua imaginação".

Duas razões são dadas para suas práticas: **O SENHOR não nos vê; o SENHOR abandonou a terra.** Cons. 9:9; Sl. 94:7.

c) Mulheres Chorando por Tamuz. 8:14, 15.

14. Tamuz. Este deus tem sua origem no Dumuzi sumeriano, o deus do oceano subterrâneo e uma divindade pastoral, cuja irmã consorte, Inana-Ishtar, desceu ao mundo dos mortos para tomar a trazê-lo à vida. Em sua adoração encontramos semelhanças com o Osíris egípcio, o Baal cananeu e o Adônis sírio. Gebal ou Biblos, 36,6 quilômetros ao norte de Beirute, era o grande centro da adoração a Adônis. A morte noturna do deus, a morte do deus antes da descida do inverno, ou a morte prematura do deus com o verão escaldante são variações do tema da morte e da ressurreição. A lamentação pelo deus era seguida por uma celebração da ressurreição. Sacrifício humano, castração, virgindade e relações sexuais faziam parte dos rituais em uma e outra ocasião (veja S. Langdon, *Mythology of All Races: Semitic*, págs. 336-351, e *passim*). Aqui, as mulheres judias se vêem ocupadas em rituais fúnebres do nuto vegetativo que envolvia a adoração de Tamuz. Talvez haja alusões a Tamuz em Dn. 11:37 e Zc. 12:11.

d) Adoradores do Sol no Pátio Interno. 8:16-18.

16. No átrio de dentro da casa do SENHOR, perto da entrada do templo ... entre o pórtico, no extremo leste do Templo (I Reis 6:3) e **o altar** dos holocaustos (I Reis 8:64), havia cerca de vinte e cinco homens. Isto dá a idéia de que eram sacerdotes (cons. Joel 2:17), os vinte

e quatro líderes dos turnos dos sacerdotes (I Cr. 24:5 e segs.) e o sumo sacerdote (*Keil*). Esses homens são chamados "anciãos" em Ez. 9:6, mas Jeremias também refere aos "anciãos dos sacerdotes" (Jr. 19:1) ou "sacerdote superiores" (RSV). Ao adorarem **o sol virados para o oriente**, naturalmente ficavam de costas para o Templo. Quanto à referências à adoração do Sol, veja Dt. 4:19; II Cr. 14:5; II Reis 23:5; Jr. 44:17 (?); Jó 31:26.

17. Encham de violência a terra. A palavra **violência** pode significar atitudes erradas para com o homem e também para com Jeová (7:23; 12:19; 22:26; cons. 11:1-13). **Ei-los a chegar o ramo ao seu nariz.** O significado é incerto. Alguns encontraram uma referência ao uso zoroástrico de ramalhetes de ramos de murta, ou os sagrados raminhos *barsom* que os parsas seguravam enquanto oravam, ou mesmo a símbolos fálicos.

18. Pelo que também eu os tratarei com furor. Cons. 5:11; 7:4, 9; 9:5, 10.

Ezequiel 9

2) Visão dos Habitantes Mortos pelos Vingadores Divinos. 9:1-11.

1. Chegai-vos, vós executores da cidade. O substantivo abstrato hebraico "visitação" deve ser tomado no sentido concreto no plural – "supervisores, oficiais, executores" (por exemplo, 44:11; II Reis 11:18; Jr. 52:11). **Cada um com as suas armas destruidoras na mão . . .**

2. Eis que vinham seis homens. Agentes sobrenaturais em forma humana. **Porta superior, que olha para o norte.** Esta porta foi mencionada em 8:14 e talvez em 8:3, 5, 7. Cons. II Reis 15:35; Jr. 20:2, 10; 36:10. **Cada um com as suas armas destruidoras na mão.** Certo homem vestido de linho. Vestimentas brancas sugerem santidade e eminência divinas (cons. Dn. 10:5; 12:6, 7; Ap. 15:6). Com **um estojo de escrevedor.** Expressão que aparece só aqui e nos versículos 3, 5, 11. A palavra parece ser uma palavra emprestada do egípcio. Era um estojo com penas de bambu, um recipiente para tinta que era carregado junto ao

cinto ou faixa (cons. J. P. Hyatt, "The Writing of an Old Testament Book", BA, VI (1943), págs. 78, 79). O aparecimento de sete anjos é comum; veja Ap. 8:2, 6; 15:6; Enoque 20:1-8; 81:5; 87:2; 90:21; 22. Não passa de conjectura a explicação de que o seu número é equivalente aos deuses dos sete planetas (incluindo o sol e a lua). **E se puseram junto ao altar de bronze.** Fora construído por Salomão (I Reis 8: 64; II Cr. 4:11 e foi mais tarde substituído pelo altar de pedra de Acáz (II Reis 16: 14).

3. A glória do Deus de Israel se levantou do Querubim. Alguns dizem: *dos querubins no lugar santíssimo no Templo.* O texto implica em que Jeová se aproximou da soleira (9:3), enquanto os querubins e o trono vazio aguardaram (10:3) até que o Senhor voltou a se assentar e partiu (10:18).

4,5. O Senhor ordenou ao homem com o estojo de escrevedor que marcasse **com um sinal a testa** daqueles que choravam os pecados da cidade, enquanto os demais deviam ser mortos indiscriminadamente pelos seis executores. Aqui a palavra **sinal** é *taw* (no inglês, "t"), a última letra do alfabeto grego, escrita na antiga forma de uma cruz. Compare o "sinal" dado para proteger a Caim (Gn. 4:15); o sangue na verga e nas ombreiras da porta na noite da primeira Páscoa (Êx. 12:23); e o selo dos santos de Deus (Ap. 7:3-8; 9:4; 14:1; 22:4). Orígenes e Jerônimo encontraram significado místico no sinal.

6. A matança era para dizimar todas as categorias sociais incluindo crianças (compare com Jonas 4:11), mas não devia tocar **a todo homem que tiver o sinal.** Ezequiel costuma destacar a doutrina da responsabilidade pessoal pelo pecado (cons. 3:19; 14; 18; 33). Tal como Elias, ele descobriu que não se encontrava sozinho em sua lealdade para com Deus (I Reis 19:18). **Começai pelo meu santuário.** Onde a mais vulgar idolatria fora levada avante. Nem Ezequiel nem Jeremias se apegaram à inviolabilidade do Templo (Cons. Jr. 7:4 e segs.; I Pe. 4:17).

7. Contaminai a casa. O Templo foi profana o com a matança. Compare com o que realmente aconteceu, II Cr. 36:17,18. Veja também

Ap. 14:9-11, onde aqueles que receberam o sinal da besta (Ap. 13:16-18) foram sujeitos a tormentos divinos.

8. Dar-se-á . . . que destruas todo o restante de Israel. De tal modo Ezequiel se identificou com a ira do Senhor contra o pecado que raramente encontramos expressões de piedade nele. Veja, contudo, 11:13; 24:15 e segs. Compare com as intercessões de Abraão (Gn. 18:23-32), Amós (Amós 7:1-6), Jeremias (Jr. 14; 15).

9. A culpa da terra estava no derramamento de sangue e na perversão da justiça (cap. 22). O povo sentia que podia pecar impunemente, proclamando, **O SENHOR abandonou a terra e o SENHOR não nos vê.** Todos os profetas faziam Israel se lembrar de que o Deus justo quer um povo justo, e que a calamidade nacional é um castigo para o pecado nacional.

10. Os meus olhos não pouparão. Veja também 5:11; 7: 4, 9; 8:18; 9:5; Is. 5:25 e segs.; Amós 1:3, 6 e segs.

11. O homem que estava vestido de linho. O anjo "secretário" declarou que já trilha executado sua tarefa, e o silêncio sinistro com referência aos seis executores implicava na execução de suas tarefas também.

Ezequiel 10

3) Visão de Jerusalém Destruída pelo Fogo. 10:1-22.

A porção da narrativa do capítulo compreende os versículos 2-4, 6, 7, 18, 19 e fica completada por 11:22-25. O restante do capítulo contém descrições do carro-trono muito parecidas às do capítulo 1. O anjo escrevedor recebe fogo dos querubins para queimar a cidade e a glória do Senhor afasta-se para a porta externa oriental do pátio externo.

1. Olhei. Cons. 1:26. O trono estava vazio (cons. 9:3) e o carro aguardava o retomo do Senhor (10:3, 18).

2. O Senhor se dirigiu ao homem vestido de linho que, neste capítulo se torna o agente da destruição. *Vai por entre as rodas rodopiantes* (RSV). O hebraico *galgal*, "redemoinho" tem sido usado

referindo-se a carros (23:24; 26:10); rodas (Is. 5:28; Jr. 47:3); e dos redemoinhos (Sl. 77:18; 83:13). Aqui a palavra está no singular e no coletivo, descrevendo todo o conjunto de rodas. **Debaixo dos querubins.** A LXX, a Siríaca e a Vulgata dão o plural querubins enquanto o T.M. dá o singular *querubim*, mas o singular pode ser usado no sentido coletivo, como acontece com referência aos "seres viventes" dos versículos 15, 17, 20. **Brasas acesas . . . espalhadas sobre a cidade.** Deus propôs-se a destruir Jerusalém. Compare o acontecimento com o registro de II Reis 25:9. Sodoma e Gomorra também foram destruídas por Deus (Gn. 19:24).

3. Os querubins estavam ao lado direito (literalmente) **da casa;** isto é, do Templo. E a nuvem encheu o átrio interior, indicando a Presença Divina (cons. v. 4; Êx. 33:9, 10; I Reis 8:10, 11; Is. 6:1).

4. Então se levantou a glória do SENHOR. A primeira metade do versículo é uma repetição do ato descrito em 9:3.

5. O tatarar das asas dos querubins. Cons. 1: 24.

6. E se pôs junto às rodas. Cons. versículo 2; e 1:13.

7. Um querubim que estava ao lado aproximou-se do escrevedor e lhe entregou o fogo. A narrativa nada diz sobre como foi espalhado sobre a cidade, mas isto se presume.

Nos versículos 8-17, há uma nova descrição do carro-trono, muito parecida com a do capítulo 1, mas com um aspecto adicional onde os seres viventes são definitivamente identificados como querubins.

8. Mão de homem. Cons. 1:8. 9,10. Rodas. Cons. 1:16. 11.

Não se viravam. Cons. 1:9, 17. **Para onde ia a primeira.** Literalmente.

12. Estavam cheias de olhos ao redor. O T.M. diz: *E seu corpo e costas e mãos e asas e rodas estavam cheios de olhos*, o que parece confundir os querubins com as rodas. *Costas* podem ser traduzidas para **cambotas** (cons. 1:18) e mãos para **raios**, limitando a referência às rodas.

13. Este versículo está definitivamente fora de lugar e ficaria melhor após o versículo 6.

14. Cada um . . . tinha quatro rostos. Cons. 1:10, onde cada querubim tem quatro rostos. Neste versículo, o que se tem em mente é que o profeta, que estava ao norte do carro e olhando para ele, viu um dos rostos de cada querubim que estava voltado para ele, e não todos os quatro rostos dos quatro querubins. Assim, à frente do carro, diretamente em frente dele, estava o *boi* (em lugar do **querubim**), ao norte ficava o **homem**, por trás do carro ficava o **leão**, e ao sul, a face interna, a **águia**.

15. Cons. os versículos 19, 20, 22. Seres viventes é um nome singular usado coletivamente aqui e nos versículos 17, 20.

16. Cons. 1:19. **As rodas não se separavam deles** dá a idéia de que as rodas não saíam de perto dos querubins. A preposição *min*, "de", geralmente perde o seu significado em outra língua, e fica melhor não traduzida, colocando assim a frase de acordo com 10:11; 1:9, 12, 17 (cons. BDB, pág. 581, com referência a *min*, 4c).

17. Parando eles, paravam elas. Cons. 1:21.

18. A glória do SENHOR (afastou-se) **da entrada da casa** (cons. 9:3), **e parou sobre os querubins**, preparando-se para partir.

19. O carro-trono dirigiu-se para **a porta oriental**, ao que parece do pátio externo, parou rapidamente sobre o das Oliveiras "ao oriente da (11:23), e foi-se de todo. Mais tarde visão profética, Ezequiel viu a retornar pelo mesmo portão (43:1-4).

20. Os seres . . . eram querubins, já identificados no versículo 15.

21, 22. Quatro rostos. Cons. 1:6, 8, 9, 12a. A etimologia de querubim, querubins, ainda é duvidosa, embora o acadiano *karâbu*, "ser misericordioso, abençoar" e *karubu*, "intercessor", podem ser consideradas formas cognatas. São figuras compostas e simbólicas representando a natureza humana espiritualizada, santificada e exaltada para ser o lugar da habitação de Deus. Funcionam de diversos modos: a) eles guardam a árvore da vida (Gn. 3:24), e a arca no Templo de Salomão (I Reis 6:23-28; 8:7); b) ocupam-se da adoração a Deus em

relação com o propiciatório no Tabernáculo (Êx. 25:18, 20; 37:7-9); c) sustentam o trono do Senhor (I Sm. 4:2; II Sm. 6:2; II Reis 19:15; Sl. 80:1; 99:1); e d) personificados no vento e na nuvem, formam o carro da Divindade (II Sm. 22:11; Sl. 104:3; 1 Cr. 28:18). Esses diversos conceitos estão presentes em Ezequiel, especialmente na sua função de sustentadores do trono de Jeová. No livro do Apocalipse eles estão ocupados em adoração perpétua (4:6 e segs.; 5:6 e segs.; 6:1 e segs.; 7:11). Quando a humanidade redimida entrou no céu, essas figuras representando a humanidade, tendo servido ao seu propósito, desaparecem (Veja G. A. Cook, ICC, págs. 113, 114, e uma discussão completa de "querubim" em P. Fairbairn, *The Typology of Scripture*, I págs. 215-239).

Ezequiel 11

4. Visão da Condição Interna da Cidade e o Afastamento do Senhor Dela. 11:1-25.

Nos capítulos 8-10, o profeta denuncia o sincretismo religioso. Neste capítulo ele denuncia a falsa confiança dos líderes de Jerusalém que achavam que a cidade estava em segurança e que os habitantes eram moralmente superiores do que os exilados que tinham sido deportados para a Babilônia em 597 A.C. (vs. 1-13). Então ele faz soar uma mensagem de esperança para os exilados, declarando que Deus substituirá seu coração de pedra com um coração de carne (vs. 14-21). A glória divina levanta-se da cidade e se transfere para o Monte das Oliveiras; o profeta é "levado de volta" para a Babilônia; e logo após transmite sua visão aos exilados (vs. 22-25). A narrativa parece seguir o capítulo 8, e parece fora de lugar depois dos acontecimentos descritos no capítulo 10; mas em uma visão não se deve esperar ordem cronológica.

a) A Carne e a Panela. 11:1-13.

1. Ezequiel foi transportado ao portão oriental externo, onde viu **vinte e cinco homens** (não os mesmos de 8:16), entre os quais se

encontrava Jazaias (não o mesmo personagem de 8:11) e Pelatias, **príncipes do povo**. Eles representam o governo civil de Judá.

2. Esses homens deram conselhos perversos em detrimento da cidade. O partido antibabilônico aconselhava que a nação devia rebelar-se contra Nabucodonosor e fazer uma aliança com o Egito (cap. 17), contrariando as ordens de Deus (Jr. 28:16), e que violasse o juramento que seu governador fizera para com o monarca caldeu (II Cr. 36:13). Era o partido da violência (7:23; 9:9; 11:6; cap. 22).

3. Não está próximo; o tempo de construir casas. Se traduzido como pergunta: "Não está próximo o tempo de construir casas?" (lit. *não está próxima a construção de casas?*), temos uma indicação do conselho que contrariava o dos profetas. Então segue-se o dito popular: **Esta cidade é a panela**, que nos protege do fogo e **nós a carne**, coisa valiosa em contraste com o caldo inútil que foi lançado fora, como os exilados para a Babilônia. Mas em Jeremias 24, dá-se exatamente a avaliação oposta quanto aos remanescentes em Jerusalém e os exilados na Caldéia.

5 Caiu . . . sobre mim o Espírito do SENHOR. Só aqui foi usada esta expressão em Ezequiel. O Profeta foi capacitado a profetizar enquanto ainda se encontrava em transe.

6, 7. Ezequiel inverte o significado do provérbio, comparando a **cidade** a um *caldeirão* fervendo com o fogo do juízo, e à **carne** dos monos pelas ruas (cons. 7:23; 22:25).

8. A espada. Os de Jerusalém participariam do destino dos exilados. Para a antítese veja 35:6.

9. Estrangeiros . . . juízos. Cons. 7:21; 5:10.

10, 11. Nos confins de Israel vos julgarei; isto é, longe da cidade que era considerada protetora. O juízo terrível do Rei Zedequias e os demais líderes aconteceu em Ribla (veja comentário em 6:14). Com. Jr. 39:5-7; 52:24-27; II Reis 25:18-21.

12. Eu sou o SENHOR. Este versículo repete um grupo das frases de Ezequias. Cons. v. 10; 5:6; 18:9, 17.

13. Ao tempo em que eu profetizava. Ezequiel, capacitado pelo Espírito de Deus para discernir coisas à distância e no futuro, viu a morte de Pelatias, um dos vinte e cinco líderes. A seguir ele intercedeu pelo **restante de Israel** (cons. 9:8).

b) Esperança para os Exilados 11:14-21.

14. A palavra do SENHOR. Cons. 6:1; 7:1; 12:1.

15. Os homem do teu parentesco. De acordo com a LXX, a Antiga Latina de Dold e a Siríaca, traduza-se *gelluteka* em vez de *geullateka* do T.M. "sua redenção, parentela". Os exilados e **toda a casa de Israel**, descendentes do cativo de Samaria de 722-721, foram desprezados pelos habitantes de Jerusalém, que agora reivindicam a posse da terra.

16. Ainda que os espalhei (cons. 20:23; 28:25; 36:19), **todavia lhes servirei de santuário, por um pouco de tempo** (lit. , *em pequena medida*). Não no sentido de asilo, mas como Alguém maior que o Templo, cuja presença santifica (cons. Sl. 84; 137:4-6; Is. 8:12, 13). **Até nas terras para onde foram.** Cons. 12:16; 36:20-22.

17. Hei de ajuntá-los. O ajuntamento dos exilados é uma freqüente em Ezequiel 20:34, 41, 42; 28:25; 29:13; 34:13; 36:24; 37:31; 38:8; 39:27; como nos outros profetas: Jr. 23:3; 29:14; 31:8, 9; 32:37; Is. 43:5, 6; 54:7; 56:8; Zc. 10:8, 9. **E lhes darei a terra de Israel.** Cons. 20:42; 28:25; 34:13; 37:21; 39:28 ; e em outras passagens. O anseio de retornar à terra de Israel, reunia motivos patrióticos e religiosos, caracterizando o Judaísmo através dos séculos.

18. Os exilados ao retornar removerão **todas as suas abominações** da terra. Adoração pura é a condição para a renovação do verdadeiro relacionamento com o Senhor (cons. 14:6; 18:30, 31).

19. Dar-lhes-ei um só coração. Três manuscritos hebraicos e a Siríaca dizem: *um novo coração*, como em 18:31; 36:16. A LXX diz *outro coração*. Na Bíblia o coração é considerado como a sede das atividades mentais do homem, sua mente, sua vontade. O **espírito** é

considerado como hálito, vento, disposição que anima as ações. Os dois juntos constituem o ser humano interior, no qual Deus instilaria energia. Em lugar do "coração de pedra", insensível, obstinado, Deus lhes daria um **coração de carne** (cons. 36:26, 27; Jr. 31:31-33), que seria "sensível, receptivo ao toque divino e obediente à Sua vontade" (Bewer). Esta é a obra de Deus, seu dom da graça.

20. Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. Veja também 14:11; 36:28; 37:23, 27. Cons. Jr. 24:7; 30:22; 31:1, 33; 33:28. A comunidade do futuro será composta de indivíduos convertidos.

21. Mas, quanto àqueles cujo coração se compraz em . . . ídolos detestáveis. Literalmente, *e quanto ao coração de suas coisas detestáveis e as abominações que o seu coração busca*. A tradução mais certa se obtém com a ajuda do Targum e da Vulgata.

c) Afastamento da Glória Divina. 11:22-25.

A narrativa do capítulo 10 está completa com este parágrafo.

23. Do meio da cidade. O Templo ficava na fronteira oriental da cidade, mas era o foco da vida da cidade :O monte que está ao oriente da cidade, do outro lado do vale do Cedrom, ou vale de Josafá, era o Monte das Oliveiras (cons. II Sm. 15:30; Zc. 14:24). Nesse monte Jesus chorou pela cidade condenada (Lc. 19:37-44). Cons. Ez. 10:19; 43:1-4.

24. O Espírito . . . me levou na sua visão à Caldéia, para os do cativoiro, veja comentário referente a 8:3.

25. O profeta contou aos anciãos assentados diante dele (8:1), todas as coisas que o SENHOR me havia mostrado.

D. A Necessidade Moral do Cativoiro. 12:1 – 19:14.

As mensagens anteriores de Ezequiel previam a queda da nação. Nesta seção (caps. 12-19), o profeta trata das objeções dos homens que achavam que a tempestade era passageira, que não viam a calamidade iminente, e que achavam que o Senhor jamais repudiaria o Seu povo. Por meio de atos simbólicos, alegorias e parábolas, Ezequiel demonstra a

necessidade moral do cativo. Ele apresenta dois quadros simbólicos de fuga da cidade cercada (12:1-20), debate com os falsos profetas (12:21 - 14:23), descreve Israel como uma videira inútil (cap. 15), e numa alegoria detalhada recorda a longa história da infidelidade de Israel para com o seu esposo divino (cap. 16). Ele retorna à metáfora da videira para enfatizar a deslealdade de Zedequias (cap. 17), responde às objeções ao castigo divino por meio de uma análise da responsabilidade individual (cap. 18), e explode em uma lamentação pelos príncipes de Judá e pela própria Judá (cap. 19).

O assunto principal dos capítulos 12-24 pode ser classificado em três categorias. I. Israel Infiel: a videira inútil (cap. 15); a criança enjeitada que se tomou uma esposa infiel (cap. 16); as duas irmãs infiéis (cap. 23); uma recordação da história de Israel (20:1-44). II. O Pecado e o Seu Julgamento: profecia e seus abusos (12:21 - 14:23); liberdade moral e responsabilidade pessoal (cap. 18); o castigo que Jerusalém necessitava pelos seus pecados (cap. 22). III. O Fim da Monarquia: dois atos simbólicos (12:1-20); duas águias e a videira (cap. 17); dois leões e a videira (cap. 19); a espada vingativa do Senhor (20:45 - 21:32); a alegoria da panela enferrujada (cap. 24).

Ezequiel 12

1) Ações Simbólicas Representando o Exílio e a Invasão (caps. 4; 5). 12:1-20.

a) Símbolo do Exílio e Sua Exposição. 12:1-16.

1. Veio a num a palavra do SENHOR, dizendo. Esta fórmula aparece seis vezes: aqui e nos versículos 8, 17, 21, 26; 13:1.

2. Os exilados na Babilônia são da casa rebelde (2:3, 6-8; 3:26, 27). **Têm olhos para ver** mas não discernem o significado moral dos acontecimentos (Dt. 29:3, 4; Is. 6:9; Jr. 5:21; Mc. 8:18; Atos 28:27).

3-7. O profeta recebeu a ordem de preparar uma **bagagem de exílio** (lit., *faça recipientes de exílio*), tais como as provisões sumárias

carregadas pelos exilados em sobre as costas, que ele devia trazer fora à **vista deles . . . de dia**. Depois sair **à tarde . . . à vista deles**, abrir **um buraco na parede**, talvez em sua saindo por ali (é preferível a da LXX, Siríaca, Vulgata e Targum ao *trazer para fora* do T.M.), carregando a bagagem sobre os seus ombros *na escuridão espessa* (vs. 6, 7, 12). Devia também cobrir sua face (lit. olhos). Fazê-lo seria um **sinal** ou presságio para **a casa de Israel**. Veja também o v. 11; 24:24, 27; cons. Is. 8:18; 20:3; Zc. 3:8.

10. Esta sentença refere-se ao príncipe em Jerusalém. Literalmente, *o príncipe é este oráculo, ou responsabilidade*. Aqui há um trocadilho com as palavras equivalente a "o líder é este fardo". Ezequiel não se refere em nenhum lugar a Zedequias como rei. **E a toda a casa de Israel, que está no meio dela.** Leia-se *betôkâh* em lugar de *betôkam* do T.M. "no meio deles".

11. Eu sou vosso sinal. Literalmente, *seu presságio, símbolo*. Cons. o versículo 6. Assim se lhes fará a eles; isto é ao povo de Jerusalém.

12. O príncipe (Zedequias) . . . levará ("sua bagagem" deveria ser acrescentado como objeto direto). **Abrirá um buraco na parede**, seguindo a LXX e a Siríaca. O TM. diz *eles cavarão*, o que poderia se referir aos servos de Zedequias. **Para sair por ele**. De acordo com a LXX, a Siríaca e o Targum. O T.M. diz *para trazer* (acrescentar o pronome "o") *através dele*. **Para que seus olhos não vejam a terra.** A LXX tem uma tradução divergente: *para que ele não seja visto por um olho, e ele mesmo não veja a terra*. O versículo 12 refere-se ao disfarce de Zedequias, enquanto que o versículo 13 refere-se a sua subsequente cegueira em Ribla (II Reis 25:4-7; Jr. 52:8, 11).

13. Minha rede . . . minhas malhas. Veja também 17:20; cons. 19:8, referindo-se a Joaquim. **Babilônia . . . não a verá.** Zedequias, devido a quebra do seu juramento de fidelidade, ficou cego e morreu no cativeiro da Babilônia (cons. 17:1-21).

14. Espalharei todos os que para o ajudarem estão ao redor dele. (*Seus ajudantes*, de acordo com a LXX, a Antiga Latina de Dold, a

Siríaca e o Targum). O TM, diz *sua ajuda*, um substantivo abstrato usado no sentido concreto, **E todas as suas tropas**. Uma palavra emprestada do acadiano, "asas"; de onde "ala de um exército", "hordas"; usado metaforicamente também em 17:21; 38:6, 9, 22; 39:4. Desembainharei a espada. Cons. 5:2, 10, 12.

15. Saberão que eu sou o SENHOR. Veja 6:10.

16. Deles deixarei ficar alguns poucos que escaparão. Literalmente, *deixarei deles homens em número*; isto é, "homens poucos em número". Cons. a expressão em Gn. 34:30; Dt. 4:27; Sl. 105:2; Jr. 44:28. Veja também Ezequiel 6:8-10. **Para que publiquem . . . entre as nações.** Preservando os sobreviventes, o Senhor tornará claro às nações, que a catástrofe do Seu povo era devida não à Sua impotência mas à Sua justiça. Ele se preocupa com a honra do Seu nome. Veja 14:21-23.

b) Símbolo do Cerco, 12:17-20.

18. Com este símbolo de comer o pão **com tremor** e beber a água **com estremecimento e ansiedade**, compare o símbolo exposto em 4:9-17. Ali a ênfase está sobre a escassez do alimento; aqui sobre o terror. A palavra com tremor, *ra'ash*, se aplica a um terremoto (3:12; 37:7; Amós 1:1); ao tremor hiperbólico da terra devido as lutas na guerra (Is. 9:4; Jr. 47:3; Jó 39:24; 41:21).

19. Ao povo da terra. A populaça, aqueles que foram deixados para trás, em Judá (cons. 7:27). **Que a sua terra será despojada de tudo quanto contém.** *A fim de que a sua terra* (isto é, Jerusalém) seja despojada de sua plenitude (lit.; cons. construção semelhante em 32:15). **Por causa da violência de todos os que nela habitam.** Veja Amós 3:9-11 sobre a violência de Israel.

20. Cons. 35:4.

2) A Profecia e os Seus Abusos, 12:2 – 14:23.

Nesta coleção de oráculos o profeta com a atitude popular de desprezo com a profecia (12:21-28), referindo-se ao ditado popular que

dizia que a profecia já não se cumpria mais (vs. 21-25), e que as profecias de Ezequiel referiam-se a um futuro distante (vs. 26-28). Diante dessas acusações Ezequiel responde que as profecias referem-se ao presente e que se cumprirão. Isto leva a uma discussão dos enganadores do povo, falsos profetas e falsas profetizas (cap. 14). Os profetas mentirosos são comparados a raposas que gostam de ruínas (vs. 1-9); aos que caíam as paredes instáveis que o povo constrói; isto é, eles aprovam lisonjeiramente os fúteis projetos do povo (vs. 10-16). As falsas profetizas, mulheres execráveis que afirmam lerem o futuro sob pagamento e prediziam o sucesso para os perversos, são acusadas (vs. 17-23). O profeta então volta-se para a maldade daqueles que fazem perguntas referentes a Deus mas cujos corações estão apegados aos seus ídolos o tempo todo (14:1-11). Isto levanta o problema da responsabilidade geral. A presença de um homem justo entre um povo pecador não salvará a terra quando Deus derramar o Seu juízo sobre ela (14:12-23).

a) Repreensão Contra o Desprezo à Profecia. 12:21-28.

22. Que provérbio é esse. A palavra hebraica *mashal* é aparentemente um verbo com o significado de "assemelhar-se, comparar, ser igual"; por isso, uma "comparação" ou "similitude". Bentzen e J. Pedersen deriva-o de um verbo significando "governar"; portanto, uma sentença enunciada por governantes cheios de poder de almas poderosas, uma palavra sublime, sobrevivendo ao momento efêmero. Ezequiel muitas vezes cita e replica aos ditados populares (8:12; 11:3; 16:44; 18:2; 20:32). O tempo passa e **não se cumpra a profecia** (AV, *falha*); isto é, torna-se uma ameaça mona. O fracasso da profecia em se realizar tornou-se um provérbio. Os zombadores fadam pouco do juízo ameaçador. Veja também Jr. 5:13, 14; 17:15 ; II Pe. 3:3, 4, 9.

23. O cumprimento (AV, *feito*; lit., *palavra*). O conteúdo logo se realizaria. Os profetas não costumavam estabelecer datas definidas para

o cumprimento de suas mensagens por causa do seu caráter moral e condicional (veja coment. referente ao v. 27).

24. Visão falsa. Os falsos profetas falavam o contrário dos homens que foram chamados por Deus, e não havia nenhuma maneira externa de distinguir a verdade da mentira exceto que, 'todo aquele que é da verdade ouve a minha voz' (Jo. 18:37). Os pagãos faziam uso de *oráculos*, magia e médiuns para saber o pensamento da divindade (21:21; Dt. 18:9-12). Na verdadeira profecia os estratagemas mecânicos eram evitados, pois Jeová falava à mente do profeta. **Adivinhação lisonjeira** ou muito agradável prometia imunidade das dificuldades (cons. 13:10, 16; Jr. 23:16, 17; 28:1-17).

25. Eu . . . falarei. Este versículo é continuação do versículo 23. Literalmente, *porque eu, o Senhor, falarei a palavra que eu falarei.*

27, 28. Aqueles que diziam: A visão . . . é para muitos dias . . . mui longe, isto é, não devia causar preocupações imediatas, o profeta replicou que as palavras divinas se cumpririam imediatamente. Pronunciando ameaças, os profetas não davam datas normalmente, pois tais profecias eram ameaças morais e condicionais, que podiam ser evitadas com base no arrependimento e retificação (veja Jonas; Jr. 18; 26:17-19; Joel 2:14, 18).

Ezequiel 13

b) Os Falsos Profetas. 13:1-16.

O termo *falsos profetas* não está no V.T., mas a perspectiva histórica acertou em designá-los assim. Havia duas classes de falsos profetas: aqueles que eram representantes de algum objeto de culto, outro que não o verdadeiro Deus, como, por exemplo, Baal, Moloque (cons. o desafio de Elias aos profetas de Baal, I Reis 18:19 e segs.); e aqueles que falsamente se propunham a falar em nome de Jeová (cons. a oposição de Micaías aos profetas de Acabe, I Reis 22:5-28). A mais forte acusação desses enganadores foi feita por Jeremias, que se lhes opôs com base moral, pessoal e política (Jr. 23:9-32). Durante os últimos

suspiros de Jerusalém, Hananias se opôs a Jeremias na pátria (Jr. 28) e Acabe, Zedequias e Semaías se lhe opuseram na Babilônia (Jr. 29:15-32). Ezequiel neste capítulo também denuncia os falsos profetas e as falsas profetizas. (Veja A.B. Davidson, "The False Prophets", *O.T. Prophecy*, págs. 285-308).

2. Ezequiel aqui se refere sarcasticamente aos **profetas de Israel**, falsos profetas que profetizando dizem **o que lhes vem do coração**, isto é, suas emoções e desejos. Ele desmascara a fonte (v. 3), o conteúdo (vs. 4, 5) e o resultado de sua mensagem (vs. 6, 7) e o destino dos falsos profetas (vs. 8, 9).

3. Profetas loucos. Um jogo de palavras: *nebi'im nebalim*, algo assim como "profetas infrutuosos". A loucura é mais uma deficiência moral que intelectual. No livro de Provérbios, por exemplo, a sabedoria é apresentada como o "temor do Senhor", e a loucura como o desprezo por Ele e Seus preceitos. A força que impetra esses profetas era **seu próprio espírito**, não o Espírito do Senhor.

4. As ruínas lhes eram tão familiares como às raposas saltitantes, e eles promoviam a devastação.

5. Falhavam em permanecer nas **brechas**, para impedir o desastre da invasão (cons. 22:30; Sl. 106:23). Nem edificavam muros de conselho moral e espiritual para Israel enfrentar a crise iminente. **O dia do SENHOR.** Cons. coment. sobre 7:7.

6. Adivinhação mentirosa. Adivinhar significa obter um oráculo de um deus tirando a sorte (cons. 21:21). Receber o conhecimento das coisas secretas através de meios supersticiosos era proibido a Israel (Êx. 22:18; Nm. 23:23; Dt. 18:10, 11) e a adivinhação era considerada desdouro (cons. Ez. 13:7, 9, 23; 21:29; 22:28; Mq. 3:6, 7, 11). **Que dizem : O Senhor disse.** *Oráculo do Senhor (ne'um Yahweh)*, a fórmula da verdadeira inspiração (cons. Amós, que a usa 21 vezes, 2:11,16, etc.). **Esperam o cumprimento da palavra.** Não havia critério externo para a verdadeira profecia. "Enquanto o verdadeiro profeta tinha em si próprio

o testemunho de ser verdadeiro, o falso profeta podia não estar cômico de que era falso" (Jr. 23:21, 31; A. B. Davidson, *op. cit.*).

9. Predição de castigo triplo para os falsos profetas. No momento tinham prestígio e influência, mas no novo reino **não estarão no conselho do meu povo** (cons. Gn. 49:6; Sl. 89:7; 111:1, nem **serão inscritos nos registros** (isto é, na lista) **da casa de Israel** (cons. Ed. 2; Ne. 7; Êx. 32:32, 33; Is. 4:3; Ml. 3:16), **nem entrarão na terra de Israel** (cons. Ez. 20:38; Jr. 29:32).

10. Os falsos profetas anunciaram **paz**, quando **não há paz**. Veja Mq. 3:5; Jr. 6:14; 8:11; 23:17.

A seção seguinte diz, literalmente, *e ele* (o povo) *está construindo uma parede-meia* (*hayis*, só aqui nesta passagem; uma parede de pedras simplesmente colocadas umas sobre as outras sem nenhuma liga), *e eis que os profetas as rebocam com barro amargoso*, ou *cal*. Os profetas concordavam com a tentativa do povo de defender a cidade, escondendo sua fraqueza por meio de profecias mentirosas.

11. Há um jogo com as palavras **caiam**, *tapel* e **ruirá**, *napal*. Três elementos da natureza farão a parede cair (cons. v. 13). **Pedras de saraivada**. Omita-se o *e tu* do T.M.

13. Cons. Mt. 7:24-27. **Pedras**. A palavra fora do comum, *'elgabîsh*. (só aqui e em 38:22), é provavelmente o acadiano *algamesu*, "cristal" e, portanto, "cristais de gelo".

14. Derribarei a parede. Os profetas seriam sepultados debaixo da parede caída (cons. Is. 25:12; Lm. 2:2; Amós 9:1).

c) Falsas Profetizas. 13:17-23.

Diversas mulheres piedosas e talentosas são mencionadas nas Escrituras como profetizas: Miriã (Êx. 15:20); Débora (Jz. 4:3, 4); a esposa de Isaías (Is. 8:3); Hulda (II Reis 22:14); Ana (Lc. 2:36); e as quatro filhas de Filipe (Atos 21:9). Neste parágrafo, as profetizas, ou antes adivinhas, eram parceiras dos falsos profetas, precursoras das atuais "buenas-dichas", cartomantes e médiuns.

17. De seu coração. Cons. o versículo 2.

18. Que cosem invólucros feiticeiros para todas as articulações das mãos e fazem véus para cabeças de todo tamanho. As enigmáticas expressões deste versículo parece que descrevem aspectos da "magia invisível" através da qual as feiticeiras transmitiam influência mágica sobre seus clientes atando nós e cobrindo as pessoas com véus de variados tamanhos de acordo com a estatura da pessoa. Cria-se que um desejado resultado podia ser obtido simulando-o e que as coisas uma vez postas em contato continuavam a agir umas sobre as outras mesmo separadas. **Para caçarem almas.** Ou *pessoas* (cons. BDB, pág. 660b. Também nos vs. 19, 20; 17:17; 18:4; 22:27). As profetizas faziam vítimas entre aqueles que as consultavam, matando algumas pessoas e deixando outras vivas para seu próprio proveito, ou para se manterem vivas.

19. Vós me profanastes. Poluir e profanar é o oposto de santificar. É colocar Deus na esfera do comum, do falso, do indigno (cons. 20:39). *Com* (não **por**) **punhados de cevada**, e *com* (não **por**) **pedaços de pão**, usados para obter os oráculos (cons. Jr. 44:15-19). **Para matardes as almas que haviam de morrer**, isto é, os ímpios (cons. v. 22; Os. 6:5; Jr. 1:10). Compare com o trabalho do verdadeiro profeta, apresentado em Ez. 3:16-21.

20. Invólucros feiticeiros, com que (de acordo com a Antiga Latina de Dold, a Siríaca, o Targum e a Vulgata, em vez do *onde* do T.M.) **vós caçais as almas**, ou pessoas (omita-se, de acordo com a LXX e a Siríaca, a expressão *voadoras* do T.M.). *Parah*, "voar" é uma palavra aramaica, talvez uma glosa. **Soltarei livres . . . as almas**, ou pessoas, **que prendestes**. Esta é uma emenda de Cornill, traduzindo o '*et nepashîm* do T.M. por '*otan hopshîm*, "como aves" (também Ewald), em lugar do T.M., "para as aves". Talvez também seja uma glosa aramaica como a anterior.

21. Para ser caçado. Cons. os versículos 18, 20.

22. Visto que ... entristecestes ... não o havendo eu entristecido.

O segundo verbo é, literalmente, *causar dor*. Os verbos são, respectivamente, *ka'â* e *ka'ab*. Cornill usa "causar dor", *ka'ab* em ambos os lugares. **Para que vivesse.** Literalmente, "a fim de mantê-lo com vida". Tudo o que encoraja o pecado é falsidade (cons. Jr. 23:22).

23. Já não tereis visões falsas; isto é, falsidades, como no verso 6.

O julgamento dos adivinhos era iminente. Cons. 12:24; Mq. 3:6, 7; Amós 8:11. O resultado seria que Jeová seria verdadeiramente conhecido.

Ezequiel 14**d) Os Idólatras Duvidam do Senhor. 14:1-11.****1. Anciãos de Israel;** isto é, anciãos dos exilados (cons. 8:1; 20:1).

Esses líderes, provavelmente perplexos pelas denúncias que Ezequiel fez dos falsos profetas, queriam saber mais sobre Jerusalém e o seu futuro.

3. Levantaram os seus ídolos dentro em seu coração. Observe a freqüente citação dos ídolos (*gillûlîm*) no parágrafo. Cons. 6:4, 5. Tropeço para a iniquidade. cons. 7:19, 20. Ocuparam seus pensamentos com a idolatria, o que os levou a tropeçar e cair (cons. v. 6).

4. Qualquer homem da casa de Israel. Uma fórmula legal (cons. Lv. 17:3, 8, 10, 13; 20:2). O homem cujo coração estava dividido em sua lealdade para com Jeová não receberia instrução através de um profeta, mas receberia resposta do próprio Jeová por meio de atos. **Eu, o SENHOR, ... lhe responderei.** Esta tradução segue a do Targum e do versículo 7, *bî*, em lugar do *bâ*, "vindo ele " do T.M.

5. Para que eu possa apanhar a casa de Israel no seu próprio coração. O Senhor os convocaria para prestarem contas por sua idolatria. Ele não pode tolerar a infidelidade secreta.

6. Embora o profeta apontasse a lei automática da divina retribuição (v. 4), aqui ele diz que Deus argumenta com os homens a que abandonem seus maus caminhos.

7. Estrangeiros que moram em Israel. Observe o cuidado de Ezequiel para com os estrangeiros residentes (22:7, 29; 47:22, 23). O prosélito tinha direitos iguais sob a lei e recebia penalidades iguais (Lv. 17:8, 10, 13; 20:2).

8. Cons. Lv. 17:8-10; 20:3, 5, 6. **Sinal** ou advertência (cons. Nm. 26:10; Dt. 28:37, 46). E **provérbio**, traduzindo a palavra no singular de acordo com a Siríaca e a Vulgata.

9. Se o profeta for enganado. Isto não resultaria apenas de auto-engano (13:3, 6) e dos indagadores idólatras (v. 7), mas **eu, o SENHOR, enganei esse profeta.** Na filosofia antiga, causas secundárias costumavam ser ignoradas, e os acontecimentos eram atribuídos diretamente à operação do Senhor. Veja Amós 3:6; Is. 45:7. Quando um homem peca contra a luz espiritual, o resultado é a sua própria cegueira espiritual. Isto não o livra de responsabilidade, contudo, pois sempre predomina o princípio do "nenhum outro deus diante de num". Cons. II Reis 22:15-23:3.

10, 11. O profeta e daquele que consulta, ambos seriam punidos, com o duplo propósito de impedir Israel em sua infidelidade (cons. Is. 4:4); e de restaurar seu verdadeiro relacionamento com o Senhor (cons. 11:20). Os juízos todos tinham a misericórdia em vista.

e) O Justo Salva-se a Si Mesmo, não a Terra Pecadora. 14:12-23.

13. O profeta declara que **quando uma terra pecar,** e Deus enviar um dos seus quatro juízos (cons. 5:16, 17) contra ela – fome (vs. 12-14), feras (vs. 15, 16), espada e guerra (vs. 17, 18), pestilência (vs. 19, 20) – ainda que, Noé, Daniel e Jó, os justos da antiguidade, estivessem na terra, só poderiam salvar-se a si mesmos. A aplicação a Jerusalém (vs. 21-23) não encontra nela pessoas justas. E que sobreviventes perversos escaparão a todos os quatro juízos, em aparente exceção ao princípio acima enunciado, será uma prova desagradável aos exilados de Deus, do justo juízo de Jerusalém. **Cometendo graves transgressões.** Uma

tradução mais exata é *traíçoeiramente cometendo traições*. Veja também 15:8; 17:20; 18:24; 20:17; 39:26; Lv. 5:15; 6:2.

14. Noé, Daniel e Jó são citados como exemplos de homens justos, não hebreus, da antiguidade. Cons. Gn. 6:8; 7:1; Jó 42:7-10. Virolleaud, Devaux e outros acham que o Daniel de Ezequiel é o Daniel. "justo juiz da causa das viúvas e dos órfãos", mencionado no texto de Rash Shamra em cerca de 1400 A. C. (Aqht, 170; 2 Aqht, V; 7, 8. Para um comentário mais detalhado, cons. Ginsberg, BA 8 1 1945), pág. 50; Pére deVaux, RB (1937), págs. 245, 246; W.H. Morton, "Ras Shamra" – Ugarita e Exegese do Velho Testamento", *Review and Expositor*, 45, (1948), págs. 70.72).

15. Bestas-feras. Literalmente, *uma besta ruim* (cons. 5:17; Lv. 26:22). **E elas** (lit. *ela*, sing. coletivo) **a assolarem**, ou *a despojarem*. Cons. Jr. 9:10, 12.

16. Esses três homens. Cons. 18:10-13; Jr. 15:1-4.

17. A espada. Veja também 5:12; 6:3; 11:8; 21:3, 4; 29:8; 33:2; Lv. 26:25. 19, 20. A peste. Cons. 5:17; 38:22.

21-23. Aplicação a Jerusalém.

21. Os meus quatro maus juízos. Cons. Jr. 15:2, 3; Lv. 26:22-26. Quatro dá idéia de inteireza, totalidade .

22. Eis que alguns restarão. *Quaisquer sobreviventes que conduzam os filhos e as filhas.* (LXX, Sir. , Sym., Vulg.). Quando esses maus figos (Jr. 24:8-10; 29:16-20) **virão a vós outros** na Babilônia, ficareis consolados ou reconciliados pela justiça do castigo divino sobre Jerusalém.

Ezequiel 15

3) Parábola da Videira. 15:1-8.

A figura de Israel como videira aparece com muita freqüência (Gn. 49:22; Dt. 32:32; Os. 10:1; Is. 5:1-7; Jr. 2:21; Ez. 17:61; Sl. 80:8-16). Aqui a referência é à videira brava da floresta e não à videira cultivada na vinha.

3. Toma-se dele madeira. Se a videira não produz fruto, sua madeira não serve nem para se fazer uma estaca.

4. Se, além disso, estiver queimada em ambas as pontas, seria, acaso, para alguma obra?, a não ser para o fogo?

6. Jerusalém é a videira que se destina ao fogo (5:2; 10:2, 7; 16:38-42).

7. Ainda que saiam do fogo, o fogo os consumirá. Eles escaparão da cidade incendiada, apenas para enfrentarem outro destino (5:4; 11:9; 12:14; 23:25).

Ezequiel 16

4) A Alegoria da Enjeitada. 16:1-63.

Esta alegoria, como aquela do capítulo 23, descreve a ligação entre o Senhor e o Seu povo em termos de relacionamento conjugal (cons. Os. 2; Jr. 2:1-3; 3:1-5). Raramente o V. T. usa esta figura do relacionamento entre pai e filho, enquanto nas outras religiões cananitas politeístas, o casamento de divindades com mortais, e o nascimento físico de deuses e semi-deuses é natural. Depois que a idolatria foi extirpada de Israel, os autores do N. T. puderam realmente descrever o relacionamento entre Deus e os seus redimidos, Cristo e sua Igreja, sob os símbolos da paternidade e do relacionamento conjugal (Ef. 5:25, 26; I Jo. 3:1-3).

Possivelmente Ezequiel usou uma fábula conhecida e a desenvolveu em uma alegoria, de acordo com o gosto oriental. A cidade de Jerusalém, uma criança enjeitada de origem desconhecida, foi deixada à beira da estrada para morrer. Mas foi recolhida pelo Senhor, que se transforma no seu benfeitor (vs. 1-7). Tendo crescido e se tornado uma linda moça, ela se casa com o seu benfeitor e se torna a sua consorte real (vs. 8-14). A orgulhosa rainha se comprova ser totalmente infiel e adúltera com os cananeus e outros pagãos (vs. 15-34). O castigo para tal conduta, que está descrita nos versículos 35-43, está justificado, uma vez que a sua depravação é pior do que a de suas duas irmãs, Sodoma e Samaria (vs. 44-52). Não obstante, o Senhor faz gloriosas promessas de restauração

para as três irmãs (vs. 53-58), predizendo que a penitente Jerusalém experimentará uma gloriosa reconciliação através de uma aliança eterna (vs. 59-63).

a) Jerusalém, a Criança Enjeitada. 16:1-7.

2. As suas abominações. Especialmente a adoração de Baal e Moloque (vs. 15-22) e as alianças com as nações pagas (vs. 23-34).

3. Os cananeus. Mencionados na Estela de Amenhotep II (1447-1421), nas Cartas de El Amarna em cerca de 1370 A.C., e nos antigos encantamentos heteus (Veja ANET, págs. 246, 352, 483, 484). **Amorreu** (habitante do oeste). Ou os amurru, um poderoso povo semita que invadiu o Crescente Fértil em cerca de 2000 A.C. Cons. Gn. 14:7; 15:16; Nm. 21:21-30; Js. 24:15. Hamurabi (1728-1686), da primeira dinastia da Babilônia, foi amorreu. (Veja G.E. Mendenhall, "Mari", BA, XI (1948), 1-19). **Hetéia.** Um povo não semita, residente na Ásia Menor no segundo milênio A.C., com contatos em Canã desde o período dos patriarcas até os dias de Salomão (Gn. 23:10-20; 26:34; Js. 1:4; I Sm. 26:6; I Reis 11:1). Sobre a bestialidade hetéia, consulte G. A. Barton, *Archaeology and the Bible*, págs. 423-426. Ezequiel destacou o paganismo nos antepassados de Israel.

4. O sal tornava a pele mais seca e mais firme, ajudando a limpeza. **Para te** (*lemish'î*), **limpar** (AV, *tornar flexível*) é uma expressão desconhecida, mas é sugerida pelo acadiano e pelo Targum.

5. Esta menininha entretanto, foi **lançada em pleno campo.** O abandono de crianças era praticado no tempo do nascimento de Cristo (W. H. Davis, *Greek Papyri of the First Century*, págs. 1.7).

6. A revolver-te. Cinco manuscritos, a LXX, a Antiga Latina e a Siríaca omitem o segundo, "e te disse . . . vive", considerado uma ditografia.

7. Eu te fiz multiplicar. A LXX e a Siríaca dizem *crescer* em lugar de *fiz de ti . . . uma miríade* do T.M. **E chegaste a grande formosura.** *Alcançaste a total maturidade.* Na Siríaca, *no mênstruo*, ou o versículo

8, **tempo de amores**, dão a idéia do significado *total maturidade*. **Estavas nua e descoberta** ; isto é, "solteira".

b) A Jovem se Casa com o Seu Benfeitor. 16:8-14.

8. Estendi sobre ti as abas do meu manto. Símbolo do casamento (Rute 3:9; Dt. 22:30). **E entrei em aliança contigo.** Cons. Ml. 2:14; Pv. 2:17.

9. Então te lavei com água. Cerimônias preparativas para as núpcias. Cons. Rute 3:3. Purificação do paganismo e consagração ao Senhor.

10. E te calcei com peles. *Tahash* (usado para cobertura do Tabernáculo, Êx. 25:5; 26:14), ou é uma palavra emprestada do egípcio, "couro", ou o *dugong* árabe, uma espécie de boto, cuja pele era usada para a confecção de sandálias.

11-13. Com referência aos adornos da noiva, veja Is. 3:18-24; Gn. 24:22, 30, 47.

12. Um pendente no nariz (E.R.C., *na testa*). Veja também Jz. 8:24; Is. 3:21.

13. Abundância de alimento. Cons. Dt. 32:13, 14; Os. 2:10.

14. O esplendor de Jerusalém no tempo de Salomão (cons. I Reis 10; Lm. 2:15).

c) A Desavergonhada Infidelidade da Esposa. 16:15-34.

Suas idolatrias com os cananeus (vs. 15-22) e com os povos estrangeiros (vs. 23-29): egípcios (vs. 26, 27), assírios (v. 28), e caldeus (v. 29).

15. Depois de se estabelecer em Canaã, Israel freqüentava os santuários cananeus (cons. 20:28; Jr. 2:5-7; 3:1-3).

16. Tendas alegremente coloridas nos lugares altos (cons. II Reis 23:7).

17. Estátuas. Ou Baais? Ou símbolos fálicos? (May, IB).

18, 19. Cons. Jr. 10:9 ; Os. 2:8. 20-21 . Sacrifício de crianças. Cons. 20:26, 31; 23:37-39. Cons. Êx. 22:29; Jz. 11:39; II Reis 16:3; 21:6; 23:10; Jr. 7:31; 19:5; 32:35.

24. Lugares de culto ilícito.

25. Cons. 23:8, 17, 30, 40.

26, 27. Aliança com o Egito. Cons. Is. 30:1 e segs.; 31:1 e segs.; II Reis 18:21.

21. Teus vizinhos de grandes membros (RSV, *libidinosos*); cons. 23:20, eufemismo referente ao poder do Egito.

27. Os ataques sucessivos dos filisteus a Judá no tempo de Senaqueribe (veja ANET, pág. 288).

28. Os filhos da Assíria. A política pró-Assíria de Acaz e Manassés (II Reis 10:7 e segs.; 21:1 e segs.; II Cr. 33:1 e segs.).

29. A terra comercial da Caldéia. Literalmente. **Na terra de Canaã até Caldéia.** Aqui a palavra *Canaã* foi usada no sentido de "comerciante, mercador", isto é, na terra dos mercadores, até a Caldéia (cons. 17:4; Os. 12:7; Sf. 1:11; Zc. 14:21).

30. Quão fraco é o teu coração. "Como está cego de amor o teu coração", parece ser a idéia. No aramaico e acadiano a frase é assim: "Como estou cheio de ira contra ti" (Cook, ICC). Os atos de uma meretriz descarada. Literalmente, *a obra de uma mulher, uma meretriz arrogante*.

31. Compare os versículos 24, 25. **Desprezaste** ou "zombaste" do pagamento (cons. H. G. May, "O Culto à Fertilidade em Oséias", AJSL, 48 (1932) 89.93).

32-34. Outras prostitutas recebiam pagamento; ela era diferente pois pagava aos estrangeiros (cons. Dt. 23:18; Os. 2:19; 9:1).

33. As palavras *nede*, "presente" (E.R.A., presentes), e *nadan*, "presentes de casamento" (E.R.A. , presentes), são *hapax legomena*.

d) O Castigo da Esposa Adúltera. 16:35-43.

A passagem entretece uma descrição do castigo de uma adúltera com a previsão da destruição de Jerusalém.

36. A palavra traduzida para **a tua nudez**, em outra passagem significa "cobre" ou "bronze". Talvez seja uma palavra emprestada do acadiano – "excesso, prodigalidade". A última parte do versículo faz eco aos versículos 20, 21.

37. Todos os teus amantes. As nações às quais ela se aliou; e **os que aborreceste.** Aqueles com os quais não foram feitas alianças, como, por exemplo, os filisteus.

38. Adúlteras. Com. Lv. 20:10; Dt. 22:22; Jo. 8:5-7. **Sanguinárias.** Com. versículos 20, 36; Gn. 9:6; Êx. 21:12; Lv. 24:17. **Vítima de furor.** Com uma pequena modificação, a tradução fica idêntica a de 23:25.

39. Despir-te-ão de teus vestidos. Isto significa o desmascaramento da adúltera. Veja também 23:26; Os. 2:3, 10.

40. Uma multidão. Gente que se reuniu para o julgamento e apedrejamento da adúltera (cons. v. 38).

41. Queimarão as tuas casas. Cons. Jz. 15: 6; 12:1. **À vista de muitas mulheres.** Como advertência. Cons. 23:10, 48.

42. Meu furor será apaziguado. Cons. 5:13.

43. Nisto que não te lembraste. Um resumo dos versículos 35:43.

e) A Depravação de Jerusalém Comparada com a de Sodoma e Samaria. 16:44-52.

44, 45. Tu és filha de tua mãe. Jerusalém e suas irmãs se pareciam com sua mãe, os heteus (cons. v. 3).

46. E tua irmã, a maior (lit., em poder político e territorial). **A irmã** era **Samaria**, que vivia com **suas filhas** (cidades dependentes) ao norte (isto é, à esquerda, quando se olha para o leste; Gn. 14:15), enquanto a tua intra, a menor (isto é, menos importante) ao sul, ou à direita (I Sm. 23:19), era Sodoma e suas filhas. Comparações mortificantes. Cons. Jr. 3:6 e segs.; Is. 1:9.

47. Mais do que elas. Jerusalém excedeu a maldade de suas irmãs (cons. Mt. 10:15; 11:20-24).

48-50. Os hediondos crimes de Sodoma em Gênesis 19 não são recontados, mas antes sua soberba e próspera tranquilidade (abundância de ociosidade, E.R.C.) e o fracasso em amparar o pobre e o necessitado. Cons. Amós 6:4-6; Et. 3:15; Lc. 16:19-31.

51, 52. Samaria. Os pecados de Samaria não são enunciados, mas ela e Sodoma parecem honestas, relativamente falando, em comparação com Jerusalém (cons. Amós 3:2).

f) Gloriosas Promessas de Restauração para as Três Irmãs. 16:53-58.

53. Restaurarei a sorte delas. Cons. Jr. 12:14-17; 46:26; 48:47; 40:6, 39; Is. 19:24. 54-56. Se Samaria e Sodoma foram punidas, quanto mais castigo merecia Jerusalém! Se Jerusalém fosse restaurada, não era mais que justo que elas que eram desprezadas por aquela também fossem restauradas.

57, 58. Jerusalém tornou-se objeto de opróbrio das filhas (isto é, cidades) da Síria (de acordo com muitos manuscritos e a Siríaca, leia-se *Edom* em lugar do *Aram* do T.M., isto é, a Sitia) e **as filhas dos filisteus**. A destruição de Jerusalém, aqui profeticamente admitida, provoca ímpio regozijo nos idumeus e filisteus (25:12-14; 15:17; Ob. 10-14; Sl. 137:7-9).

g) Uma Gloriosa Reconciliação e uma Aliança Eterna. 16:59-63.

59-60. Invalidando a aliança. Jerusalém invalidou a aliança feita em sua mocidade no Êxodo (cons. vs. 8, 43). Conseqüentemente, eia devia sofrer; mas no dia do seu arrependimento, Deus lhe dará uma aliança eterna (cons. 37:26; Is. 54:9, 10; 55:3; Jr. 31:35, 36; 32:40; 33:20-22). Samaria e Sodoma (como representantes do mundo pagão) deviam ser incluídas na nova aliança como um ato de graça, uma vez que a antiga aliança invalidada por Israel não as incluía.

63. Para que te lembres. Jerusalém será envergonhada com a lembrança de sua indignidade passada "quando eu te purificar", "fizer

expição por ti". A palavra "expiar", kipper, com Deus por agente, foi usada (cons. Dt. 21:8; Jr. 18:23; Sl. 78:38).

A queda de Israel foi o motivo de Ezequiel se estender ao mundo gentio. Até pessoas como os habitantes de Sodoma se converteriam ao Senhor, diz Ezequiel. Semelhantemente, o apóstolo Paulo declara: "Pela sua (de Israel) transgressão, veio a salvação aos gentios" (Rm. 11:11, 12). "Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos" (Rm. 11:32).

Ezequiel 17

5) Parábola da Videira e das Duas Águias. 17:1-24.

a) A Alegoria. 17:1-10.

2. O profeta apresenta um **enigma** (*hidâ*; cons. Jz. 14:12; I Reis 10:1) para interpretação, ou uma parábola (*mashal*; cons. 24:3; Is. 14:4) contendo uma similitude ou comparação.

3, 4. **Uma grande águia.** A grande águia de extensas asas (*nesher*; geralmente "abutre"; Os. 8:1; Lm. 4:19 ; mas aqui "águia" fica melhor) e compridas guias representa Nabucodonosor. As muitas cores possivelmente indicam as diferentes nações incluídas no império babilônico. **Líbano** é a montanha de Israel; o **cedro** é a casa de Davi (vs. 12, 22). Nabucodonosor está representado levando Joaquim, o rei de Judá, para a **terra de negociantes**, a Babilônia.

5, 6. **Muda da terra**, nativo da região, é Zedequias. Ele foi plantado em um **campo fértil** (a terra de Israel), na vizinhança de abundantes águas (Dt. 8:7; 11:11), onde possuía todas as vantagens naturais para crescimento e produtividade. A prosperidade está indicada pelo fato de que a muda **cresceu e se tornou videira mui larga . . . e produzia ramos e lançava renovos.**

7, 8. **Outra grande águia.** Faraó-Hofra do Egito entra em cena (Jr. 44:30; 37:7). Embora florescendo em boa terra, a videira (Zedequias) procurou a influência de outro poder para supri-la com mais abundância.

9, 10. Ezequiel pergunta: **Acaso prosperará ela?** Tal como Isaías e Jeremias, Ezequiel se opôs à aliança egípcia (Is. 30:1-5; 31:1-3; Jr. 2:36). Cook (ICC) sugere uma transposição dos versículos 9 e 10. Primeiro vem a destruição da vegetação da Palestina pelo vento oriental e então a destruição pelo braço de Nabucodonosor, cuja cidade, a Babilônia, ficava quase a leste de Jerusalém.

b) A Interpretação da Alegoria. 17:11-21.

Ezequiel endereça a interpretação para a **casa rebelde** (v. 12), os exilados judeus entre os quais ele vivia. A história da deportação de Joaquim e do voto de fidelidade de Zedequias (II Cr. 36:13; cons. Gn. 15:9-18; Jr. 34:8,22) torna a ser contada.

13, 14. Nabucodonosor retirou os poderosos (líderes) da terra que poderiam se revoltar, a fim de que Judá pudesse permanecer como um estado dependente e amigo da Babilônia.

15-17. Ele se rebelou. Zedequias violou a aliança com o rei da Babilônia, como também como Senhor (v. 19), e conseqüentemente teria de morrer na Babilônia sem nenhuma ajuda de Faraó.

21. Todos os seus fugitivos (isto é, os melhores homens), **com todas as suas** (de Zedequias) **tropas** (E. R. A. , de acordo com o Targum e a Siríaca) **cairão** diante dos exércitos da Babilônia.

c) A Promessa de um Reino Novo e Universal em Israel. 17:22-24.

O Senhor torna claro que Ele não permitirá que o Seu reino seja aniquilado, mas cumprirá a Sua promessa feita à semente de Davi.

Nabucodonosor arrancou um broto do cedro e o levou à Babilônia, mas a mudinha morreu. O Senhor declara que Ele mesmo vai arrancar a ponta do alto cedro (a casa de Davi, vs. 2, 3; Is. 53:2) e plantá-la em uma alta montanha, para que todos a vejam (cons. Is. 2:2; 11:10) e encontrem proteção debaixo dela (Ez. 17:23; cons. Mt. 13:31, 32). O estabelecimento deste reino novo e universal por Jeová levará o mundo a reconhecê-Lo como o Senhor da vida humana e o Controlador do destino

de Israel. Outros reinos também são chamados de árvores. Veja 31:5, 8, 14, 16,18. Quanto a passagens em Ezequiel referentes ao reino de Deus veja 21:27; 34:24 e segs.; 37:24 e segs. Veja também Lc. 1:51-55. A linhagem de Cristo traçada através de Joaquim (Mt. 1:11, 12).

Ezequiel 18

6) A Justiça de Deus Demonstraria na Maneira pela qual Ele Trata os Indivíduos. 18:1-32.

Ezequiel começa esta passagem com citações de Jeremias de um ditado popular (Jr. 31:29) que fazia sucesso entre os exilados em Tel Abibe: "Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram" (Ez. 18:2).

Jeremias descreveu os exilados sendo levados com Joaquim em 597 A. C. como "figos bons", enquanto os que ficaram para trás junto com Zedequias eram os "maus figos" (Jr. 24). Os judeus do tempo de Zedequias provavelmente se consideravam justos em comparação com o povo da época de Manassés; e portanto o provérbio talvez transmitisse um pensamento de justiça própria.

Contudo, o povo escorregava para o desespero e o fatalismo. Se estavam sendo punidos pelos crimes de Manassés (II Reis 24:3, 4) e pelos pecados de seus pais, por que deveriam lutar? Que chance tem um indivíduo diante do destino herdado do passado? Por que alguém tentaria ser piedoso em um mundo tão injusto? (Cons. o hedonismo descrito em Is. 22:12, 13). Há alguma alternativa para o desespero desolador do homem? (Ez. 33:10).

Ezequiel tinha anteriormente trovejado a condenação total do povo (cons. caps. 16; 20; 23). Contudo Deus permitiu que tições fossem arrancados da fogueira. Os justos foram excluídos dos ímpios por meio de um sinal (4:4). Diante do juízo iminente, salvariam as suas próprias vidas, mas não as de outros (14:14, 16, 18, 20), contudo, o arrependimento seria possível (14:6, 11).

Os conceitos da solidariedade social e da responsabilidade de grupo eram coisas antigas em Israel. A homília ou ensaio de Ezequiel no capítulo 18 implica na operação da seqüência natural da causa e efeito no meio das circunstâncias da vida humana. Deus não considera um homem responsável pelas circunstâncias nas quais nasceu, mas apenas pelo uso que fizer delas subsequentemente. Portanto, um homem é livre para renunciar o seu passado, tanto para o bem como para o mal.

Exatamente como um escritor pode mudar o curso de uma narrativa acrescentando novo material aos capítulos anteriormente escritos em um livro, assim, apesar do passado melancólico, o presente pode se tornar em uma oportunidade de total transformação e pode produzir um futuro triunfante. O perdão não apaga o passado, mas relaciona-o de maneira nova com Deus, de modo que podemos transformá-lo de maldição em uma fonte de bênçãos (cons. Allen, IB, págs,157-161).

Nosso profeta deseja vindicar a justiça divina e assim fazendo atribui novos valores ao indivíduo manipulado pelas mãos de Deus. Deus trata com os homens na qualidade de indivíduos, diz o profeta. "Todas as almas são minhas" (18:4). "Não tenho prazer na morte de ninguém" (v.32). Considerando que toda a alma está imediatamente relacionada com Deus, seu destino depende desse relacionamento. "A alma que pecar, essa morrerá" (v. 4). "Portanto convertei-vos e vivei" (v. 32). Cons. 3:16-21; 33:10-20.

Como representante de Deus, Ezequiel declara que o homem individual não está envolvido nos pecados e destino de seus antepassados (vs. 1-4). E então ele desenvolve o princípio da responsabilidade pessoal do indivíduo no caso de três gerações sucessivas: um pai justo, um filho perverso e um neto justo (vs. 5-9, 10-13, 14-18). Ele toma a declarar o princípio da responsabilidade individual (vs. 19, 20), e declara que o perdão divino está à disposição do pecador arrependido, mas que o apóstata morrerá nos seus pecados (vs. 21-29). Ele conclui com uma exortação de arrependimento para a salvação (vs. 30-32).

a) Todas as Pessoas São Individualmente Responsáveis diante do Senhor. 18:1-4.

2. Provérbio (*mashal*). Cons. 8:12; 12:22, 23. **Os pais comeram** (lit., *comiam* ou *tinham o hábito de comer*) **uvas verdes** ou azedas (*boser*), **e os dentes dos filhos é que se embotaram** (AV, *ficaram arrepiados*). Isto é, os filhos sofrem as conseqüências dos pecados de seus pais (citado em Jr. 31:29, 30). Sobre a transmissão de culpa, veja Ex. 34:7; Nm. 14:18 ; Dt. 24:16; II Reis 14:6; Lm. 5:7.

3. O uso deste provérbio, atribuindo injustiça a Deus, devia cessar imediatamente.

4. Todas as almas são minhas, isto é, todas as pessoas pertencem ao Senhor da mesma maneira e individualmente, e só ele tem autoridade para julgar. **A ama que pecar, essa morrerá.** "Viver" (vs. 9, 17, 19) e "morrer" (vs. 4, 13, 18) são usados no sentido literal e escatológico. "Viver" é entrar no perfeito reino do Senhor o qual está para vir (caps. 37; 38) e "morrer" é não participar dele. Ezequiel, como outros autores do V. T. , considera este reino como terreno.

b) A Vida Será a Recompensa do Justo. 18:5-9.

Neste quadro do homem justo vemos as obrigações da vida piedosa. Uma declaração generalizada sobre a justiça do homem (v. 6) é seguida da descrição de sua prática de piedade, sua castidade e sua beneficência (vs. 7, 8), quando enraizada na obediência aos mandamentos de Deus (v. 9). Para semelhantes listas de virtudes veja Sl. 15; 24:3-6; Is. 58:5-7; Jó 31. A conduta aparente de um homem bom é à revelação do seu caráter interno, resultado da obediência a Deus.

6. Não comendo carne sacrificada aos falsos deuses nos altos, nem levantando os olhos para os ídolos em oração (cons. 6:4). Um homem justo abstém-se do adultério e impureza (Lv. 15:19-30).

7, 8. Tornando ao devedor a coisa penhorada. Cons. Ex. 22:26; Dt. 24:6; Jó 22:6; Amós 2:8. Não recebendo juro. Os judeus estavam proibidos de cobrar juro de seus irmãos necessitados (Êx. 22:25; Lv.

15:25-37; Dt. 23:19) mas tinham permissão de cobrar juros sobre empréstimos feitos a estrangeiros (Dt. 23:20).

9. O TM. diz: "E os meus juízos ele tem guardado para praticar a verdade (*'emet*), que a LXX traduz: "para fazê-los" (*ôtam*). Certamente viverá. Contraste do versículo 4.

c) Um Filho Perverso de um Pai Justo Merece a Morte. 18:10-13.

10. **Se ele gerar um filho violento, derramador de sangue** (o restante do versículo talvez seja uma glosa de Lv. 4:2).

11. **E não cumprir todos aqueles deveres.** Os que estão relacionados nos versículos 6-9.

13. **Porventura viverá?** Esta é a conclusão lógica da pergunta proposta no versículo 10. **Não viverá.** Literalmente, *será condenado à morte*, a fórmula de Êx. 21:15; 22:18; Lv. 20:9, 11. Um bom pai não pode amontoar méritos para o seu filho.

d) Um Filho Justo de um Pai Perverso Merece a Vida. 18:14-18 .

14. O homem no terceiro elo da corrente vê **todos os pecados que seu pai fez**, teme (de acordo com a LXX, a Antiga Latina e a Vulgata) e evita seguir o seu exemplo.

16. **Não retiver o penhor**, indo assim além dos versos 7, 12. 17. *Desviar sua mão da iniquidade* (RSV). Esta tradução segue a leitura do versículo 8 e da LXX. A tradução do T.M., *afastou a sua mão de*, para não oprimir, *o pobre* (cons. 20:22) é aceitável.

Ezequias, Manassés e Josias, os últimos reis de Judá, exemplificam perfeitamente os três casos acima, embora abranjam quatro gerações.

e) O Princípio da Responsabilidade Pessoal Torna a Ser Declarada. 18:19, 20.

19. **Mas dizeis.** Veja também os versículos 25, 29; 33:17, 20; Ml. 1:2; e freqüentes ocorrências em Malaquias. **Por que não leva o filho a iniquidade do pai?** Ezequiel destaca que nem o filho nem o pai será

responsável um pela iniquidade do outro, mas cada pessoa é individualmente responsável diante de Deus.

f) Perdão Divino para o Pecador Arrependido mas não para o Apóstata. 18:21-29.

Assim como o homem não herda as conseqüências do que seus pais fizeram, assim o indivíduo, por meio do arrependimento, pode ser emancipado do seu próprio passado. O homem perverso que se afasta do mal e busca a justiça viverá (vs. 21-23). Contudo, o homem justo que abandona sua justiça para fazer o mal morrerá no seu mal (v. 24). Contra a objeção de que os caminhos do Senhor não são justos, vem a réplica de que os caminhos da casa de Israel não são justos (vs. 25-29).

21. O pecador é livre para se arrepender e abandonar o pecado e fazer a vontade de Deus. Compare com a idéia de Os. 5:4; Jr. 13:23.

22. Pela justiça que praticou. Cons, versículo 24; 33:16.

23. Acaso tenho eu prazer na morte do perverso? Esta pergunta reflete a misericórdia divina e o seu desejo de salvar a todos. "A mais preciosa palavra em todo o Livro de Ezequiel" (Kraetzschmar). Cons. o versículo 32; 33:11; I Tm. 2:4; II Pe. 3:9.

25. O caminho do SENHOR, o princípio sobre o qual Ele age não é direito (*yittaken*). Literalmente, *de acordo com o padrão*. Uma figura extraída das transações comerciais (cons. v. 29; 33:17; I Sm. 2:3). 26-29. Estes versículos repetem de forma mais resumida o pensamento apresentado nos versículos 21-25, para enfatizar este novo conceito.

g) Exortação ao Arrependimento para Salvação. 18:30-32.

31. Lançar. Aqui Ezequiel se refere à participação do homem na renovação. Em 11:19; 36:25-27, ele destaca a parte divina. Cons. Jr. 4:4; 24:7; 31:33; Sl. 51:7; Fp. 2:12, 13. Seu ministério requeria ambas as ênfases.

32. Porque não tenho prazer na morte do que morre (E.R.C.).
Não desejo a morte daquele que está para morrer; isto é, daquele que merece morrer (cons. v. 24; 33:11).

Ezequiel, como o atalaia escolhido pelo Senhor (3:16-21; 33:1-9), advertia e instava com seu povo, proclamando a justiça de Deus e também o Seu amor para com o pecador arrependido. Como harmonizar a responsabilidade pessoal do indivíduo e sua liberdade moral com a justiça de Deus e o tratamento de cada indivíduo é um problema difícil, com o qual lutam o livro de Jó e o Salmo 73. Jó não recebeu uma solução, mas satisfez-se com uma visão revitalizada de Deus (Jó 42:5, 6). "O coração tem razões que a razão desconhece", dizia Pascal. Apesar dos problemas do sofrimento e do pecado, confiar em um Pai Celestial amoroso é sempre a melhor atitude para o crente.

Ezequiel 19

7) Alegoria dos Dois Leões e a Videira. 19:1-14.

Duas lamentações em métrica elegíaca (*qinâ*), sob o disfarce de uma alegoria, descrevem: 1) uma leoa, a nação de Israel, privada sucessivamente de seus dois filhotes – Jeoacaz, deportado para o Egito (vs. 24) e Jeoaquim, levado para o cativeiro da Babilônia (vs. 5-9); e 2) uma videira e as suas varas, arrancada, transplantada para um deserto e consumida pelo fogo que brotou de uma de suas próprias varas; isto é, Israel foi envolvida na destruição pelo seu próprio rei, Zedequias, e exilada na Babilônia (vs. 10-14).

a) A Leoa Privada de Seus Dois Filhotes. 19:1-9 .

1. Uma lamentação (*qinâ*; veja também 26:17; 27:2; 28:12; 32: 2; Amós 5:1) é um poema em métrica caracteristicamente elegíaca, na qual um verso mais longo, geralmente de três tônicas, é seguido de um mais curto, geralmente de duas tônicas (cons. Amós 5:1-3 ; Lm. 1).

2. A nação de Israel (ou Judá) está descrita como uma **mãe** de reis poderosos, uma leoa, em poder e majestade. Os leões eram comuns na

antiga Palestina (Jr. 49:19 ; 50:44; Zc. 11:3; Cantares 4:8; Is. 30:6). Cinco nomes diferentes para eles se encontram em Jó 4:10, 11 , três dos quais aparecem neste versículo. Os leões ficaram praticamente extintos na Palestina depois das Cruzadas.

3. Um dos seus cachorrinhos. Jeoacaz. **Aprendeu a apanhar a presa;** isto é, veio a ser um rei no poder.

4. As nações ouviram falar dele. Leia-se o Texto Massorético como cláusula causativa, *fizeram um clamor que foi ouvido*. Cons. Is. 31:4; Jr. 50:29. Jeoacaz foi levado para o **Egito** por Faraó Neco (II Reis 23:33, 34).

5. Frustrada (E.R.C., **havia esperado**). Leia-se nô *'alâ* em lugar de *nôhalâ*, "esperado", do T.M. Outro dos seus cachorros. Jeoaquim.

6. Aprendeu a apanhar a presa, andou à espreita da presa.

7. E destruiu suas fortalezas (RSV). Esta tradução segue o Targum em vez do T.M. *e ele conheceu suas viúvas*. Cons. Jr. 2:15,16; 4:7; 5: 6; 25:37.

8. (Armou ciladas) em roda. Cons. 12:13; 17:20, onde também é paralelo de "rede".

9. Nabucodonosor levou Jeoaquim para a Babilônia (II Reis 24:15).

b) A Videira Arrancada e Consumida pelo Fogo. 19:10-14.

10. Aqui se introduz outra metáfora. Israel foi comparada a uma videira. Veja também Is. 5:1-7; 27:2, 3; Sl. 80:9; Mc. 12:1-9. **Em uma vinha** (RSV) aparece em dois manuscritos, contrastando com o T.M. *em teu sangue*.

11. Sua vara mais forte veio a ser um cetro dominador. Também a LXX B, a Antiga Latina, a Árábica e os versículos 12, 14. Esta vara é Zedequias (ou Jeoaquim).

12. Mas foi arrancada (ela, a nação). Cons. 17:9, 10; 31:12; Amós 9:15. O vento oriental, a Babilônia, secou-se o fruto.

13. A nação agora está no exílio entre condições onde a vida nacional não podia se desenvolver.

14. Das varas dos seus ramos saiu fogo. A videira foi consumida pelo fogo que saiu de um dos seus próprios ramos. Zedequias, por causa de sua rebeldia, desencadeou a destruição sobre a nação e a dinastia (II Reis 24:20 e segs.; Jr. 52:3). **Esta é a lamentação.** Isto é, a lamentação terminou e transformou-se em história (cons. 32:16).

E. A Futura Queda de Israel era Inevitável e Necessária. 20:1 – 24:27.

Ezequiel recorda a história do povo de Israel a quem o Senhor manteve vivo por amor do Seu próprio nome (20:1-4). Mas agora o Seu nome exige que a Sua espada vingadora rua Jerusalém (20:45 – 21:23 = T.M. 21:1-37). Além disso, as abominações de Jerusalém, como escória, devem passar pelo fogo da fundição do juízo, sobre os nobres e o povo da mesma maneira (cap. 22). Em uma alegoria que faz lembrar a do capítulo 16, o Senhor se distende sobre a infidelidade e a devassidão de duas irmãs, Oolá (Samaria) e Oolibá (Jerusalém), para com seu esposo divino, e o castigo resultante do seu adultério (cap. 23). No dia em que começou o cerco de Jerusalém (Jr. 39 : 1), Ezequiel conta a alegoria da panela enferrujada colocada sobre o fogo para purificação. E por meio de sua abstenção de chorar a morte de sua esposa, ele veio a ser um símbolo do desespero do povo diante do destino de sua cidade (cap. 24).

Ezequiel 20

1) Recapitulação da Infidelidade de Israel e Sua Preservação. 20:1-44.

Aos anciãos da comunidade Judia na Babilônia que buscavam um oráculo divino (vs. 1-4), Ezequiel faz recordar a história de Israel, com sua rebeldia repetida (vs. 8, 13, 16, 21, 28), e sua preservação efetuada pelo Senhor por causa do Seu próprio nome (vs. 9, 14, 17, 22, 41-44). Israel pecou no Egito (vs. 5-9) e na sua viagem do Egito para Cades-Barnéia (vs. 10-17). A segunda geração no deserto rebelou-se contra Deus (vs. 18-26), e o povo que entrou em Canaã foi continuamente infiel

para com Ele (vs. 27-29). A geração do profeta também foi idólatra tal como as gerações precedentes (vs. 30-32). Contudo, o propósito de Deus para com Seu povo no futuro envolveria juízo e esperança (vs. 33-44). Israel seria levada para o deserto uma segunda vez, com o propósito de juízo (vs. 33 -39). Então, depois que a idolatria fosse arrancada e a verdadeira adoração fosse possível, o Senhor seria conhecido pelas nações e por um Israel que odiaria o seu passado (vs. 40-44).

a) Introdução: Ezequiel Consultado pelos Anciãos de Israel. 20:1-4.

1. Sétimo ano. Julho-agosto de 590 (591) A. C., onze meses depois da última data mencionada (8:1). **Dos Anciãos.** Cons. 8:1.

3. Vós não me consultareis. Cons. versículo 31; 14:3; 36:37. Em vez de responder às suas perguntas relativas ao presente, Deus recorda a relevante lição do passado de Israel.

4. Julgá-los-ias (cons. 22:2; 23:6) fazendo-os saber as abominações de seus pais.

b) Israel Rebelde Preservada por Causa do Zelo do Senhor pelo Seu Próprio Nome. 20:5-32.

5-9. A rebelião de Israel no Egito.

5. Só nesta passagem de Ezequiel é que se faz menção da escolha de Israel feita por Deus. Pela primeira vez foi mencionada em Dt. 4:37; 7:7, 8; 10:15; 14:2; uma vez em Jr. 33:24; diversas vezes em Is. 40-66, como, por exemplo, em 41:8, 9. **Levantando a minha mão**, em juramento (veja também os vs. 6, 15, 23, 28, 42; 36:7; 44:12; 4:28 e segs.; 6:3).

6. A qual mana leite e mel. No Pentateuco esta expressão aparece quinze vezes, como, por exemplo, em Ex. 3:8. Em outras passagens aparece somente em Ez. 20:15; Jr. 11:5; 32:22. Sobre a beleza de Israel, veja Jr. 3:19; Dn. 8:9, 7,8. A acusação da idolatria de Israel no Egito (cons. 23:3; Js. 24:14; Lv. 18:3) não foi mencionada na narrativa do Êx.

9. O que fiz . . . foi por amor do meu nome. Este refrão também aparece nos versículos 14, 22. Cons. Jr. 14:7, 21; Is. 43:25; 48:9, 11. O nome representa o que Deus é e tem revelado ser. Se Ele não tivesse retirado o Seu povo do Egito, as nações poderiam acusá-Lo de fraqueza (Nm. 14:13-16; Dt. 9:28). Seu nome é **profanado** quando os homens armazenam pensamentos a respeito dEle ou Lhe atribuem feitos inconsistentes com o Seu caráter santo e único (cons. v. 39; 36:20-22). O oposto de "profanar" é "santificar", que é reconhecer o Senhor como o único Deus verdadeiro em todos os setores da vida, e viver de modo condizente.

10-17. *A rebelião de Israel no deserto.*

11. Estatutos . . . juízos. Dando a Lei no Sinai (Êx. 19 e segs.).

12. Meus sábados. Como sinal de que o Senhor era o seu Deus e eles eram o Seu povo (v. 20; Êx. 31:13, 14; Is. 66:2, 4). Durante o Exílio a guarda do sábado se tornou um sinal distintivo dos judeus como povo do Senhor (veja vs. 12, 13, 16, 20, 21, 24). **Eu sou o SENHOR que os santifica**; isto é, eu os separei dos outros povos e os consagrei para ruim mesmo. Por causa do zelo pelo Seu nome (v. 14) e por causa da piedade pelos pecadores (v. 17), o Senhor poupou a segunda geração.

18-26. *Rebelião da segunda geração contra Deus.*

18. Seus filhos no deserto. Veja Dt. 1:39; Nm. 14:31, 33.

21. Eles imitaram os pecados de seus pais (Nm. 25:1, 2; Dt. 9:23, 24; 31:27).

23-26. Os pecados eram punidos de duas maneiras: com a ameaça da dispersão depois de entrarem em Canaã (vs. 23, 24); e castigando-os (vs. 25, 26).

23. Espalhá-los entre as nações. Tais ameaças podiam ser desviadas com o arrependimento (cons. Mq. 3:1-2; Jr. 26:16-19; 18; Jonas).

25. Também lhes dei estatutos que não eram bons. Aqui o Senhor não está falando da Lei, que era boa (vs. 13, 12). Mas o povo rebelde foi abandonado a uma lei diferente (v. 18), que produzia a morte

e não a vida. "É parte do governo moral universal do mundo . . . que o efeito da desobediência e a negligência da graça leve o pecador a um pecado maior" (F. Gardiner em *Commentary* de Ellicott). Quanto à cegueira judicial com a qual Deus aflige aqueles que voluntariamente fecham seus olhos, veja Atos 7:42; Rm. 1:24, 25; II Ts. 2:11.

26. Deus permitiu que incorressem no crime de oferecer **a fogo tudo o que abre a madre** (primogênitos; cons, v. 31; 16:21; 23:37) a fim de que soubessem que eu sou o SENHOR.

27-29. A rebelião de Israel contra Deus depois de entrar em Canaã.

28. O culto cananita sobre os lugares altos e sobre as árvores foi adotado por Israel. Foi condenado por Amós (4:4; 5:21); por Oséias (6:6; 8:11,13; 9:11; por Jeremias (2:20; 3:6). Aí ofereciam os seus sacrifícios. O termo hebraico *zebah* significa animais mortos e corridos nas festas, especialmente ofertas pacíficas e ofertas de gratidão (Lv. 3:1 e segs.; 7:12-25). **Ofertas provocantes**, ou irritantes (omitido pela Siríaca). O termo hebraico *qorban*, "oferta", refere-se a ambos, oblações sangrentas e sem sangue (Lv. 1:2, 3, 10; 2:1, 5), tais como as primícias (Lv. 2:12; 23:10, 17). **Suaves aromas** (*rêah nihôah*). Cheiro de carne, gordura ou alimento queimado sobre o altar, agradável ao Senhor (Gn. 8:21; Êx. 29:18; Lv. 1:9). **Libações** (*neseq*). Libações de vinho que acompanhavam as ofertas de manjares e as ofertas pacíficas (Lv. 23:13; Nm. 15:1-12).

29. Que alto é este, aonde vós ides? Esses sacrários com ídolos (v.28) não serviam para prestar culto ao Senhor. "Lugares altos", *bamâ*, é o objeto de um jogo de palavras irônico – *bâ'*, "ir", mais *mâ*, "o que".

30-32. A rebelião da geração de Ezequiel.

30, 31. Os contemporâneos de Ezequiel que, tal como seus pais, tinham se contaminado, não podiam receber um oráculo vindo do Senhor. (cons, v. 3).

32. Seremos como as nações. Uma interpretação defende que os exilados estavam planejando permitir que o ambiente pagão os assimilasse, mas não nos parece que tenham participado tais planos ao

profeta Ezequiel. Uma segunda opinião é que os exilados queriam a aprovação de Ezequiel para levantar um altar e um templo para o Senhor na Babilônia, (Cons. o templo judeu em Elefantina, no Egito). Mais provável é que o profeta, falando em nome de Jeová, estivesse condenando o sincretismo e as práticas idólatras de seus conterrâneos em Judá.

c) O Zelo do Senhor pelo Seu Nome a fim de Fazer Israel Atravessar o Juízo Futuro até a Perspectiva de Esperança. 20:33-44.

33-39. *Um segundo encontro no deserto* (um contraste com os vs. 10-26) *com o propósito de juízo.*

33. Hei de reinar sobre vós. Fala o Vingador soberano do direito e da verdade.

34. Tirar-vos-ei dentre os pavor. Como povo diferente, para ser tratado como povo particular.

35. Deserto dos povos. Talvez não um deserto material, mas uma condição árida - dispersos entre as nações.

37. Far-vos-ei passar debaixo do meu cajado. Uma referência figurada ao cajado do pastor, usado para contar as ovelhas (Lv. 27:32; Jr. 33:13). **E vos sujeitarei à disciplina** (eu os contarei, segundo a LXX).

38. Separarei dentre vós os rebeldes. Os rebeldes não terão permissão de participar da futura restauração.

39. Cada um sirva os seus ídolos. Deus os abandonará para que prossigam pelo carrinho que escolheram até o seu fim inevitável.

40- 44. *A idolatria será arrancada de Israel e o verdadeiro culto será estabelecido.*

40. No monte alto de Israel (Miq. 4:1, 2; Is. 2:2, 3), toda a casa (dos redimidos) de Israel será aceita.

41. Como aroma suave diante do Senhor. *Manifestarei entre vós a minha santidade* (RSV). De modo que as nações reconhecerão o poder do Senhor e sua divindade única. Veja também 28:22, 25; 36:23; 38:16, 23; 39:27.

42. Eu sou o SENHOR. Israel conhecerá o Senhor como o Deus a ser honrado e servido quando Ele cumprir suas promessas antigas feitas aos pais, da restauração da terra.

43. Tereis nojo de vós mesmos. Pelos seus pecados do passado (6:9; 16:61 e segs.). Mas eles serão levados a se arrependerem por canoa da bondade de Deus (Rm. 2: 4).

44. Eu sou o SENHOR. O povo verá que, através de todo o seu passado, o Senhor, por amor ao Seu nome, lidou com eles com misericórdia e não como mereciam (com. Is. 40:5). Os versículos 40-44 apontam para o capítulo 40 e seguintes.

2) Israel Será Punida pela Espada Vingadora de Deus. 20:45 – 21:32.

O T.M. coloca este trecho no capítulo 21, enquanto a versão inglesa, seguindo a LXX, a Siríaca e a Vulgata, o coloca entre 20:45-49 e 21:1-32. Quatro oráculos se distinguem: a) Um fogo devorará a floresta do Sul (20:45-49), o fogo da guerra e da espada contra Jerusalém e Israel (21:1-7); b) a "canção da espada", apesar das obscuridades do texto, descreve pitorescamente a divina visitação pendente sobre Jerusalém (vs. 8-17); c) O rei da Babilônia, o manejador da espada, é orientado a atacar Jerusalém por meio da sorte na encruzilhada (vs.18-27); d) Amom, ameaçando Israel com a espada, ele mesmo será condenado (vs. 28-32).

a) O Fogo Devorador da Guerra Contra Jerusalém e Israel. 20:45 – 21:7.

45-59. *A figura de um fogo devorando as florestas do sul.*

46. Volve o teu rosto para o Sul. Três palavras para **Sul** aparecem neste versículo – *têman*, *darôm* e *negeb*, significando respectivamente, "mão direita", "brilhante" ou "meio-dia" e "terra seca". Todas são designações de Israel, que fica ao Sul do caminho dos conquistadores que vinham da Babilônia (cons. 1:4). Observe a referência tripla a Israel

em 21:2, 3. *Derrama as tuas palavras contra*, literalmente (cons. 21:2; Amós 7:16; Mq. 2:6, 11).

47. Eis que acenderei em ti um fogo. Esta é uma figura de destruição (cons. Is. 9:17; 10:17-19; Jr. 21:14; Zc. 11:1-3; Sl. 83:14). **Árvore verde . . . árvore seca.** Cons. 21:3. Todos igualmente, justos e injustos, seriam envolvidos no julgamento da nação (cons. Lc. 23:31). **Todos os rostos.** Dos espectadores, ou das árvores.

49. Parábolas. Ou enigmas. Com referência à palavra *mashal*, veja 18:2. O povo tomou nota do método de falar do profeta, mas não aceitou a mensagem.

Ezequiel 21

21:1-7. *O fogo da guerra e da espada dirigido contra Jerusalém e Israel.*

2. Derrama as tuas palavras. Cons. 20:46. As palavras, **Jerusalém . . . santuários** (o Templo e seus recintos), e Israel correspondem aos três termos (**sul**) de 20:46.

3. A minha espada. Cons. 21:5; 30:24, 25; 32:10. Jeová lutará em benefício do Seu povo (Js. 5:13-15); derrotará os Seus inimigos (Dt. 32:41, 42; Is. 31:8; Jr. 50:35), e julgará os injustos (Jr. 25:31; Is. 66:16): A espada desembainhada contra Israel é a do Seu agente, Nabucodonosor (veja v. 19; 12:13; 17:20). **Eliminarei . . . assim o justo como o perverso.** As árvores "verdes" e "secas" de 20:47. Este exemplo de solidariedade não evita que o indivíduo justo tenha uma comunhão com Deus que transcenda a morte (cons. cap. 18).

6. Suspira. . . com quebrantamento dos teus lombos. Referência aos lombos, considerados como a sede da força (Jó 40:16; cons. Sl. 66:11; 69:23; Is. 21:3; Na. 2:10). **À vista deles.** Uma parábola objetiva.

9. Os exilados na Babilônia ficariam igualmente entristecidos diante da notícia da queda de Jerusalém (cons. 33:21).

b) A Canção da Espada. 21:8-17.**9-11. A espada está afiada para a matança.**

10. *Deveríamos nos alegrar então?* Estas palavras, até o final do versículo, estão deturpadas. A interpretação de Keil (*Biblical Commentary on Ezekiel, in loco*) retém o T.M.: "Deveríamos nos alegrar (dizendo): O cetro de meu filho despreza qualquer pau (isto é, os outros cetros)". Esta interpretação vê aqui uma referência a Gn. 49:9, 10; II Sm. 7:14. Cons. o versículo 27.

12, 13. A agitação do profeta.

12. Dá, pois, pancadas na tua coxa. Num gesto de desespero (Jr. 31: 19).

13. Haverá uma prova. Este texto está deturpado. Das muitas reconstruções, a de Keil aproxima-se do T.M.: "Pois a prova está feita, e se o cetro que despreza os outros não vier?" Isto é, o que acontecerá se esse reino, Judá, ficar sem um rei? Cons. versículos 10, 27.

14, 15. A espada duplicada e triplicada em intensidade para a carnificina. O T.M. destes versículos é difícil, e todas as traduções recorrem a emendas conjecturas. **Bate com as palmas.** Um gesto de forte emoção (cons. v. 17; 22: 13).

16. Vira-te . . . para a direita . . . para a esquerda. Uma apóstrofe para a espada.

17. Também eu baterei as minhas palmas. O Senhor exulta sobre a vingança iminente.

c) O Rei da Babilônia, o Manejador da Espada, Procede Contra Jerusalém. 21:18-27.

19. Propõe dois caminhos. O profeta tinha ordem de traçar sobre a areia, ou talvez sobre um tijolo ou ladrilho (cons. 4:1), duas linhas representando duas estradas que o rei da Babilônia e seu exército seguiriam. Essas estradas partiam da mesma terra, Babilônia, e seguiam a mesma rota centenas de quilômetros até o Vale Orontes, antes de se bifurcarem. **Na entrada do caminho para a cidade.** Talvez isto se refira

a Ribla, no Líbano (ou Damasco), onde as duas estradas se separavam. Um ponteiro ou indicador (cons. I Sm. 15:12; II Sm. 18:18) devia ser levantado, indicando a direção.

20. Rabá dos filhos de Amom (cons. 25:5). No período greco-romano esta cidade chamava-se Filadélfia; hoje é conhecida por Amman. Fica situada na fonte de Jaboque, 40 quilômetros a nordeste do Mar Morto. Rabá de Amom ficava em uma estrada e Jerusalém na outra. Ambas eram culpadas de conspirar contra Babilônia (Jr. 27:1-3).

21. Na encruzilhada (lit., *base*) . . . **dos dois caminhos**, o rei da Babilônia usaria três tipos de oráculos. Ele sacudiria as flechas, uma para Jerusalém e outra para Amom, em uma aljava ou escudo; e a que tivesse o nome de Jerusalém seria tirada. Ele consultaria **ídolos do lar**, ou *terafins*, pequenas imagens domésticas com forma humana (cons. Gn. 31:19; I Sm. 19:13, 16). Ele examinaria o **fígado** (como a sede da vida, cheio de sangue) buscando prognósticos, um costume entre os babilônios, gregos e romanos.

22. Oráculo . . . sobre Jerusalém. Todos os métodos apontariam para Jerusalém como o alvo contra o qual os invasores deviam dar o seu grito de guerra e levantar os **arietes . . . terraplenos e baluartes**.

23. Mas para os judeus que tinham feito **juramentos solenes** de fidelidade a Nabucodonosor para depois quebrá-los (17:16-18), os oráculos pareceriam falsos.

24. Visto que me fazeis lembrar da vossa iniquidade. Por causa da vossa culpa (*awôn*), transgressões (*peshá'*) e pecados (*hatta't*), **sereis apreendidos**; isto é, presos pelos oficiais inimigos.

25. O desonrado e **perverso príncipe de Israel**, Zedequias, alcançara o **dia . . . do seu castigo final** (I Sm. 26:10). (Cons. Ez. 21:29; 35:5).

26. O diadema (*turbante*, na RSV; *misnepet*, "diadema" ou "mitra" usado em outras passagens referente ao sumo sacerdote; veja Êx. 28:4; Lv. 8:9) e a **coroa** (*atarâ*; cons. Jr. 13:18; II Sm. 12:30) da casa real seriam removidos. Todo o estado de coisas atual seria subvertido.

27. Ruína! Ruína! A ruínas a reduzirei. A repetição expressa o grau superlativo (cons. Is. 6:3; Jr. 22:29). A condição prevalecente seria subvertida, **até que venha aquele a quem ela pertence de direito, a ele a darei.** Esta é a primeira referência clara de Ezequiel ao Messias pessoal, que teria o direito de usar a coroa e seria um rei de verdade. Veja Gn. 49:10, onde Ezequiel evidentemente leu *shellô*, "de quem ele é" (equivalente a *'asher lô*; cons. v. 27) em lugar de *Shîloh*. Sobre este uso de **direito**, veja Dt. 21:17; Jr. 32:7, 8.

d) Oráculo Contra Amom. 21:28-32 (cons. 25:1-7; Amós 1:13-15; Sf. 2:8-11; Jr. 49:1-6).

Embora Nabucodonosor se desviasse de Amom para Jerusalém (vs. 19, 20), o destino de Amom seria pior que o de Jerusalém.

28. Fazendo insultos a **Israel**, eles desembainharam a espada para conquistá-la.

29. Adivinham mentiras. As falsas visões e mentiras dos adivinhos amonitas apressariam seus soldados a colocarem as espadas sobre **o pescoço dos . . . perversos**, príncipes e povo de Israel.

30. Torna a tua espada à sua bainha diz o Senhor, pois em tua própria terra, **na terra do teu nascimento**, eu te julgarei.

31. Eles seriam entregues **nas mãos dos homens brutais** (cons. Sl. 94: 8), selvagens do deserto (Ez. 25: 4, 10), **"mestres de destruição"**.

32. Amom se tornaria como **pasto ao fogo**, o sangue vital da nação seria derramado em sua própria terra. Em contraste com Israel, não haveria restauração futura para Amom.

Ezequiel 22

3) Os Pecados de Jerusalém Seriam Julgados na Fornalha Ardente. 22:1-31.

Do ponto de vista homilético, este capítulo especifica as abominações das quais a nação era culpada (vs. 1-12), lamenta a

ausência de qualquer voz que se levante contra esses pecados (vs. 23-31) e anuncia o fogo do juízo sobre a nação (vs. 13-22).

a) Catálogo dos Crimes Profanadores de Jerusalém. 22:1-12.

Quatro grupos principais de feitos abomináveis foram tratados neste primeiro oráculo. 1) Idolatria e irreligião. Negligência para com o Senhor (v. 12) é a raiz de todos os pecados (23:35). **Ídolos** (vs. 3, 4), desprezo das **coisas santas** e profanação do **sábado** (v. 8; cons. v. 26; 20:20, 21), e o comer dos sacrifícios feitos aos ídolos sobre os **montes** (v. 9; cons. 18:6) são denunciados. 2) Grande derramamento de sangue acontecia por toda a cidade (veja vs. 2-4, 6, 9, 12, 13, 27). 3) A imoralidade e o incesto eram comuns. Os homens cometiam **perversidade** (v. 9b ; cons. 16: 27; Lv. 18:17), casando-se com suas madrastas (v. 10; cons. Lv. 18: 7, 8; 20:11 e segs.).

Eles humilhavam **da mulher no prazo da sua menstruação** (v.10b, cons. 18:6; Lv. 18:9). Cometiam adultério **com a mulher do seu próximo**, incestos com **a sua nora** e com **a sua irmã** (v. 11; cons. Lev. 18:20, 5, 9). 4) A desumanidade era praticada: **desprezam o pai e a mãe, praticam extorsões contra o estrangeiro e são injustos para com o órfão e a viúva** (v. 7; cons. Ex. 21:17; 22:21, 22). **Homens caluniadores** induziam ao derramamento de sangue (v. 9; cons. Lv. 19:16). Homens aceitavam **subornos**, praticavam **usura e extorsão** (v. 12 ; cons. Êx. 23:8; 22:25; Lv. 19:13). O povo não obedecia ao código de justiça exaltado em 18:5-9.

b) O Juízo do Senhor Visitada a Nação Pecadora. 22:13-22.

13-16. *A necessidade e certeza do juízo.*

13. Eis que bato as minhas palmas. Um gesto de desdém (cons. 21:14, 17).

16. Serás profanada em ti mesma. Antes, *serei profanado através de ti.* Leia-se de acordo com a LXX, *wenihaltî bak*, e não segundo o

T.M., *wenihalt beka*. O castigo seria a dispersão entre as nações, através do qual o Senhor seria profanado. Cons. 20:9; 36:20.

17-22. *O juízo de Israel na figura de uma fornalha ardente.* Com referência a figura, veja-se também Is, 1: 22, 25; 48: 10; Jr. 6:27-30 ; Zc. 13:9; Ml. 3:2, 3. Aqui Israel é a matéria prima, Jerusalém é a fornalha, Jeová funde o minério, e Israel é lançada fora como refugio! Observe a repetição de idéias através deste parágrafo.

18. A casa de Israel se tornou para mim em escória. Escória era símbolo de indignidade (cons. Sl. 119:119; Pv. 25:4; 26:23).

c) A Elite e o Povo, Todos são Culpados de Fracasso em Reprender os Vícios Nacionais. 22:23-31.

Começando com a camada de cima na escala social, Ezequiel acusa príncipes, sacerdotes, potentados, profetas e o povo por sua cumplicidade com o pecado.

24. Israel é uma terra que **não tem chuva.** LXX, *não foi molhada pela chuva*. Está enfrentando uma seca (cons. 34:26). **No dia da indignação.** O dia da destruição de Jerusalém (cons. v. 31; 21:31).

25. Seus profetas. Leia-se, *seus príncipes*; substituindo-se rabi, "profeta", do T.M., por *nasî*, "príncipe", da LXX. Eram membros da casa real (cons,v.6). Os profetas foram destacados no versículo 28. Cons. 19:1; 21:12; 45:8, 9 ; Sf. 3:3.

26. Seus sacerdotes. Os *kohen*. Cons. Sf. 3:4.

27. Seus príncipes; isto é, seus nobres e potentados, os *sarîm*, chefes ou líderes do povo. Cons. Jr. 26:10; 36:12; Sf. 3:3.

28. Seus profetas. Os *nabî*. Cons. 13:10, 11; 21:28; Sf. 3:4.

29. O povo da terra ('am ha'ares). O povo simples. Cons. 7:27; 12:19; II Reis 25:3, 19; Jr. 37:2.

30. Busquei . . . um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha. Cons. 13:5; Sl. 106:23. O Senhor buscou em vão por um homem que detivesse a maré da ruína e invertesse o destino do povo, mas não

encontrou nenhum. Compare com Is. 59:15, 16; 63:5, onde, na ausência de um homem, o Senhor operou a vitória.

31. A indignação do Senhor e o fogo do Seu furor foram derramados sobre esse povo (cons. vs. 21, 22; 9:10; Sf. 3: 8).

Ezequiel 23

4) Alegoria sobre Oolá e Oolibá. 23:1-49. O capítulo 23 contém uma descrição alegórica da história de Samaria e Jerusalém, as duas irmãs que foram infiéis ao seu divino esposo. Na alegoria do capítulo 16, a infidelidade religiosa de Israel por causa da sedução do culto cananita é comparado ao adultério. O presente capítulo trata das alianças políticas de Israel com as nações pagãs, envolvendo falta de confiança para com o poder do Senhor, na figura da prostituição. Em um poema com detalhes os mais repulsivos (vs. 1-35), o profeta descreve 1) a infidelidade de Oolá (Samaria) e o seu castigo (vs. 1-10); 2) a infidelidade de Oolibá (Jerusalém; vs. 11-21) e o seu castigo (vs. 22-35). Um discurso final (vs. 36-49) descreve as duas irmãs pecando e recebendo o castigo contemporaneamente. O reino do Senhor deve ser fiel a Ele e não confiar em alianças com os pagãos. "Já tomava conta da mente profética o conceito de que o reino de Deus não era um estado mas o que agora chamamos de uma igreja" (A. B. Davidson, *Cambridge Bible*, pág. 165).

a) Introdução. 23:1-4.

2. Os dois reinos, Israel e Judá, são apresentados como duas irmãs (cons. Jr. 3:7; Ez. 16:46).

4. Oolá, aquela que tem uma tenda, e Oolibá, a tenda está nela, eram "irmãs parecidas no nome e na culpa". Quanto a nomes semelhantemente formados, veja Gn. 35:18; Is. 62:4. Ewal destaca que no Oriente os irmãos e irmãs geralmente tinham nomes muito parecidos, como Hasan e Husein (pequeno Hasan), filhos de Ali, genro de Maomé. **E foram minhas.** A lei proibía tomar duas irmãs em casamento (Lev.

18:18). A figura do casamento (cons. Jr. 2:2; Os. 2:21, 22) foi amplamente desenvolvida por Ezequiel.

b) As Infidelidades de Oolá, Samaria. 23:5-10.

5, 6. *Seus amantes os assírios, guerreiros.* (RSV). Os **vizinhos, qerôbîm**, provavelmente liga-se à palavra *qerab*, "batalha" (Jó 38:23; Zc. 14:3); ou talvez seja cognata do acadiano *kurâdû*, "guerreiros", a ser lido *qerôdim*.

7. O Obelisco Negro de Salmaneser III (859-824) mostra Jeú, rei de Israel, pagando tributo, 842 A.C. (cons. Pritchard, ANET, págs. 281-284). Israel fez custosa aliança com Tiglate-Pileser III (745-727), rei da Assíria (II Reis 15:19-29). Os versículos 8, 9 falam das intrigas de Samaria com a Assíria e o Egito (veja também Os. 5 : 13; 7: 11; 8, 9, 10; 12:1). As intrigas de Oséias com o Egito contra a Assíria resultaram na ruína de Samaria (II Reis 17:3-6).

10. E ela se tornou falada, isto é, mal-falada (lit, nome; cons. v. 48; 16:41; 36:3).

c) As Infidelidades de Oolibá, Jerusalém. 23:11-21.

11-13. *Intrigas com a Assíria.*

11. Vendo isto sua irmã Oolibá. O exemplo de Samaria não constituiu um impedimento para Jerusalém, a qual foi culpada de maiores excessos ainda (16: 47, 51; Jr. 3:8, 11).

12. Inflamou-se pelos filhos da Assíria. Cons. os versículos 5, 6. Acáz solicitou a ajuda dos assírios (II Reis 16:7; 23:11, 12; Is. 7:1-25).

14-18. Intrigas com a Babilônia. Homens pintados na parede. Os babilônios decoravam as paredes de suas salas com painéis esculpidos e coloridos (cons. 8:10; Jr. 22:14).

15. Lombos cingidos. Cintos e tangas faziam parte das roupas dos babilônios (veja Is. 5:27; 11:5; também a descrição feita dos nobres babilônios por Heródoto, em *Histories I*, 195). **Turbantes pendentes da cabeça.** Panos atados à volta com fitas pendendo atrás. **Com aparência**

de oficiais. Um "oficial" (*shalîsh*) era o terceiro homem a ocupar o cano junto com o rei e o condutor, um homem de alta linhagem.

16. E lhes mandou mensageiros. A ocasião é desconhecida, embora Ezequias tenha recebido uma embaixada da Babilônia em cerca de 712 A. C. (cons. Is. 39).

17. Enojada os deixou (lit., *perturbada*; cons. Gn. 32:25). Ela sentiu a revolta da paixão saciada.

19-21. Intrigas como Egito.

19. Dias . . . em que se prostituía na terra do Egito. No tempo de Isaías, havia um forte partido pró-Egito (Is. 30-31; cons. Jr. 2:18; 37:5 e segs.; Ez. 29-32).

20. Amantes. Veja em Os. 8:9; Jr. 2:24; 5:8; 13:27 paralelos para as revoltantes figuras deste versículo. Como uma prostituta se sente atraída pela potência sexual, assim Judá foi seduzida pelo valor militar do Egito.

d) O Castigo de Oolibá. 23:22-35.

Quatro ameaças são feitas, cada uma começando com a expressão: "Assim diz o Senhor Deus" - versículos 22-27, 28-31, 32-34, 35.

22-27. Primeira ameaça de castigo.

23. Pecode, Soa e Coa (cons. Jr. 50:20; Is. 22:5) se identificam com *Pukûdû*, *Sutû* e *Kutû*, tribos que viviam ao leste do Rio Tigre, perto de sua foz, todas pertencentes ao império caldeu. **Governadores e sátrapas.** Oficiais e guerreiros, seguindo a tradução dos versículos 5, 6 e 12. **Príncipes.** O T.M. traduz "chamados" para dar conselhos.

24. Pavese, pequenos escudos que se carregavam no braço. Escudos, uma grande arma de proteção. Porá diante deles o juízo, isto é, de Jerusalém, para os caldeus (cons. I Reis 8:46). Eles a julgariam de acordo com seus próprios juízos cruéis.

25. Porei contra ti o meu zelo. Cons. Nm. 25:11. Sobre a mutilação de adúlteras e outras, veja Código de Leis da Assíria Média (Barton, *Archaeology and the Bible*, págs. 427-438) especialmente as

seções 4, 8, 9,11-14, 40,41, 50-59. Sobre essa prática no Egito, veja Diodorus Siculus, *The Historical Library* 1. 78. Cons. Ez. 12:13; 16:40.

26. Despojar-te-ão. Cons. 16:38, 39.

28-31. *Segunda ameaça de castigo.*

29. Fruto do teu trabalho; isto é, riqueza (Jr. 20:5; Sl. 128:2).

31. Copo. Jerusalém tinha de beber no copo do castigo de sua irmã (cons. Is. 51:17, 22, 23; Jr. 25:15, 16; Hc. 2:16).

32-34. *Terceira ameaça de castigo.* Estes versículos formam um poema sobre a taça do juízo.

34. Arrancarás os teus cabelos. Uma tradução livre do T.M, na LXX diz *roerás os cacos. E te rasgarás os peitos.* Cons. Jr. 25:16; Jó 39:24.

35. Quarta ameaça. Também carregará com (as conseqüências de) **a tua luxúria.** Cons. versículos 8, 27, 44.

e) Julgamento de Oolá e Oolibá. 23:36-39. Esta passagem constitui um apêndice com uma descrição independente.

36-39. *As irmãs são culpadas de adultério e idolatria.*

37. O sangue do sacrifício infantil estava **nas suas mãos**, em sua adoração de ídolos, especialmente Moloque (cons. 16:20, 21).

38. Contaminaram o meu santuário e profanaram os meus sábados. Cons. 20:12, 13; 22:8.

39. Depois de realizar o culto pagão, entravam despreocupadamente na casa do Senhor. Cons. Mq. 3:11; Jr. 7:9-11.

40-44. A prostituição de Israel nas alianças com estrangeiros. Nestes versículos a prostituta faz preparativos cuidadosos para receber os seus amantes.

40. As mulheres pintavam suas pálpebras com antimônio ou estíbio em pó para fazê-los parecer grandes e brilhantes (cons. II Reis 9:30; Jr. 4:30; veja também o nome da filha de Jó, *Kerenhappuch*, "chifre de pintura para olhos", Jó 42:14).

42, 43. Estes versículos são ininteligíveis no T.M., e as versões não apresentam traduções satisfatórias. O versículo 44 é um resumo dos

versículos anteriores. Traduza-se para: *para praticar obscenidades* (RSV), segundo a LXX, em lugar do T.M., **mulheres depravadas**.

45-49. *A adúltera condenada à morte por homens justos*. Homens justos. Talvez o significado é que o senso moral da comunidade (não dos caldeus) julgaria as adúlteras (cons. vs. 24:47; 16:40).

47. As apedrejará. O apedrejamento era o castigo para o adultério prescrito pela Lei (cons. 16:38-40; Dt. 21:21).

48. Escarmentem. Advertidas por um exemplo público (cons. o versículo 10; 16:41).

49. Será retribuído (RSV). De acordo com o Targum. **O castigo ... recairá sobre vós.** Cons. o versículo 35; Lv. 20:20.

Ezequiel 24

5) Símbolos do Cerco Final de Jerusalém. 24:1-27.

a) Alegoria da Panela Enferrujada Colocada Sobre o Fogo. 24:1-14.

No dia em que o cerco e a tomada de Jerusalém começaram, o Senhor deu ao profeta uma alegoria e uma parábola objetiva referente ao cerco e tomada rural da cidade. Ele trilha de colocar um caldeirão enferrujado (Jerusalém) sobre o fogo, enchê-lo de água e jogar pedaços de carne (os habitantes de Jerusalém) dentro dele. Devia amontoar lenha debaixo dele para que fervesse furiosamente (o cerco e sua severidade). Então devia retirar pedaços de carne indiscriminadamente do caldeirão (a dispersão universal depois do cerco). Depois devia colocar a panela vazia sobre as brasas para que sua ferrugem e sujeira fosse derretida e consumida (os juízos purificadores deviam continuar muito tempo depois da destruição da cidade).

1. O nono ano, no décimo mês, aos dez dias do mês. O dia do começo do cerco de Jerusalém (II Reis 25:1; Jr. 30:1; 52:4). Janeiro de 587 A. C. (ou 588) A. C. Durante o Exílio e até 518 A. C. , este dia era guardado com jejum (Zc. 8:19).

3. Propõe uma parábola. Um *mashal* (cons. 17:2). Os versículos 3-5 estão na forma poética. A inspiração do profeta vinha geralmente

quando se ocupava com coisas corriqueiras, aqui aparentemente quando se dispunha a preparar uma refeição.

5. Empilha lenha. Leia-se de acordo com o versículo 10, em lugar de *empilha os ossos* do T.M. **Faze-a a ferver** (ferve os seus pedaços, RSV). De acordo com dois manuscritos hebraicos em lugar do T.M., *ferve a sua fervura*. **Cozam-se . . . os ossos.** Junto com a carne em cima deles (cons. v. 4).

6. Panela cheia de ferrugem ou sujeira, **ferrugem que não foi tirada.** Cons. 22:2. Sem escolha. Em 597 A. C., os habitantes foram levados por escolha? Agora não seria assim. A dispersão seria indiscriminada.

7, 8. Sangue. . . numa penha descalvada. O descaramento do pecado de Jerusalém (cons. Is. 3: 9) seria igualado à imparcialidade do seu castigo. O sangue derramado clamava por vingança (Gn. 4:10; Lv. 17:13; Dt. 12:16; Jó 16:18). No versículo 8 diz-se que o Senhor está determinando este derramamento, para atrair o juízo sobre Jerusalém por causa dEle.

10. Amontoa muita lenha. É um paralelo do versículo 5. *Esvazia o caldo* (RSV). Da mesma forma a LXX, com pequena alteração, em lugar do T.M., *tempera os temperos*. **Ardam os ossos.** Pela ação poderosa do calor durante o cozimento.

12. Trabalho inútil! (Em vão eu me cansei, RSV). Uma ligeira emenda dá esta tradução, em lugar do T.M., *com luta ela* (me ou se) *cansou*. **Sua muita ferrugem,** ou *grande sujeira* tem de ser extraída do pote.

13. Até que eu tenha satisfeito ou apaziguado o meu furor. Veja também 5:13; 8:18; 16:42.

14. Eu te julgarei (RSV). Do mesmo modo em dois manuscritos hebraicos e diversas versões. Cons. 23:49.

b) A Abstenção Fora do Natural do Profeta de se Entristecer. 24:15-24.

O Senhor disse a Ezequiel que sua amada esposa morreria subitamente, e que ele não devia se ocupar das costumeiras atitudes de luto. Ele devia assim se tornar um símbolo do desespero do povo diante do destino de sua amada cidade de Jerusalém.

16. A delícia dos teus olhos. Cons. versículos 21, 25. "A frase sozinha revela que havia uma fonte de lágrimas oculta no seio deste severo pregador" (J. Skinner, ExpB). **Às súbitas.** Esta expressão refere-se à uma enfermidade súbita e fatal (Nm. 14:37), geralmente uma praga (Êx. 9:14; II Cr. 21:14).

17. O profeta devia sufocar seus instintos naturais quando o golpe fosse desferido. Quanto aos costumes referentes ao luto, consulte Eclesiástico 38:17; Is. 20:2; Mq. 3:7; Lv. 13:45. **Não comas o pão que te mandam.** O pão dos pranteadores (RSV). Do mesmo modo o Targum e a Vulgata. Cons. Os. 9:4, traduzindo 'ônîm em lugar do T.M. 'anashîm, "pão dos homens". Cons. Jr. 16:7; Tb. 4:7.

18, 19. O povo, acostumado a consultar Ezequiel (8:1; 14:1; 20:1), perguntaram-lhe por que não chorava a morte de sua esposa. Compare com 21:12.

21. Eu profanarei o meu santuário. Pela ação de um inimigo pagão (7:24; 25:3; 44:7; Dn. 11:31). O Senhor aqui vê além das causas secundárias. **Objeto do vosso mais alto orgulho.** O Templo (cons. v. 25).

22, 23. Ezequiel devia dizer ao povo que eles se entristeceriam em silêncio, profundamente, diante da destruição do Templo (cons. 33:10; SI. 38:8), como ele se entristecera por sua esposa.

24. Assim vos servirá Ezequiel de sinal. Cons. o versículo 27; 12 : 6, 11.

c) O Ministério do Profeta Liberado das Limitações durante a Queda da Cidade. 24:25-27.

Quando chegaram as novas da queda da cidade, cumprindo as predições do profeta, ele já não precisava mais se fazer de mudo; as

limitações seriam removidas e ele poderia falar irrestritamente para os que quisessem ouvi-lo.

25. No dia. Da queda de Jerusalém.

26. Nesse dia. Quando a notícia da queda da cidade chegasse à Babilônia.

27. Abrir-se-á a tua boca. Em conversa com aquele que escapar. Não ficarás mudo. Cons. 3:26, 27; 33:21, 22. Ele poderia então ser um atalaia no sentido pastoral. Suas profecias da destruição teriam sido confirmadas; estaria livre para se dedicar na edificação de uma nova comunidade. **Assim lhes servirás de sinal.** Cons. o versículo 16:18.

II. Oráculo Contra as Nações Estrangeiras. 25:1 – 32:32.

Os oráculos anunciando o castigo para os vizinhos hostis de Israel (caps. 25-32) constituem uma transição entre as profecias do juízo de Judá e Jerusalém (caps. 1-24) e as predições de sua restauração (caps. 33-39; 40-48). Os oráculos contra as nações estrangeiras estão agrupados em outros profetas também: Is. 13-23; Jr. 46-51; Amós 1, 2; Sf. 2:4-15.

Antes que o estado ideal pudesse ser alcançado, os inimigos teriam de ser destruídos e Israel tinha de se estabelecer seguramente em sua terra (28:24, 26; 34:28, 29). Sete nações, possivelmente um símbolo de plenitude, estão destinadas à retribuição. Cinco delas fizeram uma aliança contra a Caldéia (Jr. 27:1-3). A Babilônia, o poder anti-Deus do V. T. , não está incluída nas acusações, talvez porque esta nação foi o instrumento da justiça de Deus (29:17 e segs.), embora Ezequiel conhecesse o caráter dos caldeus (7:21, 22, 24; 28:6; 30:11, 12; 31:12).

O Senhor devia repartir o castigo pelos inimigos que estavam à volta de Israel por causa de seu comportamento para com Israel (25:3, 8, 12, 15; 26:2; 29:6) e por causa de seu orgulho ímpio e sua auto-deificação (28; 29:3). Aqui, como nos oráculos referentes aos estrangeiros feitos pelos outros profetas, exhibe-se o panorama internacional da profecia hebraica, com o destaque dado à soberania universal de Deus e a responsabilidade moral de toda a humanidade. "A

posição de uma nação entre os povos depende da contribuição que faz ao propósito divino para a humanidade e de seu tributo para com o Seu governo universal" (Cook, ICC, pág. 282).

As nações que foram examinadas pelo profeta são Amom, Moabe, Edom, Filístia (25:1-7, 8-11, 12-14, 15-17), Tiro (três oráculos: 26; 27; 28:1-19), Sidom (28:20-26) e Egito (sete oráculos: 29:1-16, 17-21; 30:1-19, 20-26; 31; 32:1-16, 17-32). Os quatro primeiros oráculos são curtos e prosaicos (cap. 25), enquanto que os pronunciamentos contra Tiro (caps. 26-28) e Egito (caps. 29-32) são longos, poemas magníficos, cheios de colorido e fogo, boa ilustração do estrio variado de Ezequiel. As datas atribuídas a alguns dos oráculos localizam esta seção entre 587-586 A.C. (sete meses antes da queda de Jerusalém, 29:1) e 571-570 A. C. (16 anos depois de sua queda, 29:17).

Ezequiel 25

A. Oráculo Contra Amom. 25:1-7.

Quanto às outras acusações, veja 21:28-32; Amós 1:13-15; Sf. 2:8-11; Jr. 49:1-6.

Amom certa ocasião possuía a terra entre o Amom e o Jaboque, mas foi empurrada para o leste pelos amorreus (Juízes 11:13; Nm. 21:21). Um inimigo implacável de Israel através dos anos (Jz. 10-11; I Sm. 11; II Sm. 10). Amom foi denunciada neste oráculo por causa de seu júbilo ímpio e sua malícia diante da destruição do Templo e miséria de Israel e Judá (Ez. 25:3, 6). Referências pós-exílicas feitas a Amom encontram-se em Ne. 4:3; I Mac. 5:6.

4. Filhos do Oriente. As tribos aramaicas e árabes a leste de Amom (cons. Jz. 6:3, 33; Is. 11:14; Jr. 49:28) despojariam Amom.

5. Rabá. Sua cidade principal (cons. 21:20), onde se encontra Filadélfia, fundada por Ptolomeu II Filadelfo (285-246), viria a se transformar em pastagens (cons. Is. 17:2; 32:14; Sf. 2:14). **Sabereis que eu sou o SENHOR.** O propósito destes juízos é o de fazer os homens reconhecerem que o Senhor governa os homens e dá forma à história

(cons. Dn. 4:17). A expressão em formas diferentes, começando em Ez. 6:7, aparece cerca de sessenta e cinco vezes em Ezequiel, e repetidamente nos oráculos referentes aos estrangeiros.

B. Oráculo Contra Moabe. 25:8-11.

Outras maldições são Is. 15-16; 25:10-12; Jr. 48; Amós 2:1-3; Sf. 2:8-11.

O território de Moabe jaz entre o rio Arnom e o regato de Zerede, mas Moabe freqüentemente reivindicava a posse das terras que se estendiam desde o Mar Morto. Possuía um grau de cultura superior a Amom. (Sobre as cidades de Moabe, cons. Nelson Glueck em BASOR, 18-19, 1938-39, 72-75; *The Other Side of the Jordan*; New Haven: ASOR, 1940, págs. 134.139. Cons. Gn. 19:30-38 ; Nm. 22-24; Rute; Ne. 13:1).

8. Moabe não via nada de bom ou especial na existência de Israel: **A casa de Judá é como todas as nações.**

9. Bete-Jesimote. Tell el-Azeiman, 4,80 quilômetros a nordeste do Mar Morto (Js. 12:3; 13:20). **Baal-Meom.** *Mâ'iñ*, 14,40 quilômetros a leste do Mar Morto e 6,40 quilômetros ao sul de Medeba (Js. 13 :17). **Quiriataim.** Identificada como El Qereiyat, 16 quilômetros abaixo de Baal-Meom e 11,20 quilômetros a noroeste de Dibom (Js. 13:9; Jr. 48:1, 23). A segunda e terceira destas cidades estão mencionadas na "Inscrição de Mesha" ou "Pedra Moabita" (ANET, págs. 320, 321).

C. Oráculo Contra Edom. 25:12-14.

Com referência a outras maldições, veja 35:1-15; 36:5; Is. 34; 63:1-6; Joel 3:19; Amós 1:11, 12; Ob.; Ml. 1:2-5.

Edom desalojou os hurrianos de Seir para ocupar o acidentado território que se estendia desde o extremo sul do Mar Morto de ambos os lados do Arabá até o Golfo de Ácaba (Gn. 14:6; 32:3; 36:20, 21, 30; Dt. 2:1, 12; Jz. 11:17, 18; I Reis 9:26). Sua capital era Sela, provavelmente mais tarde o local de Petra. Quando da queda de Jerusalém, os edomitas

penetraram no sul de Judá (I Mac. 4:29; 5:65). Desde os fins do quarto século A. C. até o primeiro século d. C., os árabes nabateanos estabeleceram um elevado grau de cultura no território edomita. Os edomitas foram subjugados por João Hircano em 125 d. C. e incorporados a Israel. Herodes, o Grande, era idumeu, nome grego e romano para os edomitas. (Veja Josefo Ant. MI. 8. 6; XIV. 1. 3; 7. 3; Guerras IV. 9. 7. I Mac. 5:3-5).

12. Visto que Edom se houve vingativamente para com a casa de Judá, todo o seu território, desde Temã (v. 13), provavelmente *Tawîlân* perto de Sela ao norte, **até Dedã**, ao sul (cons. Jr. 49:7, 8; não a Dedã da Arábia, 27:20; 38:13), ficaria desolada.

D. Oráculo Contra Filístia. 25:15-17.

Com referência a outras maldições, veja Is. 14:29-31; Jr. 47; Amós 1:6-8; Sf. 2:4-7; Zc. 9:5-7.

Os filisteus, dos quais se deriva o nome **Palestina** (*Histories* de Heródoto, Ai. 89), vieram de Caftor, ou Creta, na bacia do Egeu (Jr. 47; 4; Amós 9:7), e como parte dos "povos do mar" estabeleceram-se no litoral sul de Canaã, desalojando os avins (Dt. 2:23). Sempre uma ameaça para os hebreus (Êx. 3:17, 18; Jz. 14-16; I Sm. 4.6); seu monopólio dos instrumentos de ferro (I Sm. 18:19-23) tomou-os particularmente temíveis. Sua pentápolis estava sob o controle de cinco senhores ou *serens* (cons. gr. *tyrannos*; Js. 13:3; I Sm. 6:4). Adotaram o culto a Dagã, divindade semita das colheitas (I Sm. 5), e diversos deuses cananitas. Os grandes "incircuncisos" da antiguidade foram grandes beberrões, como dão a entender os cálices de vinho e os canecos de cerveja que estavam presentes em todos os lugares. (Albright, *Arch. of Pal.*, pág. 115). Saul lutou contra eles (I Sm. 13-14; 17-18; 31), e Davi os derrotou (II Sm. 8:1, 12; 5:17.25; 21:15.22). O relacionamento continuou hostil entre Judá e os filisteus (II Cr. 21:16; 28:18; II Reis 18:8; II Cr. 26:6, 7), até que os macabeus finalmente os liquidaram (I Mac. 5:68; 10:83-89; 11:60, 61).

16. Os quereteus, E.R.C. (cretenses) eram mercenários estrangeiros. A guarda pessoal de Davi (II Sm. 8:18; 15:18; 20:7). Aqui é um sinônimo de filisteus e não deve ser igualado a Keret das tabuinhas ugaritas (cons. Albright, BASOR, 71, Out. 1938, 35-40).

Os filisteus experimentariam as **furiosas repreensões** (v. 17) de Deus, porque se vingaram com malícia **para destruírem com perpétua inimizade** (v. 15).

E. Oráculos Contra Tiro. 26:1 – 28:19.

Com referência a outras maldições, veja Is. 23; João 3:4-8; Amós 1:9, 10; Zc. 9:3, 4.

A antiguidade de Tiro se atesta através de Heródoto (ii, 44) e as Cartas de Amarna (cons. Pritchard, ANET, 484). Forçados a sair da Palestina e Síria no décimo terceiro e décimo segundo séculos, os fenícios voltaram suas energias para o lado do mar e vieram a ser os maiores marinheiros e comerciantes de todos os tempos, em relação ao mundo conhecido (cons. Albright, "The Role of the Canaanites in the History of Civilization", em *The Bible and the Ancient Near East*, ed. por G. E. Wright, págs. 328-362, esp. págs. 328, 335, 340 e segs.). Rirão I, rei de Tiro (969-936), fez pactos com Davi e Salomão (II Sm. 5:11; I Reis 5:1-18; 9:10-14, 26, 27). Jezabel, a rainha consorte de Acabe e filha de Etbaal (Ittobaal 1, 887-856), rei dos sidônios, introduziu o culto a Baal Melcarte de Tiro, senhor do inferno, da tempestade e da fertilidade, em Israel (I Reis 16:31; 18).

Tiro foi molestada pelos monarcas assírios e subjugada por Assurbanipal (ANET, pág. 295). Procurou fazer uma aliança com Zedequias contra Nabucodonosor (Jr. 27:3; 28:1). Em 588 Faraó Hofra atacou Tiro e Sidom (Heródoto ii. 161; Diodorus Siculus, 1. 68). Nabucodonosor cercou Tiro durante treze anos (585-573), mas não conseguiu tomá-la (Ez. 29:18; Josefo Antiquities X. 11. 1; Against Apion 1. 20, 21). Após um cerco de sete meses, Alexandre, o Grande, finalmente destruiu a cidade-ilha em 332 A.C., construindo um molhe do

continente até a ilha (Diod. Sic. XVII. 40-46). Foi reconstruída em 314 A.C.. Tiro está relacionada com o ministério de Jesus (Mt. 15:21-28; Mc. 3:8; cons. Mt. 11:21, 22), e foi o lar de crentes (Atos 21:3-6). Orígenes foi ali sepultado em 254 d. C. e Eusébio pregou ali em 323. Os muçulmanos a conquistaram em 638 e os cruzados a tomaram em 1124. A cidade foi completamente destruída pelos sarracenos em 1291. Atualmente é uma pequena vila de pescadores, *Es-Sur*.

Ezequiel dedica mais espaço a Tiro, "A Veneza da Antiguidade ", do que qualquer outro escritor do V. T. Nos capítulos 26-28, o profeta prediz a derrota deste grande poder naval sob as mãos de Nabucodonosor (cap. 26), lamenta o naufrágio deste galante navio Tiro em uma lamentação magnífica (cap. 27); e em uma canção de escárnio descreve o orgulho e a queda do príncipe de Tiro (28:1-19).

Ezequiel 26

1) Derrota e Destruição de Tiro. 26:1-21.

O capítulo contém quatro oráculos, cada um introduzido por "assim diz o Senhor" (vs. 3, 7, 15, 19). A tradicional observação marginal hebraica do capítulo diz "metade do livro".

a) A Culpa de Tiro. 26:1-6.

1. No undécimo ano, no primeiro dia do mês; isto é, 586 (ou 587) A. C. O versículo 2 dá a entender que o oráculo veio depois da destruição de Jerusalém em 586 A.C., cuja notícia Ezequiel não ouviu até o décimo segundo ano e o décimo mês (33:21). Alguns manuscritos hebraicos, a LXX e a Siríaca dão *undécimo ano* em 33:21, que colocaria esta profecia no undécimo ano e undécimo ou décimo segundo mês.

2. A porta dos povos. Jerusalém ficava sobre as estradas dos pedágios. **Está quebrada.** Já não poderia mais receber das caravanas os impostos que Tiro cobrava.

4. Tiro (= *sôr*; e *sûr*= "rocha"), localizada em uma ilha rochosa de 57,46 hectares, tinha dois portos ligados por um canal, o porto sidônio a

nordeste e o egípcio ao sul. A cidade-ilha tinha 1.107m ao longo da praia desde a cidade murada até o continente.

6. Suas filhas, que estão no continente (cons. v. 8). A linha das colônias fenícias do outro lado da cidade-ilha.

b) Sua Iminente Destruição por Nabucodonosor. 26:7-14.

7. Nabucodonosor é a forma do nome sempre usada por Ezequiel para *Nabukudurri-usur*, "Nebo, proteja minhas fronteiras". Rei de Babilônia . . . o rei dos reis. Um título assírio (cons. Dn. 2:37; Esdras 7:12). **Desde o norte.** Veja também Jr. 1:14; 4:6; 6:1, etc.

8,9. Em seu ataque, Nabucodonosor empregou um **baluarte**, ou uma torre móvel; um **terrapleno** (AV, monte); um **telhado de pavese** (AV, levantamento de escudos), igual ao *testudo* romano; **aríetes e ferros**, literalmente, *espadas*, no sentido de ferramentas.

11. Fortes colunas (fortes guarnições, AV; singular, *massebâ*). Colunas sagradas ou monumentos (cons. Heródoto ii. 44).

c) Efeitos de Sua Queda Sobre os Príncipes do Mar. 26:15-18.

15. Terras do mar. As praias e as ilhas com as quais Tiro comerciava. Muitas de suas colônias e seus mercenários temiam uma ameaça à sua própria prosperidade na queda de Tiro.

16. Os príncipes do mar. Príncipes mercadores ou reis de cidades. **Tirarão de si os seus mantos e despirão as suas vestes bordadas.** Cons. João 3:6. Observe as roupas elaboradas dos reis assírios nas esculturas e monumentos.

17, 18. As lamentações dos príncipes. Cons. 27:25b-36.

d) A Descida de Tiro ao Inferno. 26:19-21.

19. As ondas do mar (*tehôm*). A profundidade do mar, virtualmente um nome próprio aqui, como em 31:15; Amós 7:4. Tiro foi conquistada pelas muitas águas em lugar de conquistá-las.

20. Tiro teria de descer **com os que descem à cova, ao povo antigo** (aqueles que morreram há muito, Sl. 143:3; Lm. 3:6), às mais baixas partes da terra. Cons. 31:15 para comentário sobre cova, partes baixas, Sheol. As Escrituras geralmente falam do lugar dos mortos como sendo as profundezas da terra (cons. Ef. 4:9), mas isto não prova que os escritores cressesem que esse fosse o verdadeiro lugar dos espíritos que partiam. Considerando que os homens pensam em termos concretos, é natural que, à vista do sepultamento do corpo, se localize este lugar sob a terra. Os homens de todos os lados da terra falam de Deus dizendo que está "acima" deles, embora saibam que Ele é onipresente (cons. Mc. 6:41; 7:34; Lc. 9:16; Jo. 17:1). **Para que não sejas habitada** (LXX, e tu não permanecerás, isto é, não existirás). Esta tradução das vogais pontuadas parece dar o sentido exigido mais do que a antítese fora do comum do T.M., *e eu darei glória*.

Nabucodonosor, ou não conquistou Tiro, ou deixou de conseguir dela qualquer despojo considerável (29:18); pois seus tesouros provavelmente foram levados por navios, como Jerônimo sugere. Alexandre, o Grande, destruiu a cidade em 332 A. C. , e a destruição rural da cidade reconstruída foi obra dos sarracenos em 1291 d.C. Isto pode ser um exemplo da natureza condicional de algumas profecias, um caso em que o arrependimento revogou a sentença de morte (cons. o livro de Jonas; Jr. 26:17-19, que é uma elucidação de Mq. 3:12; Is. 38; Jr. 11:7-11, uma exposição clara deste princípio). É possível que Tiro fosse poupada por causa de um arrependimento não registrado.

Ezequiel 27

2) Lamentação Sobre a Queda de Tiro. 27:1-36.

Neste esplêndido poema, introduzido por um trecho em prosa, Tiro está representada por um elegante navio manobrado por marinheiros das

idades fenícias (vs. 1-9a), ricamente carregado com mercadorias de muitas nações (vs. 9b-25a), que naufragou para consternação e lamentação dos navegantes (25b -36).

a) A Construção e a Tripulação do Navio. 27:1-9a.

2. Lamentação. Cons. 19:1.

3. **Entradas** (literalmente) do mar. Possivelmente uma referência aos seus dois portos (cons. 26 4). **Eu sou perfeita em formosura.** O pecado de Tiro foi o seu orgulho (28:2, 5, 17).

5, 6. A madeira do navio foi descrita. Seus conveses eram feitos de ciprestes de Senir, nome amonita para o Monte Hermom. **Senir** significa *montanha sagrada* e é equivalente ao *Siriom* sidônio. Seus **mastros** eram feitos de **cedros do Líbano**. Seus remos, de **carvalhos de Basã**, uma região a leste e nordeste de Quinerete, ou o Mar da Galiléia. Seus bancos (literalmente, estrutura; cons. Êx. 26:15, 16; Nm. 3:36) eram feitos de **buxo** (o *te'ashshur*, ou *sherbîn*, arábico, refere-se a uma espécie de cedro) **das ilhas dos quiteus**. *Kinttîyyîm* designava primeiramente os habitantes de Quitiom na costa sul de Chipre, e então passou a ser aplicado às ilhas e litoral do Mar Mediterrâneo, especialmente à Grécia (cons. Dn. 11:30; I Mac. 1:1; 8:5). Os Códices de Habacuque do Mar Morto dão *Kittîm* (1:6) para o *Kasdîm*, "caldeus", do T.M. (Cons. Brownlee, BASOR, 112, Dez. , 1948, 8-18; Ginsberg, *ibid*, 20, 21). Os bancos eram embutidos em marfim.

7. Suas *velas* eram **de linho fino bordado do Egito** (*shesh*; cons, 16:10). E o seu **toldo** ou cobertura era de **azul e púrpura** (púrpura azul e púrpura vermelho) de **Elisá**, provavelmente Chipre, Alashiya (ANET, pág. 29; Cartas de Amarna 33-40) ou Cartago. A Fenícia, de *phoinix*, "púrpura", era famosa por suas tinturas, obtidas de urna concha, o múrice (com. Pliny, *Natural History*, ix. 60; B. Maisler, BASOR, 102, Abril, 1946, 7-12).

8. Os **remeiros** do navio eram de **Sidom** e **Arvade** (no extremo norte da Fenícia; a clássica Aradus; atualmente Ruwad). Em lugar de **os**

teus sábios, ó Tiro, leia-se *os sábios de Zemer* (Tell Kezel, ao sul de Aradus; cons. Gn. 10:18). Estes serviram de pilotos. Literalmente, puxadores de cabo.

9. Os magistrados (**anciãos**) de **Gebal** (gr. Biblos, atualmente Jebeil, 33,60 quilômetros ao norte de Beirute) faziam o papel de carpinteiros do navio.

b) O Extenso Comércio de Tiro. 27:9b-25a.

Segue -se uma seção em prosa.

9b-11. Seus mercenários.

10. Os persas. A primeira menção da Pérsia (*Paras*) na Bíblia. Os *Weidner Tablets* da Babilônia, 592 A. C., mencionam um persa e quatro medos. Uma embaixada de Assurbanipal foi enviada a Ciro, rei da Pérsia, em 639 (com. Albright, JBL, 51, 1932, 98, 99). Os **lídios**. Da Lídia, a oeste da Ásia Menor. **Pute** talvez seja Cirene, ao norte da África, ou mais provavelmente Punt ou Somalilândia (cons. 38:5).

11. Arvade. Cons. o versículo 8. Possivelmente *Helech*, na Cilícia; ou *Hethlon* perto de Hamate. **Gamaditas**. Talvez os cumidi ao norte da Síria, mencionados nas Cartas de Amarna, 116, 129, etc., ou os gomerins da Capadócia. **Penduravam os seus escudos** sobre os muros de Tiro (cons. Cantares 4:4; I Mac. 4:57).

12-25. Nesta seção citam-se lugares que agiram como comerciantes de Tiro. É o "Catálogo dos Comerciantes". Quanto aos problemas que estão envolvidos na identificação desses lugares, veja J. Simons, *The Geographical and Topographical Texts of the Old Testament* (Leiden: Brill, 1959), pág. 455 e segs.

12. Tiro recebia de **Társis . . . prata, ferro, estanho e chumbo**. Os fenícios tinham estabelecido um grupo de tarshishes, isto é, "fundições ou refinarias". Tartessus fica ao sudoeste da Espanha, construída no século nove A. C., famosa pela exportação de minérios (Strabo, *Geography* iii. 2. 8, 9; Diodorus Siculus, *Hist. Lib*, v. 35 e segs. Cons. Albright, em *The Bible and the Ancient Near East*, ed, por G. E. Wright,

págs. 346, 347). **Das tuas mercadorias.** O hebraico *'izzabôn*, isto é, "o que fica (*'azab*) com o negociante". A expressão aparece também nos versículos 14, 16, 22.

13. Java, Tubal e Meseque. Estes são, respectivamente, os jônios da Ásia Menor, Tabal e Musku de fontes cuneiformes, que se estabeleceram em ambos os lados da cordilheira do Anti-Taurus na Ásia Menor, remanescentes da antiga população hitita (Cook, ICC, pág. 353); ou talvez sejam os tibarenoi e moschoi, que viviam ao sudeste do Mar Morto (Heródoto iii. 94; Ai. 78). Faziam o tráfico de escravos e bronze.

14. De Togarma . . . cavalos, ginetes e mulos. Provavelmente a Armênia, a leste do extremo sul do Rio Halys, famosa por sua criação de cavalos.

15. Dedã . . . dentes de marfim e pau de ébano (não a mesma Dedã do versículo 20) era provavelmente uma tribo árabe que habitava uma parte de Edom (v. 16). A LXX B diz *rdn*, "Rodes", em lugar de *ddn*, "Dedã" (cons. Is. 21:13).

16. A Síria . . . esmeralda, púrpura, obras bordadas. (RSV, *Edom*, tradução apoiada por vinte e cinco manuscritos, a LXX, Águila e a Siríaca). "Aram" ou **Síria** do T.M, vem no versículo 18.

17. Judá e . . . Israel . . . trigo. O T.M. diz *trigo de Minnith* (uma cidade amonita, Jz. 11:33) e *Pannag*. Nenhuma das versões dá um nome próprio aqui. Cornill sugere "trigo e especiarias" (cons. Gn. 37:25). *Pannag* talvez venha do acadiano *pannigu*, "painço" (Zimmern).

18. Damasco . . . vinho de Helbom e lã de Saar. Helbom, 19,20 quilômetros ao norte de Damasco, era famosa por seus vinhos (Strabo, *Geog.* xv. 22).

19. Também Dã. A LXX omite o hebraico *wedan*, "e Dã", e traduz *Yawan* ("Javã") para *yayin*, "vinho". Junto com treze manuscritos, a LXX e a Siríaca dão *me'uzal*, **de Uzal**, em lugar de *me'uzzal*, "andando de lá para cá", do T.M. **Uzal**. Sana, capital do Iêmen, a sudeste da Arábia. **Cássia**. Uma madeira aromática do sul da Índia, ingrediente para o azeite da unção (Êx. 30:24). **Cálamo**. Uma cana adocicada, usada nos

sacrifícios e no azeite da unção (Êx. 30:23; Cantares 4:14; Is. 43:24; Jr. 6:20).

20. Dedã . . . baixeiros para cavaladuras. Esta é *El-'Ulâ*, perto de *Tema*, a sudeste do Golfo de Ácaba (cons. Is. 21:13,14; Jr. 25:23).

21. Arábia . . . Quedar. Os beduínos nômades ao norte da Arábia e uma raça nômade no deserto siro-árabe (cons. Gn. 25:13; Jr. 2:10; 49:28).

22. Sabá e Ramná . . . finos aromas. O antigo país se localizava ao sudoeste da Arábia, quase 1.920 quilômetros de Jerusalém. Era famosa pelo ouro, incenso e pedras preciosas (cons. I Reis 10:1-13; Jó 6:19). Raamá provavelmente ficava no Golfo da Pérsia (Gn. 10:7).

23. Harã, cidade antiga ao noroeste da Mesopotâmia, 96 quilômetros a leste de Carquemis (Gn. 11:31, 32; 12:45). **Cane.** Um lugar não identificado na Mesopotâmia. **Éden.** Situado no curso médio do Eufrates, ao sul de Harã (cons. Amós 1:5; Is. 37:12). **Mercadores de Seba** do T.M., é provavelmente uma repetição do versículo

22. Assíria (Assur) é a cidade ao sul de Nínive a oeste do Tigre, entre os rios Zabe Superior e Zabe Inferior. **Quilmade.** Desconhecida, embora aparentemente perto de Assur.

24. Em pano de azul. No hebraico, *gelômîm*, "mantas", é um *hapax legomenon* do aramaico através do acadiano. **Tapetes de várias cores.** Leia-se (*ginzê be'rômîm*) fazendo paralelo com o aramaico e acadiano. **Trançadas e fortes.** Cons. a raiz árabe significando "unido, rume". O T.M., *feito de cedro*, é improvável. **Estes eram teus mercadores.** Em lugar do T.M., *em teu mercado*.

c) O Navio Naufraga, com Carga e Tripulação. 25b-36.

25b-31. Consternação entre todos os homens do mar. O vento oriental. Como agente de destruição (cons. 17:10; 19:12; Sl. 48:7; Jr. 18:14; Atos 27:14).

27. A carga compreendia **riquezas, mercadorias** (E. R. C, feiras) e **bens**. A tripulação consistia de **marinheiros, pilotos, calafates** (carpinteiros), negociantes e os **soldados**.

28. As praias, isto é, as terras à volta da cidade (Lv. 25:34; Nm. 25:2), ouviam os gritos dos marinheiros que se afogavam.

30, 31. Oito sinais de tristeza foram enumerados. Veja também 7:18; 26:16; Jó 2:12; Jr. 6:26.

32-36. *Lamentação sobre navio naufragado.*

32. Fizeram **lamentações** (*qinâ*) . . . **dizendo : Quem foi como Tiro . . . , reduzida ao silêncio?** (destruída, RSV, também a LXX, a Siríaca, o Targum e a Vulgata).

34. Foste quebrada. (Naufragaste, RSV). Traduza-se de acordo com os manuscritos e versões.

35. Se espantam. Aqueles que negociaram com Tiro ficarão horrorizados (cons. vs. 3, 6, 7; 26:15,18). Apocalipse 18:11-20 está de acordo com 26:16, 17; 27:12 e segs.

Ezequiel 28

3) A Queda do Príncipe de Tiro. 28:1-19.

Da cidade o profeta passa para o seu governador, como representante do caráter da comunidade, a personificação do espírito da orgulhosa cidade comercial. Rei e povo constituem uma corporação solidária, cujo orgulho e auto-deificação estão condenadas. Outros exemplos da "insanidade da prosperidade" são Senaqueribe (II Reis 17:33-35); Faraó (Ez. 29:3); Nabucodonosor (Dn. 3:15; 4:30; observe particularmente o autoteísmo da Babilônia, Is. 47:7-10); Herodes (Atos 12:21-23); "o homem do pecado" (II Ts. 2:3, 4) e os conquistadores que confiam em suas armas (Hc. 1:11, 16); e todos aqueles que hoje em dia adoram "a deusa da prosperidade".

O profeta descreve o castigo do orgulhoso príncipe (Ez. 28:1-10); e profere uma lamentação irônica sobre a sua queda (28:11-19).

a) O Castigo do Príncipe de Tiro por Causa de Sua Auto-Exaltação 28:1-10.

2. Príncipe de Tiro é chamado de *nagîd*, "líder", um termo usado apenas para com os governantes israelitas, exceto aqui e em Dn. 9:25,26. Seu aparecimento aqui sugere que ele tinha essa posição apenas por designação divina. Ele é chamado "rei", *melek*, no versículo 12, exemplificando o conceito do Crescente Fértil de que o governante era o representante dos deuses, e mais do que humano. Ittobaal II era rei de Tiro nessa ocasião (Josefo, *Against Apion* 1. 21), mas foi o autoteísmo de Tiro, mais que qualquer governante específico, que foi acusado. **Cadeira de Deus.** Antes *dos deuses* (RSV). Talvez se refira 1) a um trono vazio no templo tiro reservado para o rei, ou 2) a uma situação invencível de Tiro, ou 3) à ilha como lugar consagrado aos seus deuses.

3. Mais sábio que Daniel. Talvez seja o Daniel das tabuinhas de Ras Shamra (cons. coment. sobre 14:14, 20); ou o Daniel da Bíblia (Dn. 1:17-20; 2:48; 4:8, 9).

4, 5. Esta sabedoria foi dedicada para aquisição de uma grande fortuna.

7. Os mais terríveis estrangeiros dentre as nações; isto é, os caldeus. Veja também 7:21, 24; 30:11; 31:12; 32:12; Hc. 1:5-10. **8.** À cova (*shahat*). Equivalente ao Sheol, o reino dos mortos debaixo da terra (cons. 31:15). Da raiz *shûah*, "afogar"; da mesma forma, "lugar vazio", "caverna".

10. A morte dos incircuncisos. Para os fenícios, que praticavam a circuncisão (Heródoto II. 104), morrer como um incircunciso desprezado era grande vergonha (cons. Ez. 31:18; 32:19, 21, 24 e segs.).

b) Lamentação sobre a Queda do Rei de Tiro. 28:11-19.

Ezequiel aplica ao rei de Tiro uma fábula conhecida entre os fenícios. Ela só tem semelhanças superficiais com a narrativa do Jardim do Éden em Gênesis 2 e 3. No Jardim de Deus, no Éden, vivia com o querubim que o guardava, uma pessoa ideal (o *Urmensch*, ou primeiro

homem), a perfeição em sabedoria e beleza. Embora fosse apenas um homem, ele em seu orgulho proclamou-se deus. Pelo seu pecado foi expulso do jardim pelo querubim. De acordo com a palavra de Deus a Ezequiel, o rei de Tiro, seria arruinado por causa de uma ofensa semelhante. Alguns Pais da Igreja Primitiva interpretaram esta parte como se referindo principalmente à queda de Satanás, ou o Anticristo (cons. Is. 14:4-20). Este ponto de vista continua mantido por alguns grupos evangélicos hoje em dia.

12. Lamentações. A lamentação de Ezequiel sobre o rei de Tiro, embora fosse em métrica *qinâ*, é mais uma ironia que uma lamentação. **Tu és o sinete da perfeição.** O T.M. diz: *Tu és* (ou eras) *aquele que sela*, ou *aferidor (hôtêm) de proporções*, medidas, simetria, isto é, "perfeição" (*toknît*). No V. T. este uso não se encontra em nenhum outro lugar e as versões variam consideravelmente. Um manuscrito, a LXX, a Siríaca e a Vulgata dão: *Tu és* (ou eras) *o anel do sinete* (selo) (*hôtam*) *da proporção*, etc., como no T.M. A Siríaca e a Vulgata dão: *o anel do selo da imagem* (*tabnît*) de Deus. Outra tradução proposta é a seguinte: *Tu eras sábio até a perfeição* ('*atâ hakam letaklît*).

13. Estavas no Éden, jardim de Deus. Observe "monte de Deus" nos versículos 14, 16. **Éden** deriva-se do acadiano *edinu*, "planície", um lugar que comporta irrigação e fertilidade. Também é um jogo com as palavras '*eden*, "luxo, gulodice, deleite" (Gn. 49:20; Jr. 15:39; Sl. 8. Veja também Ez. 31:9, 16). **De todas as pedras preciosas te cobrias**, isto é, eram o teu manto. Nove das doze pedras do peitoral do sumo sacerdote foram mencionadas. Veja Êx. 28:17-30, que faz paralelo com Êx. 39:10-13. Veja também Ap. 21:19, 20. A terceira carreira, omitida aqui, encontra-se na LXX. **De ouro se te fizeram os engastes e os ornamentos.** O T.M. diz: *e* (de) *ouro* (era) *o acabamento* (*me'lakâ*) *de seus tamborins* (o contexto exige "engastes") *e dos seus encaixes* (penetrações, *neqeb*; provavelmente, "gravuras". Cons. Ac. e Ug.).

14. Tu eras querubim da guarda unguido, e te estabeleci. O T.M. diz *Tu* (*át*) *eras um querubim*. Leia-se com a LXX e a Siríaca: *Com* ('*et*)

um querubim. O T.M. diz: *ungido* (ou "de expansão"; *hapax legomenon*) *que cobre* (que faz sombra) *e eu te dei* (coloquei). **Monte santo de Deus**. Localizado no recesso do norte (Is. 14:13). Para os fenícios este monte deveria ter sido o Monte Saphôn ou Casius, entre Antioquia e Laodicéia. Cons. o deus tiro, *Baal Saphôn*, "senhor do Norte". **Brilho das pedras**. Pedras que reluziam como fogo (cons. Enoque 18:6-9; 24:1; 25:3); ou, fenômeno que acompanhava a presença divina (cons. Ez. 1:13; 10:16). Cons. o jardim com árvores cheias de jóias no *Gilgamesh Epic* (IX, v. vi. ANET, pág. 89).

15. Perfeito eras (*tamîm*, "em boa condição, inigualável, inocente") . . . **até que se achou iniquidade** (*'awlaltâ*, para o mais costumeiro *'awel*) **em ti**. Não há nenhuma referência ao querubim aqui, pois a Bíblia não fala da queda de algum querubim; e os seres celestiais existiram antes da criação (Jó. 38:7).

16. Na multiplicação do teu comércio. A primeira parte do versículo é provavelmente uma glosa do versículo 5; 26:12; 27:12, 18, antecipando o versículo 17. **Pelo que te lançarei profanado fora**. O T.M. diz: *E eu te profanei* (lançando-o fora) *do monte de Deus*. *E o querubim guardião te expulsou* (RSV). Esta tradução segue a LXX, *we'ibbedka* (cons. Gn. 3:24), em lugar do T.M.: *E eu te destruí* (*wa'abbedka*), *ó querubim da guarda* (cons. Ez. 28:14).

17. O teu coração. Esta é uma aplicação direta da história ao rei que representa a cidade (27:3) e os seus habitantes (27:8, 9).

18, 19. Profanaste os teus santuários. O profeta prediz a ruína da própria Tiro. O rei profanou os templos que fadavam de Tiro uma ilha santa, provocando a sua destruição por causa do seu próprio pecado. Ele ficou abaixo do padrão da verdade que a sua religião preservou para ele.

F. Oráculo Contra Sidom. 28:20-26.

Outras maldições contra Sidom aparecem em Joel 3:4-8; Zc. 9:2. Sidom (atualmente Saida, provavelmente ligada ao deus *Sid*, da raiz *sûd*, "caçar") está localizada 40 quilômetros ao norte de Tiro. Foi mencionada

nas Cartas de Amarna (75, 85, 149, etc.) e por Homero, na *Ilíada*, 7:290. A tribo de Aser não expulsou os sidônios (Jz. 1:31; 10:12). Sidom mais tarde ficou sujeita à sua filha, a cidade de Tiro (Josefo, *Antiq.* IX. 14: 2). Foi destruída por Esaradom em 677; junto com Tiro ficou sujeita a Faraó Hofra em 588; a Cambises em 526 (Heródoto VII. 89; VIII. 67); vendeu cedros para a reconstrução do Templo de Jerusalém (Esdras 3:7); foi destruída pelos persas em 345; submeteu-se a Alexandre, o Grande, em 333; e passou para os romanos em 64. Em diversas referências do N. T, está ligada a Tiro (cons. introd. ao cap. 26) e Paulo passou por seu porto (Atos 27:3).

20-23. Eis-me contra ti, ó Sidom. A grandeza do Senhor está reconhecida pelos juízos que são proferidos contra Sidom. Sidom, e outras nações, sempre foram "um espinho que pica e um abrolho que causa dor" para Israel (v. 24).

24-26. A casa de Israel. O castigo para as nações resultará na restauração da casa de Israel. A providência de Deus está claramente visível nestes versículos. O cativo de Israel entre seus vizinhos (v. 24) resultará no seu arrependimento e restauração (v. 25), no juízo divino dos seus inimigos ímpios e na paz e prosperidade para Israel (v. 26).

G. Sete Oráculos Contra o Egito. 29:1- 32:32.

Outras maldições contra o Egito aparecem em Is. 19; Jr. 46; Zc. 14:18, 19. O pecado do Egito foi o seu orgulho (Ez. 29:3, 9b; 30:10) e o fato de ter afastado Israel do seu Senhor (29:6-9a).

O envolvimento de Israel com o Egito nessa ocasião foi discutido na Introdução a Ezequiel. Considerando que o Egito era um grande poder mundial, que governava nações e aspirava o domínio universal (29:15), o profeta o trata em escala cósmica. O julgamento do Egito seria "o dia do Senhor" (30:3). A queda desta grande nação seria sentida através de todo o mundo (32:10), enquanto até a criação estremeceria (31:15). O mundo ficaria sabendo que Deus é o Senhor (30:19, 26).

Os sete oráculos descrevem de diversos modos o juízo divino sobre o Egito: 1) Faraó como um monstro marinho ou crocodilo seria lançado fora para ser devorado, e a nação seria restaurada em condição mais humilde depois de quarenta anos (29:1-16). 2) O Egito seria entregue a Nabucodonosor como recompensa por seu cerco inútil a Tiro (29:17-21). 3) O Egito seria vencido junto com os seus aliados, sua riqueza, príncipes e cidades (30:1-19). 4) Os braços do Egito seriam quebrados pelos braços do rei da Babilônia (30:20-26). 5) Numa alegoria, Faraó, o cedro magnífico, é cortado e vai para o além em desgraça (31:1-18). 6) Uma lamentação sobre Faraó, o crocodilo do Egito, destruído pelo rei da Babilônia (32:1-16). 7) Um cântico fúnebre pela descida do Egito ao inferno (32:17-32).

Ezequiel 29

1) A Desolação e a Restauração do Egito. 29:1-16.

a) O Destino do Grande Monstro Marinho. 29:1-5.

1. No décimo ano, no décimo mês, aos doze dias do mês. Janeiro de 586 (ou 587) A. C., sete meses antes da queda de Jerusalém.

2. Faraó, rei do Egito. Apries ou Hofra, da vigésima sexta dinastia (588-569).

3. Crocodilo enorme (*tannîm*, em muitos manuscritos). Cons. 32:2; Is. 27:1; 51:9. Gunkel e outros igualaram este crocodilo (dragão) ao mitológico *Tiamat* dos babilônios. Ele é, também, frequentemente associado com o leviatã (Is. 27:1; Jó 41:1; Sl. 74:14) e com "Raabe" (Is. 51:9; Jó 26:12, 13. Cons. Barton, *Archaeology and the Bible*, 279-302; ANET, 61-68, 137). Aqui talvez o dragão seja o crocodilo, pois não há associações mitológicas no presente contexto (cons. A. Heidel, *The Babylonian Genesis*). O rio, Nilo, *yeôr*, é uma palavra emprestada do egípcio. Os rios, *yeôrîm*, são os braços do Nilo no Delta (cons, vs. 4, 5, 10). "O Egito é o presente do Nilo", diz Heródoto, mas Faraó se vangloria: **Eu o fiz** (cons. v. 9. Também a Siríaca; cons. a LXX).

4. Os peixes dos teus rios. A população dos mercenários do Egito.

5. Aos animais da terra . . . te dei por pasto. Sepultamento impróprio era considerado destino terrível no mundo antigo, especialmente para os egípcios, à vista de seu meticuloso cuidado com os mortos (cons. 32:4, 5 ; Jr. 22:18, 19).

b) Uma Espada a Vir Sobre o Egito. 29:6-9a.

6. E saberão todos os moradores do Egito. Cons. Êx. 2:3, 5; Is. 19:6; II Reis 18:21. **Tremer.** Também a Siríaca, uma tradução derivada da transposição de duas letras do T.M., fazer resistir.

8. A espada. Isto é, os caldeus. Veja também os versículos 10; 32:11, 12; Jr. 46: 13 e segs.

c) Desolação e Restauração. 29:9b-16.

10. Migdol (torre). Tell el-Heir, 19,20 quilômetros a sudoeste de Pelusium, fronteira nordeste do Egito (cons. 30:6; Êx. 14:2; Jr. 44:1). **Sevene.** O *Sun* egípcio (provavelmente significando "elefante"), na primeira queda d'água do Nilo, perto de Assuã, na fronteira meridional do Egito (cons. 30:6), perto da fronteira da **Etiópia**, ou *Kûsh* (Josefo, *Wars* IV. 10. 5).

11. Pé de homem, nem pé de animal. Cons. 32:13, 15; 26:20. **Quarenta anos.** O período da supremacia caldaica, antecipando o versículo 13.

12. A terra do Egito em desolação, no meio dos desertos da Arábia e da Líbia (cons. 30:7). Os egípcios seriam dispersos (cons. 30:23, 26).

13-16. Ao cabo de quarenta anos o Egito seria restaurado mas apenas à condição de um reino humilde. Cons. Jr. 46:26. **Patros** (terra do sul). Egito Superior. Veja também 30:14; Is. 11:11; Jr. 44:15.

2) O Egito Será Dado a Nabucodonosor como Recompensa. 29:17-21.

17. No vigésimo sétimo ano, no mês primeiro, no primeiro dia do mês. Março /abril de 570 (571) A.C. A última profecia de Ezequiel. Nabucodonosor invadiu o Egito no trigésimo sétimo ano do seu reinado, 568-567 A.C., mas o Egito não veio a ser parte do seu império.

18. No árduo cerco feito pelo exército de Nabucodonosor a Tiro (585-573), **toda cabeça se tornou calva** carregando fardos, e **de todo ombro saiu a pele** pelo atrito dos pesos.

19, 20. O despojo do Egito viria a ser a paga do exército de Nabucodonosor. Cons. 30:10, 24, 25; Jr. 43:10, 11.

21. Naquele dia. Cons, os versículos 19, 20; 30:9; 24:26, 27. **O poder.** Símbolo da restauração do poder de Israel (cons. I Sm. 2:1, 10; Sl. 92:10). Salmo 132:17 indica que a dinastia de Davi seria restaurada. **Fales livremente.** A confirmação das palavras do profeta aos seus companheiros de exílio (16:63), de que os juízos divinos seriam seguidas por uma nova esperança.

Ezequiel 30

3) Todas as Fases da Vida do Egito Seriam punidas no Dia do Senhor. 30:1-19.

Esta seção, de caráter escatológico, é a única que não foi datada mas talvez seja cronologicamente ligada a 29:1-16. Consiste de quatro oráculos, todos começando com "Assim diz o Senhor" (veja vs. 2, 6, 10,13).

a) O Dia do Senhor Anunciado com Referência ao Egito. 30:1-5.

3. O dia do SENHOR. O *dies irae*, "dia da ira". Veja também 7:7; Amós 5:18-20; Sf. 1:7, 14; Is. 13:6; Joel 1:15; 2:1, 2. Este é o dia do julgamento do pecado e o destino final do mundo pagão, do qual o Egito é o representante.

4. Fundamentos. As instituições política e social sobre as quais se apoiava o poder do Egito (cons. vs. 6, 8, 13, 15,17).

5. Os aliados do Egito seriam derrotados. *Arábia* (RSV). Esta tradução segue o Symachus, Áquila e a Siríaca, em lugar da E. R. C., *toda mistura de gente*. **Os de Cube** (Líbia). Ao norte da África, oeste do Egito (cons. Naum 3:9). Leia-se *Lûb*, de acordo com a LXX e a Siríaca para a desconhecida *Chûb* do T.M. **Outros aliados**. Literalmente, *e os filhos da terra em aliança com eles*. Uma referência aos aliados do Egito e não aos mercenários judeus no exército de Psamtik II (594-588; veja-se *Letter of Aristeas*, cap. 13).

b) O Egito e Seus Afiados Seriam Destruídos. 30:6-9.

6. Migdol até Sevene. Preferível à E.R.C., **desde a torre de Sevene**. Cons. 29:10. 7. Cons. 29:12.

8. Fogo. Figurativo de guerra (cons. vs. 14, 16).

9. Com. Is. 18:2. Os atos do Senhor contra o Egito tinham a finalidade de advertir a **Etiópia descuidada** e o mundo.

c) A Riqueza do Egito Seria Tomada por Nabucodonosor. 30:10-12.

10. A pompa do Egito (cons. 4; 29:19) seria arrasada por Nabucodonosor, pela primeira vez mencionado nominalmente. A referência de 29:17-19 é de uma data posterior.

11. Terríveis. Cons. 28:7; 31:12; 32:12; 7:24.

12. Secarei os rios. Secar os afluentes do Nilo (cons. 29:3) seria uma calamidade para o Egito. Cons. Is. 19:5 e segs. **Na mão dos maus... estrangeiros.** Cons. Hc. 1:6 e segs., 12, 13.

d) Príncipes e Cidades do Egito a Serem Destruídos. 30:13-19.

As oito principais cidades, três no Egito Inferior e cinco no Superior, são destacadas para a destruição.

13. Ídolos . . . imagens. As palavras *gîllûlîm*, "troncos, blocos" e *'elîlîm*, "não deuses", só se encontram aqui em Ezequiel, mas com freqüência em Isaías. Uma sugestão é ler-se *gedôlîm*, "nobres" e *'êlîm*, "chefes" (LXX).

Mênfis (gr.). Ou *Noph* (heb.), *Menofri* (egípcio), perto de *mit Rahîneh*, 16 quilômetros ao sul do Cairo. O lar de Ptah, o deus do fogo, e do boi Apis.

14. Patros. Cons. 29:14. **Zoã.** O *S'nt* egípcio, ou Tanis grego. Avaris, a capital hicsa, atual Sân el-Hagar, no Delta oriental do Nilo, a oeste de Pelusium. **Tebas.** Ou **Nô**, No-Amom, em egípcio Net, capital do Egito Superior, 640 quilômetros de Mênfis, lar de Amom, o deus do sol.

15. Pelusium (RSV). Também na Vulgata. No T.M. **Sim** (só nesta passagem de Ezequiel). Identificada como Tell-Foramen. Era uma fortaleza de fronteira, nos limites nordestes, nas vizinhanças de Pelusium, 36,80 quilômetros ao sudeste de Port Said.

16. De Pelusium (Sim) a Tebas (Nô) é o Egito todo de norte a sul.

17. Áven. Em egípcio 'nw, no grego Heliópolis. A atual Tell Hasn, ou 'Ain Shems, "fonte do sol", localizada cerca de 11,20 quilômetros a nordeste do Cabo. Era a sede de Ra, o deus do sol. Foi também o lar do sogro de José (Gn. 41:45, 50). **Pi-Besete.** Em egípcio, *Pi Bastis*, no grego *Bubastis*. Atualmente Tel Basta, 48 quilômetros nor-nordeste do Cairo. Foi o lar da deusa Bast, à qual eram consagrados os gatos.

18. Tafnes. Em outros lugares *Tahpanhes*. Em grego *Daphnae*. A moderna Tell Defenneh, sobre a margem pelusíaca do Nilo. Era uma fortaleza sobre a fronteira oriental, cerca de 48 quilômetros a sudoeste de Pelusium.

19. Executarei juízo. O propósito do juízo era a revelação do Senhor e o reconhecimento de sua divindade.

4) Os Braços de Faraó Seriam Quebrados. 30:20-26.

20. No undécimo ano, no mês primeiro, aos sete dias do mês. Março/abril de 586 (ou 587) A.C., três meses depois de 29:1, e quatro meses antes da queda de Jerusalém. Nos versículos 21-23 o Senhor é o destruidor de Faraó; nos versículos 24-26, o rei da Babilônia é o Seu agente.

21. Eu quebrei o braço de Faraó. Provavelmente uma referência a uma recente derrota de Faraó Neco (Jr. 37:5-8; 34:21).

22. A quebra de ambos os braços de Faraó, **tanto o forte como o . . . quebrado**, refere-se ao exército ainda no Egito para a defesa e o outro derrotado e em fuga.

23. Espalharei os egípcios. Cons. o versículo 26; 29:12.

24. Fortalecerei os braços do rei de Babilônia. Isto se refere à espada do Senhor na mão de Nabucodonosor. Cons. 21:9.

25. E saberão que eu sou o SENHOR. Veja também os versículos 8, 19, 25.

Ezequiel 31

5) Alegoria do Cedro Gigantesco. 31:1-18.

No presente capítulo, prediz-se a derrota do poder de uma **terra** importante (em contraste com o poder **marítimo** no cap. 26). Ezequiel torna a usar uma alegoria, agora descrevendo Faraó, representante do Egito, como um cedro gigantesco, que vai até as nuvens, em cuja fronde se abrigam aves e animais (vs. 1-9). Na alegoria o orgulhoso cedro é cortado e despojado como advertência às outras árvores, isto é, nações (vs. 10-14). A natureza estremece sob a queda da árvore, enquanto as árvores na terra do além são confortadas com a sua descida (vs. 15-18).

a) Grandeza do Cedro. 31:1-9.

1. No undécimo ano, no terceiro mês, no primeiro dia do mês. Maio/junho de 586 (ou 587) A.C., cerca de dois meses antes da queda de Jerusalém.

3. Eu te compararei a um cedro no Líbano (RSV). O T.M, diz: **Eis que a Assíria era um cedro.** O capítulo nada tem a ver com a Assíria, nem há qualquer motivo para se comparar o Egito com a Assíria. Acrescentando uma letra ausente de *'ashshûr*, temos *te'ashshûr*, com a tradução: "Eis um sherbin, um cedro no Líbano". Cons. 27:5. Com relação à figura, veja 17:3; Dn. 4:10 e segs. **Cujo topo estava entre as**

nuvens. Leia-se *'abôt*, de acordo com a LXX, em lugar do *'abôtîm* do T.M., "ramos espessos". Esta tradução se aplica sempre aos versículos 10, 14.

4. As águas. Do Nilo. **Profundezas** (*tehôm*). Os recursos subterrâneos de todas as fontes e rios. (Cons. 26:19; 29:3; Hc. 3:10).

6. As aves e os animais, isto é, as nações, habitavam **debaixo da sua fronde**, a proteção do Egito.

8, 9. As folhosas árvores do Éden, o **jardim de Deus** invejavam-na. Cons. 28:13; Sl. 104:16; 31:16,

b) Queda da Árvore e seu significado. 31:10-14.

10. Como sobremaneira se elevou. O orgulho do Egito (cons. 29:3, 9) cairia sob o poder caldeu (vs. 11, 12).

11. Da mais poderosa (lit., *um carneiro*) **das nações.** Cons. 17:13.

12. Os mais terríveis estrangeiros. Cons. 28:7; 30:11; 32:11, 12.

13. A árvore caída, como a carcaça de 29:5, viria a ser presa de animais e aves.

14. A queda do grande cedro seria uma advertência contra o orgulho. A última parte do versículo, começando em **porque todos . . . estão entregues à morte**, pertence ao tema da próxima estrofe.

c) Consternação diante da Queda do Cedro e Sua Descida ao Inferno. 31:15-18.

Há um certo número de referência ao além neste parágrafo (com, observação feita a 26:20). O mundo do além (*'eres tahtît*) está localizado profundamente no seio da terra (26:20; 31:14, 16, 18; 32:18, 24). **À cova** (*bôr*). Nome dado ao mundo do além por ser a sua boca. Indica a entrada do Sheol, e freqüentemente é uma palavra que lhe é paralela (26:20; 31:14, 16; 32:18, 23, 24, 25, 29, 30). Inferno ou Sheol ("lugar de interrogações" para a necromancia; lugar que não cessa de "pedir", Pv. 20:15, 16; "lugar vazio", "mundo inferior"). O grande cemitério da terra, cheio de sepulturas (31:15, 16, 17; 32:21, 27. Cons. shahat, 28:9).

15. Fiz eu que houvesse luto. O mundo da natureza poria luto por causa do Egito. O Líbano, "Branco", se vestiria de negro.

16. As árvores do Éden ... se consolavam nas profundezas da terra (RSV, no além). Cons. Is. 14: 9-11; Enoque 25:4-6.

17. Com ele passarão para o além. Mais especificamente, *também descerão* (perfeito profético) *para o Sheol* (RSV). Os aliados de Faraó iriam perecer juntamente com ele (cons. v. 18). Faraó jazeria **no meio dos incircuncisos . . . com os que foram traspassados à espada.** Cons. 28:10; 32:19-21. Os egípcios também praticavam a circuncisão. Cons. ANET, pág. 326.

Ezequiel 32

6) Lamentações sobre Faraó e o Egito. 32:1-16.

a) O Monstro do Egito Apanhado, Morto e Devorado. 32:1-10.

1. No ano duodécimo, no duodécimo mês, no primeiro dia. Fevereiro/março de 584 (585) A.C., um ano e sete meses depois da queda de Jerusalém.

2. Lamentações (19:1). Aqui, um cântico trágico com acusações "Faraó, jovem leão das nações, você está destruído!" Não passas de um crocodilo (*tannîm*; cons. 29:3), perturbando as nações.

4, 5. Então te deixarei. O monstro seria morto e sua carcaça arremessada fora para presa de animais selvagens e aves. Cons. 29:3-5.

7, 8. Quando eu te extinguir. Faraó está sendo comparado a um astro cuja extinção escurece os céus e as estrelas. Cons. 30:18; Amós 5:18, 20; Is. 13:9, 10; 14:12.

9, 10. Afligirei o coração de muitos povos. A queda do Egito deixada impressão profunda sobre as nações. Cons. capítulos 30 e 31.

b) A Devastação do Egito pelo Rei da Babilônia. 32:11-16.

11, 12. A espada do rei de Babilônia e seus guerreiros viriam sobre o Egito (cons. 21:19; 29:8; 30:11).

13, 14. Farei perecer. Um quadro dramático do Egito desabitado. Cons. o versículo 2; 29:11.

14. Então farei assentar as suas águas. O lodo assentaria e as águas se tornariam limpas e os rios correriam como o azeite, sem que homens ou gado os perturbassem. Esta é a única comparação de um regato deslizando mansamente com azeite.

15. O propósito do julgamento.

16. A lamentação cantada pelas **filhas das nações.** Pessoas contratadas para prantear (cons. v. 18; 19:14; Jr. 9:16, 17).

7) A Descida do Egito para o Além. 32:17-32.

17. No ano duodécimo, aos quinze do primeiro mês (de acordo com o T.M.). Com base em 32:1, pode-se deduzir que este oráculo estava datado do décimo mês, duas semanas mais tarde.

Este oráculo contém um quadro vivíssimo da Cova ou do Sheol no V. T. É a habitação internacional dos mortos, cheia de sepulturas (vs. 22, 23), habitado por nações antes importantes (vs. 18,29, 30); nações estão em honra ou desonra (vs. 23-25, 30); os reis em seus tronos estão rodeados por seus súditos (cons. Is. 14: 9, 10, 18, 19); guerreiros são sepultados com suas armas sob as cabeças (v. 27); as nações estão enfraquecidas (vs. 20, 21; Is. 14:10; cons. também Jó 3:17-19).

19. O Egito estaria consignado entre os incircuncisos. Cons. 31:18.

22-30. *Seis nações dão as boas-vindas ao Egito no Sheol.* A repetição, 24-27, 32, concede uma qualidade de luto ao oráculo. Seu tema geral é: "Aqueles que vivem da espada morrerão pela espada".

22, 23. **Assíria** ficaria consignada ao fundo do Sheol.

24, 25. Elão (*região montanhosa*), mencionada apenas aqui em Ezequiel, estava localizada a leste do Rio Tigre e ao norte do Golfo da Pérsia. Sua capital era Susã (Susa; Ne. 1:1; Dn. 8:2). Os elamitas não eram um povo semita.

26-28. Meseque e Tubal. Cons. 27:13.

27. A LXX e a Siríaca omitem o **não**, traduzindo para: *eles jazem com os homens poderosos*, mortos na antiguidade, tendo suas armas sepultadas com eles. O modo de morrer e sepultá-los estaria de acordo com a sua vida sanguinária e violenta.

29. Edom. Cons. 25:12-14. Os edomitas eram circuncidados, mas aqui jazeriam com aqueles que não eram.

30. Os príncipes (ou *chefes, nashîk*, de *nashak*, "instalar"; cons. Josefo 13:21; Mq. 5:4; Sl. 83:11; Dn. 11:8) **do Norte** (*Sapôn*); isto é, dos estados sírios fazendo limites com o Monte Saphon (cons. 28:14). Os sidônios, ou fenícios em geral. Cons. Dt. 3:9; I Reis 16:31. O povo dos estados sírios e os sidônios eram circuncidados, e por isso o texto deveria ser, como no versículo 29, "eles jazem com os incircuncisos".

31, 32. Faraó os verá. Faraó seria miseravelmente confortado sabendo que não se encontrava sozinho no seu destino. Cons. 14:22; 31:16.

III. As Profecias da Restauração de Israel. 33:1 – 39:29.

A queda de Jerusalém assinala um ponto decisivo no ministério de Ezequiel. Os até agora ameaçadores oráculos contra Judá (caps. 1-24) e seus inimigos pagãos (caps. 25-32) cedem lugar às mensagens exortativas de um pastor para o seu povo arrasado (caps. 33-39). Após o colapso do estado (33:21) e a completa prostração das mentes dos indivíduos sob suas calamidades (33:10), o profeta declarou que o Senhor não acabara com Israel (contraste ao cap. 35). Para ela havia uma nova era à frente. Em palavras comoventes, Ezequiel fala aqui de purificação, restauração e paz de Israel (caps. 34; 36:16 e segs.; 37).

Em primeiro lugar o profeta foi recomissionado como atalaia para preparar o seu povo para uma nova era (cap. 33). Um novo governo sob Davi, o servo de Deus, suplantaria a antiga dinastia, cujos perversos pastores (governantes) deixaram as ovelhas se dispersarem (cap. 34). A integridade territorial de Israel seria assegurada pela desolação do Monte

Seir e outros inimigos (cap. 35), enquanto Israel experimentaria tanto a restauração exterior (36:1-15) quanto a restauração interior (36:16-38). A reintegração do povo em uma só nação sob um só rei, Davi, está simbolizada pela ressurreição dos ossos secos e pela junção de dois pedaços de pau (cap. 37). A paz de Israel restaurada será perpétua, pois o Senhor protegê-la-á milagrosamente da invasão ameaçadora de Gogue nos últimos dias (caps. 38 e 39).

Ezequiel 33

A. A Função do Profeta na Preparação para a Nova Era. 33:1-33.

Neste capítulo transitório, Ezequiel indica que o profeta não passa de instrumento através do qual os princípios do novo reino e da maneira de se entrar nele são anunciados. Exatamente como o atalaia deve advertir os habitantes de uma cidade quanto aos perigos, assim o profeta deve fazer soar a advertência divina contra o pecado (vs. 1-9). Em resposta ao desespero do povo diante do seu castigo, Ezequiel enuncia lembretes da boa vontade de Deus e sua perfeita justiça (vs. 10-20). Os presunçosos sobreviventes da queda de Jerusalém em Judá não teriam futuro (vs. 21-29), mas antes, os propósitos divinos seriam elaborados através dos que estavam no exílio (vs. 30-33).

1) O Profeta Designado como Atalaia do Seu Povo. 33:1-9.

a) A Parábola. 33:1-6.

2. Atalaia. O hebraico *sôpeh*, "alguém que cuida, espia, vigia". Cons. II Sm. 18:25; II Reis 9:17,18.

3. Espada. Cons. 21:1-19. **Trombeta.** Veja Os. 8:1; Jr. 6:1; Ne. 4:19, 20.

b) Sua Aplicação. 33:7-9.

7. A ti . . . te constitui por atalaia. O profeta recebe uma nova tarefa como atalaia do povo. O conceito que Ezequiel tinha da seriedade

de sua tarefa tem tido um profundo efeito sobre todos os servos de Deus. Cons. Is. 21:6; 56:10; Jr. 6:17; Hc. 2:1.

2) A Mensagem do Profeta aos Exilados Desesperados. 33:10-20.

10. Nós desfalecemos. Cons. 4:17; 24:23.

11, 12. Duas palavras graciosas são concedidas aos exilados atordoados pelo sentimento de destino irrevogável: 1) Deus não tem **prazer na morte do perverso**, mas quer que ele se converta do seu **caminho** e viva. 2) O passado não é irrevogável para os homens, pois eles são livres para se arrependerem ou pecarem. Cons. 18:21-32.

13. Sobre "viver" e "morrer", veja comentário em 18:4; cons. 18:24, 26. **14.** Cons. 3:18; 18:27.

15. Estatutos da vida. A "vida", nesta e em outras passagens relacionadas, é "o deleite do favor divino e a prosperidade externa que é o reflexo e o selo dele" (Davidson, *Cambridge Bible*). Cons. 18:7; 20:11.

16. Cons. vs. 18-22.

17-20. Cons. 18:24-30.

3) As Notícias da Queda de Jerusalém e a Mensagem do Profeta aos Sobreviventes em Judá. 33:21-29.

Jerusalém caiu no undécimo ano, quarto mês e nono dia do reinado de Zedequias (Jr. 39: 2 comparado com 52:5-7 e II Reis 25:2), e foi incendiada um mês depois (Jr. 52:12-14 comparado com II Reis 25:8-10).

21. No ano duodécimo . . . aos cinco dias do décimo mês. A tradução do T.M, implica em que os fugitivos alcançaram o exílio, ano e meio depois da queda de Jerusalém. Stuernagel defende que o ano de Jeremias começava no outono, enquanto que o de Ezequiel, seguindo a contagem babilônica, começava na primavera. Assina o undécimo ano de Jr. 39:2 e o mesmo duodécimo ano de Ez. 33:21 e a notícia alcançou Ezequiel em Janeiro de 585 A.C.

E. Auerbach (V.T. , X, 1960, 69, 70) e M. Noth (ZDPV, LXXIV, 1958, 133-157) acumularam dados para mostrar que no fim da monarquia o ano começava na primavera. Oito manuscritos, a LXX, Luciano e a Siríaca dão *ano undécimo*. Datando este oráculo do ano undécimo, décimo mês, quinto dia, permite que seja encaixado antes de 26:1, que deve ter sido transmitido no décimo primeiro ou décimo segundo mês do undécimo ano. A notícia teria chegado seis meses após a queda de Jerusalém, isto é, cerca de Janeiro, 585 A.C. Cons. a viagem de Esdras, 108 dias (Esdras 8:31; 7, 8, 9).

22. O profeta estivera em êxtase **pela tarde** e o Senhor abriu a sua boca quando o homem chegou na manhã seguinte (cons. 3:26, 27; 24:27). Uma tradição identifica o mensageiro com Baruque (Jr. 45:5; Baruque 1:2). Agora Ezequiel estava livre para se dedicar ao trabalho pastoral, antes já insinuado. Cons. 16:60 e segs.; 17:22 e segs.; 20:33 e segs.

24. Os moradores destes lugares desertos (lit., *ruínas*; cons. II Reis 25:12, 22), que sobreviveram à destruição de Jerusalém, continuaram **dizendo: Se Abraão ... só ... possuiu esta terra** (Is. 51:1, 2), certamente eles, seus inúmeros descendentes, tinham mais direito de fazê-lo (cons. Mt. 3:9).

25, 26. Dize-lhes. Os sobreviventes de Jerusalém, tão confiantes em sua segurança antes da queda da cidade (11:3-12), são acusados de seis pecados específicos (cons. 18:6, 10-12, 15; 22:6, 9), que os desqualificavam para qualquer herança.

27. Aqueles que se escondiam nas "ruínas", nos campos despovoados e nas **fortalezas e cavernas** cairão diante das três forças destrutivas de 5:12; 14:13-20.

28. Os montes de Israel (cons. 6: 2, 3).

29. A visitação de Deus sobre a terra levaria os israelitas apóstatas a reconhecerem que Ele é o Senhor, uma lição geralmente necessária aos pagãos (25:7, 11, 17).

4) Um Oráculo para os Exilados. 33:30-33.

Considerando que as profecias de Ezequiel foram tão notavelmente cumpridas, os exilados interessaram-se nele; mas o seu entusiasmo foi superficial.

30, 31. Neste fragmento da vida oriental, os exilados são vistos falando um com o outro sobre Ezequiel, assentados diante dele (cons. 8:1; 14:1; 20:1). Gostavam de suas mensagens sobre a futura restauração e as profecias contra as nações, mas não obedeciam às condições morais e religiosas sem as quais não participariam da nova era.

32. Canções de amor ("amor sensual", '*agab*). Cons. I Sm. 16:17; Sl. 33:3; 137:3.

33. Quando vier isto (o julgamento ou a crise), saberão que deram ouvidos a um profeta do Senhor e não a um cantor mercenário. Cons. 2:5.

Ezequiel 34

B. Os Pastores de Israel e Suas Ovelhas. 34:1-31.

Considerando que os pastores e governantes desta alegoria foram negligentes e egoístas, o Senhor os punirá (vs. 1-10). Ele mesmo irá procurar as ovelhas e será o Bom Pastor (vs. 11-16). Ele julgará entre uma ovelha e outra, protegendo as fracas das violentas (vs. 17-22). O Senhor estabelecerá Davi como o pastor (vs. 23, 24) e fará uma aliança de paz para a terra (vs. 25-31).

1) Julgamento dos Pastores Egoístas e Negligentes. 34:1-10.

A palavra pastor, *rô'eh*, aparece dezesseis vezes neste capítulo.

2. Pastores de Israel. Governantes como Jeoaquim e Zedequias. Veja 19:1-9; Jr. 22:10 - 23:4; veja também Jr. 25:34-38; Mq. 5:5; Zc. 10:2, 3; I Reis 22:17. (Cons. Homero, *Ilíada* 1. 273; 11. 85; Dante, *A Divina Comédia*, "Paraíso", xxvii, 55, 56; Milton, *Lycidas*, 112 e segs. Sobre o rei e deus como pastor em outras obras da literatura, cons. G.E. Wright, "The Good Shepherd", BA, 2, 1939, 44-48).

3. Comeis a gordura. Ou, *o leite*; isto é, coalhada (também a LXX e a Vulgata).

4. Fraca . . . doente . . . quebrada . . . desgarrada . . . perdida. Cinco casos de negligência do pastor. Cons. versículo 16; Jr. 50:6; Mt. 18:12-14; Lc. 15:4; 19:10.

5. Assim se espalharam, por não haver pastor. Cons. I Reis 22:17; Mt. 9:36; Mc. 6:34.

8. Como eu vivo. Cons. 5:11. **As feras do campo.** As nações exploradoras, especialmente a Babilônia.

2) O Senhor é um Bom Pastor para o Seu Povo. 34:11-16.

O Senhor procurará as suas ovelhas (v. 11); livra-las-á (v. 12); introduzi-las-á na sua terra (v. 13); apascenta-las-á em bons pastos (v. 14); e será o pastor das Suas ovelhas (15, 16). Ezequiel, tal como o Senhor, tinha coração de pastor.

15. O Senhor se identifica como o bom pastor. Cons. Is. 40:11; Jr. 31:10; Sl. 23:1; 30:1; 95:7. No N.T. Cristo é o bom pastor. Veja Lc. 15:3-7; João 10:10-16; Hb. 13:20; I Pedro 2:25; 5:4; Ap. 7:17.

3) O Senhor Protege as Ovelhas Fracas das Violentas. 34:17-22.

17. O Senhor julgará entre **ovelhas** e **ovelhas** (*seh*). Isto é, entre as fracas e os líderes, os carneiros e os bodes, que oprimem os pobres.

18, 19. Maldades cruéis das classes superiores são destacadas. Com. Is. 1:23; 3:14, 15; 5:8; Os. 4:7-11; 7:1-6; Amós 3:9, 10; 4:1, 6; Mq. 3:1-3.

4) Davi Empossado como Príncipe-Pastor. 34:23, 24.

23,24. Em lugar de muitos pastores indignos haverá **um só pastor . . . o meu servo Davi . . . príncipe.** Aqui não há uma referência à ressurreição de Davi. Antes, o governante ideal do futuro será como Davi, um servo do Senhor, comportando um governo universal, e assegurando a paz para o povo (Is. 55:3, 4; Jr. 23:5, 6). Ele será o vice-rei ou príncipe do Senhor (*nasî*) para sempre. Cons. 37:24, 25. Cristo na

qualidade de bom pastor (João 10:14-18) e de "Filho de Davi" preenche inteiramente as promessas que se encontram em II Sm. 7:13; Jr. 23:5, 6; Mq. 5:2-5; Is. 9:6, 7; Dn. 9:25, 26; cons. Mt. 1:1; 22:41-45; Lc. 1:31-33; João 1:43; 4:25; Atos 2:29-33; 13:22, 23, citando alguns poucos. A profecia messiânica indica todas as profecias que tratam da pessoa, obra ou reino de Cristo. Por extensão ela inclui aquelas passagens que falam da futura salvação, glória e consumação do reino de Deus até mesmo onde o mediador não está especificamente citado. O período messiânico compreende a era que Cristo inaugurou e dirige como rei mediatorial, quer visto em sua inteireza, quer somente em alguns dos seus aspectos.

5) Aliança Divina de Paz para a Terra. 34:25-31.

A aliança divina de paz removerá da terra tudo o que seja danoso (vs. 25, 28). Ela proverá **chuvas de bênção** (v. 26) e restaurará a produtividade da natureza (vs. 27, 29). E o melhor de tudo é que ela estabelecerá a presença de Deus com o seu povo, as ovelhas do seu pasto (vs. 30, 31).

26. Chuva a seu tempo . . . chuvas de bênção. As palavras comuns para chuva são: *yôreh*, "a chuva precoce" dos fins de outubro ao começo de dezembro (Os. 6:3); *malkôsh*, "a chuva serôdia, chuva de primavera" de março-abril (Os. 6:3); *geshem*, "chuva", a palavra usada aqui; e *matar*, "chuva" (Êx. 9:33), ambas usadas em relação às pesadas chuvas de inverno dos meados de dezembro até março.

27. Cons. Os. 2:22; Joel 3:18; Amós 9:13; Zc. 8:12.

31. Vós . . . , ovelhas do meu pasto. Cons. Sl. 74:1; 79:13; 95:7; 100:3. A LXX B, Antiga Latina de Ranke e a Arábica omite **homens** (vós . . . **homens sois**, ou *vós sois Adão*).

C. A Integridade Territorial de Israel Assegurada. 35:1 - 36:38.

Após a promessa de um bom pastor para substituir os pastores perversos que governaram sobre Israel, seguem-se três oráculos de segurança da própria terra. O Monte Seir, por causa de sua hostilidade

para com Israel, seria deixado deserto (35:1-15); enquanto as montanhas de Israel, que tinham sido arruinadas pelas nações, ficariam luxuriantemente frutíferas (36:1-15). O Senhor faria todas essas coisas pelo Seu povo por amor do Seu nome (36:16-38).

Ezequiel 35

1) A Desolação do Monte Seir. 35:1-15.

O presente oráculo, muito mais detalhado do que em 25:12-14, foi devido ao comportamento hostil de Edom contra Judá depois de 586 A.C. Israel precisava ficar livre dos vizinhos hostis antes das bênçãos da nova dispensação começarem (36:1-7). A desolação do Monte Seir e a restauração das montanhas de Israel formam um contraste gritante (35:3, 4, 7-9, 15; 36:1-6, 8).

2. O monte Seir (*cabeludo*, isto é, coberto com mato). As terras montanhosas a leste da Arábia, que se estendem do Mar Morto até o Golfo de Ácaba, eram o lar de Edom (Gn. 36:8, 9; Dt. 1:2; I Cr. 4:42). Os edomitas são culpados de: "1) por causa de sua **inimizade perpétua** contra Israel (v. 5a; cons. Gn. 25:15; 27:41; e referência a Ez. 25:12. Veja N. Glueck, *The Other Side of the Jordan*, págs. 50-113; *Rivers in the Desert*); 2) ter abandonado **Israel à violência da espada** durante a queda de Jerusalém (v. 5b, cons. Ob. 10-14; Sl. 137:7, 8); 3) ter planejado apossar-se do território de Israel depois da dizimação de seus habitantes (v. 10; cons. v.12), sem autorização de Nabucodonosor ou do Senhor (36:5).

6-9. Edom tinha de receber a retribuição.

10. As duas terras. Israel e Judá (cons. Jr. 33:24). Depois da queda de Jerusalém, os edomitas gradualmente penetraram em Judá, ocupando-a até o Hebrão (com. Ez. 25:12 e segs.). **Ainda que o SENHOR se achava ali.** O Senhor retirara Sua presença visível do Templo e da cidade (10:18; 11:22, 23), irias não renunciara a Seus direitos à terra (36:5). Um Israel purificado, declara esta profecia, retornará e Jerusalém receberá um novo nome (48:35).

14, 15. Como Edom se regozijou sobre a destruição de Judá, assim toda a terra se regozijará quando o Senhor desolar a Edom. Observe a freqüência dos pronomes na primeira pessoa através de todo o capítulo, aplicado à obra do Senhor.

Ezequiel 36

2) A Restauração das Montanhas de Israel: a Restauração Exterior. 36:1-15.

a) Julgamento das Nações. 36:1-7.

1. Montes de Israel, denunciados por causa da idolatria em 6:1-7, recebem promessas misericordiosas neste capítulo.

2. O inimigo. Edom e as outras nações (vs. 3,7). Cons. 35:3, 5, 10, 11. Observe que nos versículos 2-7, "assim diz o Senhor" aparece seis vezes. Os versículos 3-7, 14, todos começam com *laken*, "portanto".

5. No fogo do meu zelo. Cons. v. 6; 5:13; 23:25; 38:19; 39:25.

6. Cons. os versículos 2, 3; opróbrio das nações. Zombada e ocupada por elas (veja v. 2; 34:29).

7. Jurei. Literalmente: *Levantando eu a minha mão jurei* (cons. 20:5, 6).

b) Restauração de Israel. 36:8-15.

Aproximando-se a época da regeneração, a terra se tornará frutífera (vs. 8, 9); populosa (vs. 10-12); livre da escassez (vs. 13, 14); e livre do opróbrio (v. 15). Cons. Is. 54:1-8.

8. O meu povo de Israel . . . está prestes a vir do exílio. Cons. 4:5, 6. 10. Toda a casa de Israel. Israel e Judá (cons. 37:16 e segs.).

11. Como dantes. No tempo do Êxodo (Os. 11:1-4; Jr. 2:1-3, 6, 7).

12b, 13, 14. As montanhas, flageladas pela fome e pelos animais selvagens, são comparadas a animais de rapina que devoram seus habitantes ou *desfilham* o seu povo (cons. Nm. 13:32). Em Ez. 36:13, 14, 15, Israel é chamado de *goy* ou nação, designação costumeira para os

pagãos (cons. 2:3). Leia-se a palavra como singular, de acordo com a anotação hebraica marginal, *ketib*, e as versões.

15. Ignomínia . . . opróbrio. Ocupação pelos vizinhos hostis (v. 6), destituição e empobrecimento (v. 30).

3) Restauração do Povo de Israel: Restauração Interna. 36:16-38.

Esta seção contendo unta filosofia de história divinamente conferida declara que os pecados de Israel mereciam o castigo do exílio (vs. 16-21); mas que o Senhor restaurará Israel, não por causa de algum merecimento seu, mas para santificar o Seu nome. As gloriosas circunstâncias Concomitantes da restauração são enumeradas (vs. 22-32). Em dois apêndices o Senhor prediz que a prosperidade de Israel e sua população acrescida levará as nações a reconhecerem a Sua grandeza (vs. 33-36, 37, 38).

Os versículos 16-23 constituem a lição profética ou *haphtarah* da leitura sabática semanal, Nm. 19:1-22:1, o *Parah*, "A Vaca Vermelha".

a) Israel Exilada por causa dos Seus Pecados. 36:16-21 .

17. A imundícia de uma mulher. Figura de idolatria. Compare com 7:19; 18:6. (Com relação à figura, veja Lv. 15:19 e segs.).

18. Ídolos (*gillîlîm*). Cons. 6:4; 20:7, 8; 30:13.

20. Profanaram o meu santo nome. O exílio de Israel levou à profanação do santo nome do Senhor pelas nações. Observe a expressão "meu santo nome" nos versículos 20-23. Cons. comentário sobre 20:9, 14, 22. **O povo do SENHOR.** Cons. Êx. 6:7; Lv. 20:24; Dt. 4:20; 7:6.

b) Restauração de Israel. 36:22-32.

23. Vindicarei a santidade. Ou separarei como coisa sagrada. A volta de Israel depois do seu castigo manifestará às nações que o Senhor é o Deus supremo e santo, e que Ele deseja revelar-se a todo o mundo. Veja também os versículos 36; 29:6; 37:28; 39:7; Ml. 1:11; Ef. 1:3-10.

A próxima passagem, os versículos 25-29, embora se refiram principalmente a Israel, é usada na liturgia cristã, e preciosa a toda a igreja.

25-27. Os passos na redenção de Israel são o perdão, a regeneração e o dom do Espírito de Deus.

25. Então aspergirei água pura sobre vós. Ezequiel, o sacerdote, recorda o ritual mosaico (cons. Êx. 30:17-21; Lv. 14:5-7, 9; Nm. 19:9, 17-19) que é um quadro do perdão. Veja também Sl. 51:7; Jr. 33:8; Hb. 9:13; 10:22.

26. Coração novo . . . espírito novo. Aqui se destaca a parte divina na regeneração. Cons. 11:19; 18:30-32. Veja também Jr. 31:31-34; Sl. 51:10-12. Sobre coisas novas no esquema redentor divino, veja também Is. 42:9, 10; 62:2; II Pedro 3:13; Ap. 5:1; 21:1, 5.

27. Porei dentro em vós o meu Espírito. A aspersão do Espírito de Deus tem de constituir um aspecto da futura dispensação (cons. 37:14; 39:29; Is. 42:1; 44:3; Joel 2:28, 29; Ageu 2:5; Atos 2:16-21; Rm. 8:23; Ef. 1:13, 14; 4:30).

28-32. Os resultados da regeneração de Israel serão: sua permanente ocupação da terra (v. 28a); um relacionamento convencional com Deus (v. 28b); proteção contra a reincidência da idolatria (v. 29a); o suprimento abundante de todas as necessidades (vs. 29b, 30); a auto-humilhação e arrependimento devido ao pecado passado (vs. 31, 32; cons. Plumtre, *Pulpit Commentary*, in toco). Tais benefícios são de pura graça (v. 22).

c) O Efeito da Prosperidade de Israel Sobre as Nações. 36:33-36.

A restauração de Israel levará os transeuntes (v. 34b) das **nações** (AV, pagãos) **que tiverem restado ao redor de vós** (v. 36) a reconhecer a supremacia do Senhor.

35. A história vai do Éden ao Éden. **Cidades . . . fortificadas.** Compare com 38:11.

d) A População de Israel Aumentada. 36:37, 38.

37a. Que seja eu solicitado. Agora Deus está pronto a ouvir Israel, contrastando com Sua atitude no tempo do seu pecado (14:3; 20:3, 31).

37b, 38. A terra será repovoada com **homens como rebanho**, numerosos como os cordeiros oferecidos ao Senhor em **Jerusalém nas suas festas** (Dt. 16:16 e segs.; cons. I Cr. 29:21; II Cr. 7:4 e segs. ; 29:33; 36:7-9; Josefos *Wars* VI. 9. 3).

Ezequiel 37**D. Reintegração do Povo de Israel em uma Só Nação. 37:1-28.**

Com a visão dos ossos secos restaurados à vida, o Senhor, através de Ezequiel, proclama a Israel a próxima ressurreição de sua vida nacional (vs. 1-14): Ele profetiza através de ato simbólica da junção de dois pedaços de pau a futura união dos dois reinos sob um só líder, Davi (vs. 15-28).

1) A Visão dos Ossos Secos. 37:1-14.

Esta porção do capítulo constitui o *haphtarah* (leitura dos Profetas) para a Páscoa e seu Sábado na sinagoga. Toda a igreja tem usado esta passagem em cultos públicos e particulares. Um quadro sobre a cena, pintado em 244-245 d.C., se encontra nos restos de uma sinagoga em Dura-Europos (cons. RB 43, 1934, 117, 1 18).

a) Visão para os Exilados que Temiam a Aniquilação Nacional. 37:1-10.

1. A mão do SENHOR (cons. 1:12, 20; 3:14) levou Ezequiel, em êxtase profético (cons. 1:3; 3:14) a um vale (cons. 3:22, 23) juncado de ossos secos de corpos humanos.

4. Ezequiel recebe a ordem de profetizar aos ossos a promessa de vida.

5. Eis que farei entrar o espírito em vós. A palavra hebraica *rûah* traduz-se por "hálito" nos versículos 5, 6, 8, 9, 10, "ventos" no versículo

9, e "espírito" nos versículos 1, 14. O contexto geralmente determina a tradução. Hálito é um sinal de vida, o mesmo acontecendo como vento ou o ar, e vem a ser, nesta profecia, o próprio princípio da vida, o espírito.

9. O hálito da vida é soprado **dos quatro ventos** do céu (cons. Jr. 49:36), um símbolo da concessão universal de vida pelo Espírito de Deus (v. 14).

b) A Explicação da Visão. 37:11-14.

11. Estes ossos são toda a casa de Israel (tanto Israel como Judá, vs. 16, 22), cujos sobreviventes dizem: **Pereceu a nossa esperança.** O profeta freqüentemente cita ditados do povo (por exemplo, 11:13; 12:22, 27; 16:4; 18:2; 20:49; 36:20).

12. A figura passa dos mortos no campo de batalha para os mortos nas sepulturas. **E vos farei sair** de vossas sepulturas e vos trarei de volta, da negrura do cativo, **à terra de Israel.** Veja também os versículos 14, 21; 36:24.

14. Porei em vós o meu Espírito, e vivereis. O Espírito do Senhor dá vida. Cons. o versículo 10; Sl. 104:30. Em 36:27, 28, Ele é o Espírito regenerador. Cons. Is. 49:8-12; 61:1.

O profeta aqui não está falando da ressurreição física, embora haja insinuação da doutrina no V.T., particularmente em Is. 25:8; 26:19; Dn. 12:2. Foi "nosso Salvador Jesus Cristo que aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade através do evangelho" (II Tm. 1:10).

2) Um Símbolo da Reunião de Judá e Israel. 37:15-28.

a) Os Dois Paus Juntos. 37:15-17.

16. Um pedaço de pau. Hebraico *'es*, "árvore, madeira, cajado" (também vs. 17, 19, 20). Cons. Zc. 11:7. Talvez uma tabuinha de madeira. **Para Judá e pelos filhos de Israel, seus companheiros,** como,

por exemplo, Benjamim, Simeão, Levi. **José** ou **Efraim** representam as tribos do norte.

b) Explicação do Símbolo. 37:18-20.

Exatamente como os pedaços de pau foram unidos em um só, Israel e Judá serão reunidos em um só reino.

c) As Bênçãos Resultantes da Unificação. 37: 21-28.

Cinco grandes bênçãos são prometidas aqui: 1) O povo seria trazido de volta ao lar (vs. 21, 22). **Uma só nação . . . , e um só rei . . . nunca mais . . . duas nações.** Os profetas consideravam Israel do norte como ainda existente (Os. 1:11; 8:3, 4; Jr. 3:12-15; Is. 43:5-7; 49:5, 6). Observe a disposição das doze tribos no novo reino (cap. 48). 2) Eles serão purificados da idolatria (v. 23; cons. 36:25). 3) Davi será empossado como rei sobre eles (vs. 24, 25). Ele é chamado rei (*melek*) aqui e no versículo 22, mas "príncipe" em outros lugares.

25. Cons. 36:28. **Meu servo Jacó.** Jacó era antepassado de Israel, como Abraão (Os. 12:12; Is. 29:22). **Seu príncipe eternamente.** Cons. 34:23, 24. Um governante ideal semelhante a Davi, e não uma referência a Davi ressuscitado reinando para sempre. 4) Uma aliança de paz será estabelecida (v.26a). Cons. 34:25. 5) Deus habitará no meio deles (vs. 26b-28).

26. Meu santuário (*miqdash*). O Templo como habitação do Senhor, santo por causa de sua presença.

27. O meu tabernáculo (*mishkan*) estará com eles. Literalmente, *sobre eles*, isto é, num nível mais elevado (veja 40:2; Is. 2:2; Mq. 4:1), protegendo-os ou santificando-os. **Eu serei o seu Deus.** Veja também 11:20; 14:11; 36:28.

28. Eu . . . santifico a Israel. Deus desceu para habitar com o homem, transformando a terra em céu (cons. 43:7, 9; 48:8, 10, 21). Os versículos 26-28 levam à reconstrução do Templo (cap. 40 e segs.).

Esta profecia, como a precedente, ainda não se cumpriu historicamente, pois até agora Israel ainda não cumpriu as condições. Seu cumprimento jaz no futuro quando um Israel convertido fizer parte do corpo de Cristo. Prevê um futuro quando o Tabernáculo de Deus estará com o seu povo (Ap. 21:3).

E. O Senhor Protege Israel Contra Gogue e Seus Aliados. 38:1 – 39:29.

Estes capítulos descrevem de maneira apocalíptica o livramento divino do Seu povo de uma invasão sem paralelos por um inimigo temível. Israel estará restaurada em sua terra (34:12, 13, 15, 23, 27) e convertida (36:24.28). Deus habita no meio deles (37:21-28), e a nação vive em prosperidade e segurança (38:8, 11, 12, 14). Seus inimigos vizinhos já não a molestam (25-32; 36:36). Então no futuro distante (38:8, 16), tem lugar uma invasão anteriormente predita (38:17; 39:8) por nações habitando nos limites do mundo (cons. Is. 66:19). Elas vêm como uma nuvem (38:9, 16) – Gogue da terra de Magogue, e seus aliados, Rosh (?), Meseque e Tubal (38:2, 3), das regiões do extremo norte (38:15; 29:2), junto com a Pérsia, Cush e Pute (38:25) e Gômer e Togarma, com suas hordas do norte (38:6). As nações comerciantes de Seba, Dedã e Társis e suas cidades (38:13) também estão interessadas nesta invasão. Gogue vem orientado pelo Senhor (38:4-7, 16; 39:2, 3), mas também por sua própria iniciativa, incitado por sua ganância (38:10-14). De todos os profetas Ezequiel é o único que coloca "aquele dia" (38:10, 14, 18, 19; 39:11) depois de Israel desfrutar a restauração e a prosperidade em sua terra. Veja também Ap. 19:11; 20:7.

Israel é milagrosamente preservada, mas as hordas de Gogue são destruídas por um terremoto, lutas internas, pragas, chuvas torrenciais, fogo e enxofre (38:19-22), como também pela derrota na batalha (39:3, 4). Suas armas abandonadas servirão de combustível para Israel durante sete anos (39:9, 10). Serão precisos sete meses para o sepultamento dos seus cadáveres (39:11-15), e também os seus corpos e sangue virão a ser

uma festa para as aves e os animais (39:17-20). O resultado desta batalha será que as nações hão de saber que Deus é o Senhor (38:16, 23; 39:6, 7, 21, 23; cons. Is. 45:23), enquanto que Israel jamais precisará duvidar da proteção do seu Deus (39:22; com. 39:25 -29). São três as opiniões divergentes sobre estes capítulos.

1) Eles apresentam uma **descrição literal** de um futuro ataque a Israel. Desde Jerônimo até os nossos dias, Gogue tem sido diversamente identificado como os babilônios; os citas; Cambises, rei da Pérsia; Alexandre, o Grande; Antíoco, o Grande; Antíoco Epifânio; Antíoco Eupator; os partas; Mitrídates, rei do Ponto; os turcos de Suleiman; os turcos e os cristãos; os descendentes armênios dos citas; e uma confederação dos poderes do norte da Europa incluindo a Rússia (Rosh; Meseque e Tubal como Moscou e Tobolsqui) e a Alemanha (Gômer).

Damos a seguir as objeções às interpretações literais (cons. Fairbairn, 414-431, esp. pág. 421; Keil, II, 432; Faussett, JFB, IV, 348 e segs.):

a) A impossibilidade de identificar Gogue e Magogue com uma pessoa ou lugar históricos.

b) A improbabilidade de um tal exército conglomerado formando uma coligação milita.

c) O tamanho desproporcional do exército invasor em comparação a Israel e seus produtos.

d) Os problemas envolvidos no sepultamento dos cadáveres durante sete meses e no uso de armas abandonadas como combustível durante sete anos.

e) A rude carnalidade da cena sendo inconsistente com os tempos messiânicos.

2) Eles são uma **descrição simbólica** de algum acontecimento futuro. Alguns mestres adotam a opinião de Hengstenberg de que esta

seção descreve o conflito final da nação de Israel com inimigos não identificados. A interpretação mais tradicional de Havernick e Keil vê isto como a luta final e catastrófica entre a Igreja e as forças do mundo, e o triunfo da verdade divina sobre todas as formas de mundanismo. Este ponto de vista permite que a narrativa seja uma fonte de conforto para Israel e para a Igreja, mas restringe-a a um cumprimento muito distante.

3) Eles constituem uma **parábola profética** ilustrando uma grande verdade e não se referindo a nenhum acontecimento histórico específico.

As ilustrações de Ezequiel frequentemente têm detalhes que não podem ser literalmente forçados (por exemplo, 16:46-51, 53-56, 61) mas fazem parte do aspecto da história. Aqui as imagens elaboradas e misteriosas expressam uma grande verdade. Para Israel na Babilônia esta profecia dava a certeza de que, uma vez restaurada à sua terra, o poder de Deus a protegeria dos piores inimigos imagináveis. Para a Igreja sofrendo nas mãos de seus mais implacáveis perseguidores, esta é uma promessa do livramento divino. O triunfo final do Messias no tempo do fim também está implícito nesta parábola. Este ponto de vista torna a passagem pertinente a cada período da história. O propósito das obras apocalípticas como esta é o "desvendamento" do futuro, mostrando o Senhorio de Deus sobre ele. Assim elas orientam e fortalecem o povo de Deus em períodos de trevas (por exemplo, Daniel, Apocalipse. Cons. H.H. Rowley, *The Relevance of Apocalyptic*).

Na sinagoga, 38:18 – 39:16 é o *haphtarah* para Êx. 33:12 – 34:26 e Nm. 29:26-31 para o Sábado dentro do festival de Sucote.

Os capítulos contêm sete oráculos introduzidos pela fórmula, "Assim diz o Senhor" (veja Introdução abaixo, 38:1, 2; também os vs. 3-9, 10-13, 14-16, 17.23; 39:1-16, 17-24; conclusão, vs. 25-29).

Ezequiel 38

1) A Invasão de Gogue e Sua Destruição. 38:1-23.

a) Introdução. 38:1, 2.

2. Gogue (nos caps. 38; 39; Ap. 20:7) não se baseia em Gogaia das Cartas de Amarna, nem Gyges, rei da Lídia (670-652), mas nas profecias transmitidas. **Da terra de Magogue.** A localização deste lugar é desconhecida. Talvez fique entre a Capadócia e a Média; ou talvez o termo se refira aos citas (Josefos Antq. 1. 6.1). **Príncipe de Rôs, de Meseque e Tubal** (cons. 27:13). Leia-se o T.M, *nesî'rô'sh* em aposição, *príncipe de, cabeça de Meseque e Tubal*. A palavra *rô'sh* significa "cabeça" ou "chefe". O T.M, também pode ser traduzido para "príncipe de Rosh, Meseque e Tubal". **Rôs** não tem sido identificado. Possivelmente se refere a alguma tribo cita na região das montanhas Taurus.

Sobre as últimas batalhas com Gogue e Magogue, veja Enoque 56, 57; Livros Sibilinos (Oráculos), III, 319, 320; II Esdras 13; Talmude Babilônico, *Aboda Zara*, 3b; *Berakoth*, 7, 8; G.F. Moore, Judaísmo, II, 344, 348. Cons. as batalhas sangrentas de Anate, ANET, 136, 137.

b) Gogue e Suas Hordas Conduzidas pelo Senhor. 38:3-9.

4. Far-te-ei que te volvas. A figura é a de se fazer uma besta fera voltar-se de suas inclinações sem significado para cumprir propósitos divinos.

5. Persas e etíopes (*Kûsh*), e **Pute** (*Lídia*). Cons. 27:10; 30:5.

6. Gômer (Gn. 10:2). Os gimirrai dos assírios; os cimérios dos gregos, que moravam ao sul do Mar Negro, provavelmente na Capadócia. **Togarma** (cons. 27:14) da banda do norte. (Das partes extremas do norte, RSV). Do mesmo modo Roma nos Sal. de Salomão, 8:16.

7. Serve-lhe de guarda ou líder para os exércitos invasores.

8. Depois de muitos dias . . . no fim dos anos. Uma expressão usada com referência ao futuro escatológico (cons. introd. observações sobre os caps. 38 e 39).

9. Gogue e seus aliados virão **como tempestade . . . como nuvem** (cons. v. 16; Is. 21:1; Jr. 4:13) contra o Israel pacífico e próspero (cons. vs. 8, 11, 12).

c) O Propósito Maligno de Gogue na Invasão. 38:10-13.

10. No teu coração. Os planos do homem são apenas parte dos extensos propósitos divinos. Veja, por exemplo, 39:2; Is. 10:5, 6.

12. No meio (lit. , no umbigo) da terra. Cons. 5:5.

13. Sabá e Dedã . . . mercadores de Tarsis. Cons. 27:22, 20, 12. **E todas as suas cidades** (RSV). Também a LXX e a Siríaca, dão *ke'parîm* em lugar do T.M. *kepîrîm*, "jovens leões". O clamor das nações comerciantes talvez saia irônico ou talvez uma aprovação dos lucros antecipados que aguardam.

d) A Vinda de Gogue Determinada pelo Senhor. 38:14-16.

14. Quando o meu povo Israel habitar seguro. Cons, os versículos 8, 11, 12.

16. Meu povo. . . minha terra. Um ataque contra a terra do Senhor é um ataque contra Ele.

e) A Destruição de Gogue. 38:17-23.

17. Os profetas . . . os quais . . . , profetizaram. Esta invasão foi prevista, ou na precedente profecia de Ezequiel, ou nas profecias que já não existem mais (cons. 39:8; Sf. 1:14 e segs.; Jr. 3-6; Joel 3; Zc. 14).

19-22. A destruição de Gogue se efetua por meio de um terremoto (v. 19) que aterroriza toda a natureza (v. 20), por meio de um pânico sobrenatural entre os seus soldados (v. 21.), por meio de pestilência e derramamento de sangue e visitas da natureza (v. 22).

23. Cons. 36:23.

Ezequiel 39

2) Retomada da Profecia Contra Gogue. 39:1-29.

Esta não é uma segunda invasão mas uma narrativa paralela. Ezequiel costuma repetir seus ensinamentos. Cons. capítulos 1 e 10; 2:3-7 e 8:4-11; 3:17-21 e 33:1-19; capítulos 16 e 23.

a) A Destruição e o Sepultamento das Hordas de Gogue. 39:1-16.

1. Profetiza . . . contra Gogue. Cons. 38:2, 3.

2. Far-te-ei que te volvas. (Eu te impelirei, RSV). Cons. 38:4.

4. Gogue cai nas montanhas. Cons. o versículo 17; 38:21.

6. As terras do mar (ilhas, E.R.C) também sentirão o fogo que fere Magogue.

7. Farei conhecido. Isto expressa o propósito de Deus através da invasão (cons. 38:16, 17, 23): o reconhecimento de sua santidade por Israel e pelas nações. Veja também os versículos 13, 21, 25-28.

9. As armas dos inimigos servirão de combustível para Israel durante sete anos.

11. Os cadáveres de Gogue serão sepultados no Vale dos Viajantes (*ha'ôbe'rîm*), ao oriente do mar. Este lugar tem sido identificado como Wady Fejjas, milha e meia ao extremo sul do Lago de Quinerete (Mar da Galiléia), ou Vale de Abarim (*há'abarîm*) em Moabe, a leste do Mar Morto (Dt. 32:48), chamado o **Vale das Forças de Gogue**.

12, 13. Todo o povo leigo (veja obs. sobre 44:25) se ocupará **sete meses** no sepultamento. O número sete (vs. 9, 14) significa a totalidade da limpeza da terra dos seus inimigos.

14-16. Serão separados homens que sem cessar percorrerão a terra (lit. homens de continuidade), que porão **um sinal** (*sîyûn*, indicação, monumento) junto a qualquer ossada não sepultada para ajudar os **enterradores** a limpar a terra. *Ali está a cidade de Hamonah* (forma fem., "multidão", RSV). De acordo com o Targum *sham*, "ali", em lugar de *shem*, "nome". É uma cidade de sepulturas (cons. Josefos *Life* 54).

b) Aves e Feras Convidadas a Festejarem com as Hordas de Gogue. 39:17-24.

17-20. Aves e animais necrófagos fazem a limpeza (cons. Is. 63:1-6; Ap. 19:17-21).

17, 18. A matança dos animais era originalmente um ato sacrificial (cons. Lv. 17; Is. 34:6; Sf. 1:8). Aqui as **aves** e os **animais** são convidados a um **sacrifício grande ... com a carne dos poderosos e ... o sangue dos príncipes**, que são comparados aos animais **engordados em Basã** (cons. 27:6), uma região pastoril famosa por seu gado (Dt. 32:14; Amós 4:1).

19. Geralmente, a gordura e o sangue, as partes mais santas do sacrifício, eram oferecidas ao Senhor (Lv. 3:11 e segs., 17). Aqui elas são comidas pelas feras.

20. Cavalos e cavaleiros (LXX, *rokeb*, "cavaleiro" em lugar do T.M. *rekeb*, "carro"; mas cons. II Sm. 8:4, "cavalos de canos") são o preço pago aos necrófagos convocados à mesa do Senhor. Esses horrendos detalhes dão força à parábola profética de Ezequiel.

21-24. Lições da grande destruição.

21. Manifestarei a minha glória entre as nações. O grande poder de Deus será revelado às nações através da destruição de Gogue (38:16, 23).

22. Israel jamais duvidará de Sua proteção **desse dia em diante.**

23, 24. As nações ficarão sabendo que o povo de Israel foi levado **para o exílio** e caiu **à espada** não por causa da incapacidade do Senhor em proteger (36:20), mas por causa de sua **iniquidade** e perfídia, que o levaram a esconder deles o Seu rosto. Que lição para os nossos dias cheios de armas poderosas!

c) Conclusão: A Restauração da Sorte de Jacó. 39:25-29.

Nesse parágrafo, que não faz parte do Apocalipse, o profeta volta ao ponto de vista dos capítulos 33.37, prevendo a restauração de Israel.

25. Zelo pelo meu santo nome. Cons. 20:9, 14, 22, 44.

26. Esquecerão (*wenashû*, portanto *ketib*) **a sua vergonha**, isto é, opróbrio (cons. Is. 54:4). *Qerê*, diversos manuscritos e as versões dão: *eles suportarão* (*wenaseû*) *a sua vergonha*, isto é, um sentimento interno de indignidade diante da bondade de Deus (cons. 16:52, 54).

27, 28. Quando eu tornar a trazê-los. Através da história do seu povo, Deus se revela a ambos, às nações e a Israel. 29. Derramarei o meu Espírito. Cons. 36:25-31; Joel 2:28; Zc. 12:10.

IV. Uma Visão da Comunidade Restaurada. 40:1 – 48:35.

Primeiramente Ezequiel mencionou os pecados que provocaram a queda de Judá (caps. 1-24), e anunciou a humilhação de seus vizinhos hostis (caps. 25-32). Então ele descreveu a gloriosa restauração do seu povo à sua terra (caps. 33-39), sua regeneração (36:22-32) e a habitação do Senhor no seu meio para sempre (37:26-28). Como um vidente prático, sob a orientação divina, a próxima preocupação do profeta era dar atenção à organização da vida religiosa na comunidade restaurada (caps. 40-48).

Estes capítulos finais apresentam vastas dificuldades. Os rabis do Talmude (*Menahot* 45a) comentam que apenas o profeta Elias, que será o arauto da redenção final, é que elucidará as discrepâncias com as leis do Pentateuco e os termos que não aparecem em nenhum outro lugar. Além disso, dizem eles, se não fosse pelo Rabi Chanina ben Ezequias (*Babylonian Talmud, Hagiga* 13a), que explicou diversas dessas dificuldades, o livro de Ezequiel seria excluído do Cânon das Escrituras.

Corrupções textuais e os desnorteantes detalhes arquitetônicos e rituais desconcertam o leitor. Mas o problema mais persistente é o da interpretação desses capítulos, sobre os quais mestres piedosos têm discordado através dos anos. Será que os múltiplos detalhes desta visão (Ez. 40:2) pretendem ser atualizados em data futura? Que parte os sacrifícios sangrentos executarão em alguma futura economia (40:38-43; 43:18-27; 45:13-17; 46:13-15)? Será que o sacerdócio de Zadoque, sem

um sumo-sacerdote, funcionará novamente (40:45, 46; 42:13, 14; 43:18-27; 44:15-31; 45:18-20; 46:19-24)? Quem é este príncipe e quais os seus filhos (44:3; 45:7-12, 13-17, 21-24; 46:1-8, 12, 16-48)? Quem são os levitas decadentes (44:10-14), os estrangeiros incircuncisos excluídos do santuário (44:5, 9) e os estrangeiros residentes que recebem propriedades (47:22, 23)? Como os problemas geográficos se relacionam com 1) as águas que brotam do Templo (47:1.12) e 2) com a divisão da terra entre as doze tribos (47:13 - 48:29) para serem explicados?

A ênfase sobre as cerimônias, formas e instituições conduziram à acusação de que Ezequiel transformou os ideais dos profetas em leis e dogmas e assim veio a ser "o pai do Judaísmo". Ezequiel, é verdade, cria que a nova época exigia a expressão dos seus conceitos religiosos em forma concreta externa. A comunidade judia pós-exílica ainda precisava do Templo, dos sacerdotes e de sacrifícios. Duvidamos que tivesse sobrevivido sem eles. Como os profetas do século oitavo, Ezequiel estava interessado em uma vida justa (por exemplo, os caps. 3; 18; 33). Os regulamentos dos capítulos 40-48 são destinados a um povo regenerado (cons. caps. 33-37).

As interpretações da visão do templo basicamente aparecem sob duas categorias – a literal e a figurada. Damos abaixo um resumo das principais opiniões referentes à narrativa do templo na "Utopia política" ou "nomocracia" (o governo por meio de estatutos; de acordo com Joseph Salvador, citado em J. Clausner, *The Messianic Idea in Israel*, pág. 131) de Ezequiel nos capítulos 40-48.

1) Alguns defendem que é uma **descrição do Templo de Salomão**, preservada para que os exilados, ao retomar, pudessem reconstruir o seu santuário. Na realidade, as especificações para o Templo de Ezequiel eram diferentes e maiores do que as do Templo de Salomão.

2) Outros dizem que ela representa **um ideal elevado, um padrão geral para guiar os exilados**, que retomavam, na sua edificação. Toda a

seção é considerada como uma constituição para a teocracia pós-exílica. Mas em parte nenhuma dos livros pós-exílicos do V.T. há uma referência ao Templo de Ezequiel, nem há alguma indicação dele na obra de Zorobabel e Josué, Ageu e Zacarias (Esdras 3:8-13; 5:1, 2, 13-17; cons. 1:2-4; 6:14; Ageu 1:2, 7-15; 2:1-9; Zc. 6:9-15), ou Esdras (Esdras 7:10, 15, 16, 20, 27) e Neemias (8-9) que este fosse o tipo de templo que deviam edificar.

3) Alguns comentaristas judeus têm defendido que **o Rei Messias, na sua vinda, completará o Templo** e instituirá os detalhes do ritual.

4) Do mesmo modo há alguns cristãos que defendem que existirão **um Templo literal, sacrifícios e um sacerdócio durante o Milênio**, de acordo com as especificações apresentadas por Ezequiel.

Entre as sérias objeções a este ponto de vista, estas devem ser observadas:

a) A expiação de nosso Senhor Jesus Cristo anulou os sacrifícios do V.T. para sempre (Hb. 9:10-15; 10:1-4, 18).

b) O velho sistema era de natureza provisional, ao qual os crentes em Cristo não precisam reverter (Gl. 3:23-25; 4:3.9; 5:1; Cl. 2:16, 17; Hb. 10:11-14).

c) Todos os crentes, quer judeus ou gentios, são semente de Abraão. (Gl. 3:7, 16, 29), e membros do "Israel de Deus" (Gl. 6:16), um relacionamento baseado na fé, não na genealogia (Rm. 4:11, 14, 16; 8:17; 9:6-8). Cristo derrubou "a parede da separação" (Ef. 2:11-22), de modo que as diferenças judeu-grego, circuncisão-incircuncisão, escravo-livre, macho-fêmea já não têm nenhum mérito superior (Gl. 3:28; Cl. 3:11; Ef. 3:6; Rm. 2:28, 29).

d) O N.T. refere-se à Igreja como sendo o Novo Israel, no qual os adeptos do velho Israel podem participar aceitando Cristo (I Pedro 2:3-5, 8-10). As promessas feitas ao velho Israel se alargam para incluir a

Igreja universal (Atos 2:39; 10:43 e segs.; 13:26; 15:14-18; Rm. 15:9-12).

e) Não uma específica tribo ou família, mas todos os crentes são sacerdotes e têm acesso direto a Deus através do sangue de Cristo (veja Hb. 8:8-13, cumprindo Jr. 31:3-34; Lc. 22:20; Hb. 9:26; 10:4-10). É um culto espiritual, não ritual, que Deus reconhece (João 4:21-24; Atos 7:48-50).

f) Quando João emprega estes capítulos para descrever a Igreja de Cristo, ele remove os elementos especificamente judeus (Ap. 21:9 – 22:5). Insistir em uma explicação literal da visão não nos parece necessária. Rejeitar uma interpretação literal não impossibilita a defesa de uma doutrina milenista.

5) Ainda outros defendem que **o Templo de Ezequiel é uma figura representando os redimidos** de todas as idades adorando Deus nos céus. Contudo, muitos dos detalhes terrenos da visão, como, por exemplo, a oferta pelo pecado, negam a sugestão de que este seja um retrato da perfeita adoração nos céus.

6) O **ponto do vista simbólico típico**, ou, mais acertadamente, o alegórico, foi preferido pelos Pais da Igreja e pelos Reformadores. Eles descobriram no príncipe, nos sacerdotes, nas ofertas, nas medidas do templo, na corrente que brota do santuário, nas divisões tribais, etc., elementos descrevendo Cristo e as perfeições espirituais da Igreja através da dispensação do Evangelho. Esta opinião sofre da excentricidade do subjetivismo e rouba à passagem o significado para o tempo de Ezequiel.

7) Alguns vêem nela simplesmente **uma parábola profética**. Esses capítulos, dizem, apresentam grandes verdades espirituais em linguagem e pensamentos padrões de Ezequiel, o sacerdote. São caracterizados pela mesma minuciosidade de detalhes observada em suas visões (cap. 1),

alegorias (caps. 16-23), pregações (cap. 18) e previsões (caps. 26-28; 29-32), transmitindo assim o sentido da segurança divina.

Ezequiel e outros profetas concebiam o ideal da vida futura vivida no corpo, nesta terra (veja coment. sobre 18:4; cons. Is. 66:20; Jr. 33:17, 18). A verdadeira perfeição religiosa, eles ensinavam, só se pode atingir através da presença pessoal do Senhor entre o Seu povo (cons. 48:35b). Assim, para os contemporâneos de Ezequiel no exílio da Babilônia, e para as gerações futuras, a descrição do novo Templo, culto e terra trazia conforto e edificação.

A Igreja Cristã, através de toda a sua história, extrai desses capítulos, não detalhes minuciosamente alegóricos ou tipológicos de sua vida, mas o grande princípio geral da presença de Deus com o Seu povo e do poder frutificante do seu Santo Espírito. Eles apontam para a Igreja, especialmente em sua adaptação em Ap. 21 e 22, para a consumação que aguarda o povo de Deus na *parousia* (segunda vinda) do seu Filho, que tem preparado lugares de habitação para os seus na casa do Pai. Eles fazem a Igreja se lembrar de seu caráter peregrino neste mundo, enquanto aguarda os "novos céus e a nova terra onde habita a justiça" (II Pedro 3:13).

A visão de Ezequiel da comunidade restaurada abrange um novo Templo, ao qual a glória do Senhor retorna (caps. 40-43), um novo culto de adoração, com um ministério e sistema sacrificial ideais (caps. 44-46) e uma nova terra santa redividida entre as tribos sobre novos princípios (caps. 47 ; 48).

A. Um Novo Templo. 40:1 - 43:27.

A área do templo, conforme descrita por Ezequiel, consiste de três terraços, sendo que no mais elevado deles, que dá para o leste, fica o Templo com os seus anexos, o átrio do templo e um grande edifício diretamente por trás dele. No terraço do meio estão as cozinhas e dependências dos sacerdotes, o átrio contendo o altar dos holocaustos e os átrios internos com três pórticos elaborados. O terraço inferior,

rodeado por um muro externo, contém os átrios externos com três pórticos e as cozinhas e dependências para o povo.

1) O Plano do Novo Santuário, com seus Átrios e Quartos. 40:1 - 42:20.

Ezequiel 40

1-4. Introdução. O profeta é transportado em visão para o monte do templo, onde um guia celestial o conduz em uma visita ao Templo, começando pelo portão do átrio externo.

1. No ano vinte e cinco . . . no princípio do ano, no décimo dia do mês. Março/abril 572 (573) A.C.

2. Em visões. Cons. 8:3; 11:22-25. **Um monte muito alto.** O Monte Sião idealizado (cons. Sl. 48:2; Is. 2:2; Mq. 4:1; Zc. 14:10). Nas visões, o natural e o sobrenatural misturam-se livremente. O Templo parecia **como edifício (AV, estrutura) de cidade.**

3. Um homem cuja aparência era como a do bronze. Um personagem sobrenatural (cons. Ap. 21:10-27). Um cordel de linho, para tomar medidas longas. Uma cana de medir, para medidas mais curtas.

a) As Medidas dos Átrios. 40:5-47.

5-27. *O pátio externo e seus três portões.*

Um **muro** rodeava **toda a casa** (v. 5), com **uma cana** de espessura e uma cana de altura (v. 6), com três elaboradas **portas** ou portões no oriente (vs. 5-16), no norte (vs. 20-23) e no sul (vs. 24-27). **Sete degraus** levavam a esses portões (v. 6; LXX 22, 26) que davam para o terraço ou plataforma sobre a qual estava situada toda a área do templo (v. 18).

5-16. *O portão do oriente.*

5. O côvado hebraico tinha 17,58 polegadas ou 44,65 centímetros. O côvado mais longo tinha 52,31 centímetros e a com de Ezequiel tinha cerca de 3,16 metros.

6. A porta (*sha'ar*) do templo é de 50 côvados de comprimento (v. 15) e 25 côvados de largura (v. 13). Contém um **limiar** externo de 6

côvados de profundidade e 10 côvados de largura (vs. 6, 11) com três **câmaras**, saletas ou salas da guarda de cada lado, cada um com 6 côvados quadrados (v. 7), com janelas chanfradas (v. 16) e protegidas do lado do corredor por um gradil ou muro baixo de 1 côvado de espessura (v. 12); umbrais ou colunas de tijolos de 5 côvados quadrados entre as passagens com aberturas chanfradas e esculpidas com **palmeiras** em relevo (v. 16); um **limiar** interno de 6 côvados de profundidade (v. 7); um **vestíbulo** ou *varanda* de 20 côvados por 8 côvados na extremidade interna da passagem, com janelas chanfradas (vs. 8, 16); e **pilares** ou colunas de 2 côvados de espessura (v. 9).

17-19. *As trinta câmaras no pátio externo.* Atravessando o portão oriental, Ezequiel e seu guia entraram no átrio exterior, situado sobre o pavimento ou terraço inferior (v. 17). Dispostas em redor do átrio há trinta curaras (para uso do povo e dos levitas que adoram no átrio exterior) defronte deste pavimento, talvez dez a leste, ao norte e ao sul, cinco de cada lado da passagem. O pavimento é de cinqüenta côvados de largura, a pardo comprimento das portas externas (v.18, 15). Os quatro cantos abrigam as cozinhas do povo (46:21-24).

19. **Desde a dianteira da porta** exterior até a margem externa do **átrio interior** são **cem côvados**.

20-27. *Os portões do norte e do sul.* Os detalhes para os portões do norte o do sul correspondem aos do portão oriental, com a menção específica dos **sete degraus** que dão para a plataforma (vi. 22, 26).

28-47. *O átrio interno e seus três portões.* O **átrio interior** está localizado 100 côvados adentro dos portões externos (v. 19) sobre uma plataforma de oito degraus mais alta que a do átrio externo (vs. 31, 34, 37). Entra-se nele por meio de portões ao sul (vs. 28-31), a leste (vs. 32-34) e ao norte (vs. 35.37). No vestíbulo da passagem oriental há dispositivos para a manipulação dos sacrifícios (vs. 38-43). Nos lados orientais das passagens internas ao norte e ao sul há câmaras para os sacerdotes responsáveis pelo cuidado das dependências do templo e do altar (vs. 44-46). Dentro do átrio interno está o átrio do altar (v. 47), um

quadrado de 100 côvados de lado, situado a leste do Templo, no centro do qual está o altar dos holocaustos (43:13-27). As cozinhas e quartos dos sacerdotes estão situados no extremo oeste do átrio interno (42 : 1.14). O Templo propriamente dito está sobre uma plataforma de dez degraus mais alta que o átrio interno (v. 49).

28-31. *O portão sul do átrio interno.*

28. Do portão sul do átrio externo (vs. 24-27), Ezequiel é levado para o **átrio interior** através de sua **porta do sul**. Os portões do átrio interno correspondem às do átrio externo em todos os aspectos com exceção de seus vestíbulos que ficam no extremo exterior da passagem, perto do átrio externo (vs. 31, 34, 37).

31. Oito degraus levavam do pavimento inferior para o terraço que sustentava o átrio interior.

32-37. *Os portões interiores a leste e ao norte.* Esses portões são parecidos em descrição ao portão do sul.

38-43. *O vestíbulo do portão oriental interior e os dispositivos para o sacrifício.*

38. Uma **câmara** construída dentro do **vestíbulo** da porta oriental (cons. vs. 40, 44. 43:17b; 46:2 e segs.), onde os sacerdotes e levitas em exercício lavariam os holocaustos.

39. No vestíbulo da porta havia duas mesas do cada lado, sobre as quais se preparava a carne para o **holocausto** (*'olâ*; Lev. 1, "aquilo que sobe", um animal ou ave totalmente consumidos sobre o altar simbolizando a submissão total do ofertante a Deus), **a oferta pelo pecado** (*hatta't*; Lv. 4:1 – 6:13, em expiação do pecado) e a oferta **pela culpa** (*'asham*; Lv. 5:14 - 6:7), na qual se faz a restituição.

40. Da banda de fora da subida para a entrada da porta do norte (Cook, ICC) estão mais quatro mesas, totalizando as **oito mesas** (v. 41) para os sacrifícios mencionados no versículo 39.

42. Há também quatro mesas, ou pedestais, de **pedras lavradas** sobre as quais **se punham os instrumentos com que imolavam o holocausto.**

43. Ganchos ou cavilhas **estavam fixados** na parede externa do vestíbulo sobre os quais se colocava as carcaças dos animais antes de esfolá-las.

44-46. *As câmaras dos sacerdotes nos lados orientais dos portões do norte e do sul.*

44. Há duas câmaras . . . no átrio de dentro, uma (v. 45) para o lado oriental **da porta do norte e olhava para o sul, para os sacerdotes** (levitas, 44:10-14) **que têm a guarda do templo** e a outra no lado leste da porta do sul, de frente para o norte **para os sacerdotes que têm a guarda do altar** (v. 46). Os sacerdotes zadoquitas.

47. *As medidas do átrio do altar.* Dentro do átrio interno está o átrio do altar, um quadrado de 100 côvados de lado diante (isto é, a leste) do templo, no qual fica o altar dos holocaustos.

b) As Medidas do Templo Propriamente Dito e seus Arredores. **40:48 – 41:26.**

O templo do século oitavo em Tell Tainat na Síria e o recentemente escavado templo cananita em Hazor tinham uma divisão tripla de vestíbulo, nave e recinto interior, parecido com a disposição dos planos das estruturas de Salomão e Ezequiel. O Templo de Ezequiel ficava sobre uma terceira plataforma, dez degraus mais alta que o átrio interno (v. 49). Consiste de três partes, o vestíbulo (vs. 48, 49), a nave (41:1, 2) e o Lugar Santíssimo (41:3, 4). Um anexo de câmaras laterais limita-se com os três lados do Templo (vs. 5-11) e por trás dele há um grande prédio (v. 12). São dadas as dimensões do Templo (vs, 13-15a) e uma pequena descrição do seu interior (15b-26).

48, 49. *O vestíbulo ou alpendre ('ûlam).*

O **vestíbulo** (cons. I Reis 6:3) é de 20 côvados de largura do norte para o sul e 12 côvados de profundidade do leste para o oeste. Sua **entrada**, de 14 côvados de largura, trilha uma **parede lateral** de 5 côvados de cada lado. Além dos **umbrais** de 5 côvados de espessura

havia duas **colunas** (cons. I Reis 7:15-22, onde são chamadas de Jaquim e Boaz).

Ezequiel 41

41:1, 2. *A nave ou Lugar Santo (hêkal).* A nave é de 40 côvados de comprimento de leste a oeste e de 20 côvados de largura de norte a sul. Sua **entrada** é de 10 côvados de largura com **paredes laterais** de 5 côvados de largura de cada lado e **umbrais** de 6 côvados de espessura (cons. I Reis 6:5).

3, 4. *O lugar santíssimo.* Ou *recinto interno (qodesh haqqodashîm).* O anjo sozinho entrou no *recinto interno*, ou **Santo dos Santos**, além da nave, que tinha 20 côvados por 20. Sua entrada, paredes laterais e umbrais medem 6, 7 e 2 côvados respectivamente (cons. I Reis 6:16; 7:50; 8:6).

5-11. *As câmaras laterais do anexo.* **Por todo o redor** das três paredes do Templo havia câmaras laterais para fins de armazenagem em 3 andares, 30 em cada andar (v. 6; cons. I Reis 6:5-10). **A grossura da parede das câmaras laterais** era de 5 côvados de espessura (v. 9), e a fileira inferior de câmaras era de 4 côvados de largura (v. 5), cada andar ficando mais largo, **correspondendo às reentrâncias do templo de andar em andar ao redor** (v. 7). Com base no Templo de Salomão (I Reis 6:6), as paredes do templo tinham provavelmente 6 côvados de espessura no primeiro andar, com uma câmara de 4 côvados de largura (v. 5), 5 côvados de espessura no segundo andar, dando lugar a uma câmara de cinco côvados e 4 côvados de espessura no terceiro andar com uma câmara de seis côvados. Escadas, possivelmente em caracol, ligavam os andares (v. 7; cons. I Reis 6:6). Tanto o Templo como o bloco lateral estavam sobre uma plataforma de 6 côvados de altura (v. 8), os dez degraus de 40:49 e 5 côvados de largura (v. 9), que davam acesso às câmaras laterais do norte e do sul (v. 11). Esta, por sua vez, estava rodeada por um pátio ou *lugar separado* de 20 côvados de largura (vs. 10, 12).

12. *O edifício (binan) por trás do Templo.* O propósito do edifício grande (90 X 40 côvados, com paredes de 5 côvados de espessura) por trás ou a oeste do Templo, de frente para o átrio do templo ("lugar separado", *gizrâ*, 41:12-15; 42:1, 10, 13), não está explicado. É chamado de *parwarim* em II Reis 23:11, onde os reis guardavam os cavalos consagrados ao sol, e *parbar* em I Cr. 26:18.

13-15a. *As medidas do Templo.* O Templo do leste a oeste é de 100 côvados de comprimento (v. 13; umbrais do vestíbulo, 5 côvados, vestíbulo, 12; umbrais da nave, 6; nave, 40; umbrais do Santíssimo, 2; o Santíssimo, 20; paredes, 6; câmaras laterais, 4; paredes externas do edifício lateral, 5 = 100). **Assim mediu o templo cem côvados de comprimento**, de norte ao sul, incluindo o pátio (v. 14; largura do Templo, 20; parede lateral 6 + 6; câmaras laterais, 4 + 4 e suas paredes, 5+5; plataforma elevada, 5+5; pátio, 20 + 20 = 100). O pátio e o edifício ocidental com suas paredes era de 100 côvados de comprimento de leste a oeste (vs. 12,13). O comprimento do edifício ocidental de norte a sul, mais suas paredes era de 100 côvados. Havia portanto três quadrados adjacentes de 100 côvados: o pátio do altar (40:47); o Templo e os pátios do norte e do sul; e o edifício ocidental com seu pátio diante dele.

15a-26. *Descrição do interior do Templo.* As três partes do Templo – nave, sala interior e vestíbulo externo (15b) são revestidos e guarnecidos com madeira (ou "*sehîp*"; Ak. palavra emprestada para indicar preciosa madeira negra; cons. G.R. Driver, "Notes on Hebrew Lexicography", JNT 23 (1922), 409), **desde o chão até as janelas** (v.16). As janelas com molduras em nicho (cons. 40:16) eram cobertas ou esculpidas (v. 16). As paredes da sala interna e da nave eram esculpidas com figuras de querubins com dois rostos alternando com palmeiras (vs. 17, 18). **Um rosto de homem e um rosto de leãozinho** olhavam para as palmeiras de ambos os lados (cons. 1:6; 10:14, 21; I Reis 6:29 e segs.).

As ombreiras do templo eram quadradas. À entrada do Santo dos Santos (RSV; isto é, Lugar Santíssimo), há uma mesa de madeira

parecida com um altar de 3 X 2 X 2 côvados, possivelmente para os pães da propiciação (v. 22; cons. Êx. 25:23 e segs.; Lv. 24:5-9). **O templo e o Santíssimo** tinham cada um uma porta dupla (v. 23), com duas folhas de vai-e-vem para cada porta (v. 24), sobre as quais se encontram esculpidas **querubins e palmeiras** (v. 25). Um dossel ou cornija de madeira se encontra sobre o lado de fora do vestíbulo.

Ezequiel 42

c) Outros Edifícios no Pátio Interno. 42:1-20.

1-14. *As câmaras dos sacerdotes.* Os edifícios contendo as câmaras dos sacerdotes estão localizados, ao que parece, no extremo ocidental do pátio interno, entre os pátios norte e sul do templo (vs. 1, 10; cons. 41:10, 12) e na extremidade interna do pátio externo (v. 3). As câmaras do norte são descritas pormenorizadamente (vs. 1-10a) e as do sul lhes correspondem (vs. 10b-12). Os detalhes são obscuros e o texto é corrompido. Aparentemente há duas estruturas, uma correndo paralela ao pátio do templo, 100 X 20 côvados (v. 2), com uma passagem do lado de 10 côvados de largura (v. 4), do outro lado da qual, dando para o pátio externo, fica a segunda estrutura, 50 X 20 côvados (v. 8). As duas estruturas mais a passagem perfazem uma largura total de 50 côvados (v. 2). As câmaras dentro dessas estruturas podem ser arranjadas em três andares (v. 6) ou em três fileiras sobre terraços descendo para o pátio externo. Em algum lugar da extremidade oriental da série mais curta das câmaras fica uma entrada, dando acesso a um lance de dez degraus (40:49) do pátio externo para as câmaras dos sacerdotes (v. 9).

13, 14. *O uso dessas câmaras pelos sacerdotes.* As câmaras serão usadas pelos sacerdotes para comer as ofertas sagradas, para depositá-las até serem assadas nas cozinhas (cons. 44:29; 46:20), e para guardar as roupas sacerdotais quando os sacerdotes não se encontram no cumprimento do dever (cons. 44:19; 46:20). A seção das cozinhas dos sacerdotes (46:19-24) talvez façam pane delas.

15-20. *As medidas gerais da área do templo.* A área total do templo é um quadrado de 500 côvados de cada lado (v. 20; 45:2), não um quadrado de 500 canas, o que totalizaria 3.000 côvados (cons. Ap. 21:13). O propósito da parede ao redor é o de fazer uma **separação entre o santo e o profano** (v. 20).

Ezequiel 43

2) A Volta do Senhor à Casa Preparada para Ele. 43:1-12.

Cerca de dezoito anos e meio antes, Ezequiel tivera uma visão da partida da glória do Senhor do Templo (10:19; 11:22, 23). Agora que todas as coisas estavam prontas, ele via o retorno da glória (Vs. 1-5). O Senhor entronizado diz que o Templo é O Seu trono e instrui o profeta a ensinar o povo os regulamentos do templo (vs. 6-12).

a) A Volta do Senhor. 43:1-5.

1. À porta que olha para o oriente o profeta viu a manifestação visível da presença do Senhor do modo pelo qual a vira quando Ele viera **destruir a cidade** (v. 3; cons. caps. 8-11) e em sua visão inaugural junto ao rio Quebar (1:28; 3:12, 23).

4. A glória do SENHOR entrou pelo portão oriental e o Espírito o levantou (v. 5; cons. 2:2; 3:12-14; 8:3) e o levou ao átrio interior. O profeta não consegue atravessar o portão oriental depois que o Senhor passa por ele (cons. 44:2). Quanto à glória do Senhor enchendo o Tabernáculo e o Templo, veja Êx. 40:34, 35; I Reis 8:11.

b) A Exortação de Deus a Israel de dentro do Santuário Interno. 43:6-12.

O Senhor (não o homem ao seu lado, v. 6) fala a Israel através de Ezequiel relativamente à santidade do Templo (vs. 7-9). Sua exortação forma uma conclusão aos capítulos 40-42; e os regulamentos do templo (vs. 10-12) formam uma introdução ao capítulo 44 e os capítulos seguintes.

7. O Templo de Jerusalém está aqui representado como o trono de Deus (veja também Jr. 3:17; 14:21; 17:12. Quanto ao céu como o **trono** de Deus, veja Is. 66:1; Sl. 2:4; 11:4; Mt. 5:34; 23:22). Ezequiel descreve o céu descendo à terra (cons. 37:26-28). **Prostituições** do templo (II Reis 23:7); ou idolatria (cap. 8). **Cadáveres dos seus reis.** Os sepulcros reais ficavam na mesma elevação do Templo, separadas deles apenas por uma parede (II Reis 21:18, 26).

8. Anteriormente o Templo e o palácio eram contíguos (I Reis 7:8; II Reis 20:4, corrigido). **Limiar e ombreira** talvez se refiram às sepulturas dos reis com feitiço de casas (Is. 14:18; Jó 17:13).

Os versículos 10-27 constituem o *haphtarah* da Sinagoga para o Êx. 27:20 – 30:10.

10. Cons. 40:4; 44:5.

12. A lei do templo está declarada nos capítulos 40-42. Toda a área do templo sobre o cume do monte foi declarada santíssimo (41:4; 45:3; 48:12).

3) O Altar das Ofertas Queimadas e Sua Consagração. 43:13-27.

a) A Descrição do Altar. 43:13-17.

Compare os diversos altares: no Tabernáculo (Êx. 27:1-8), no Templo de Salomão (II Cr. 4:1); no Templo de Zorobabel (Esdras 3:2, 3; I Mac. 4:47); no Templo de Herodes (Mishna *Middoth* IV, 1a, 3b, 4. Josefos *Wars* V. 5, 6; *Letter of Aristeas*, 87).

13. O altar das ofertas queimadas (cons. 40:47), feito de material não especificado, possivelmente pedra, consistia de quatro barras transversais quadradas, diminuindo em tamanho, colocadas umas sobre as outras. A base era de 18 X 18 côvados e um côvado de altura, com uma margem externa de meio côvado de altura, provavelmente como uma calha para o sangue do sacrifício.

14. Sobre esta descansava a barra mais baixa de 2 côvados de altura e 16 X 16 côvados de largura. Logo a seguir vinha a barra superior e

mais alta, de 4 côvados de altura e 12 X 12 de lado, com chifres de um côvado de altura, saindo dos quatro cantos. O nome *har'el* (v. 15), ou *'ariel*, tem afinidade com o acadiano *arallû* "submundo", ou com a "montanha dos deuses" (Albright, *Arch. and the Religion of Israel*, págs. 150-152), e seu desenho é reminiscência do zigurate da Babilônia (Nielson, *Journal of the Palestine Oriental Society*, 13 (1933), 203 e segs.). Sua altura total, incluindo os chifres, era de 12 côvados. Degraus no lado oriental levavam o sacerdote oficiante a olhar para o Templo e não para o sol (cons. 8:16; Êx. 20:26).

b) A Consagração do Altar. 45:18-27.

O altar era consagrado com a aplicação do sangue da oferta pelo pecado durante sete dias sobre os quatro chifres, nos quatro cantos da barra superior, e sobre a beirada da base, para *limpar* (*hitte*, remover o pecado, "despeçar", pela aplicação do sangue sacrificial sobre o objeto), e para *purgar* (*kipper*, "expiar por um ato ritual"), (v. 20; cons. Êx. 29:12; Lv. 8:15). Por causa dos objetos usados no culto entrarem em contato com a corrupção do homem pecador, o sangue, como a sede da vida, era aplicado sobre eles para remover a impureza e transmitir santidade (cons. Lv. 16:15-20). A oferta pelo pecado no primeiro dia era um **novilho** (v. 19) e nos dias seguintes da semana um **bode** (vs. 22, 25). Seguindo a oferta diária pelo pecado, um novilho e um carneiro aspergidos com sal eram oferecidos como oferta queimada (23, 24). O sal, originalmente acrescentado às ofertas de cereais (Lv. 2:13) e ao incenso (Êx. 30:35), foi mais tarde também colocado sobre as ofertas queimadas (Mc. 9:49; Jos. Antiq. III. 9. 1).

26. E assim o consagrarão. Literalmente, *encherão a sua mão*, isto é, conferirão dignidade, e serão investidos do seu ofício (cons. Êx. 28:41; Lv. 16:32; I Cr. 29:5).

27. Ao oitavo dia, dali em diante, as ofertas queimadas e ofertas pacíficas regulares (*shelem*, Lv. 3, significando paz e comunhão com

Deus; também incluíam ação de graças, votos e ofertas voluntárias, Lv. 7:12, 16a, 16b) podiam ser oferecidas sobre ele.

B. Um Novo Culto de Adoração. 44:1 – 46:24.

As ordenanças seguintes tratam de: 1) quem podia ministrar no Templo (cap. 44); 2) as rendas dos sacerdotes, dos levitas e do príncipe, e as obrigações do príncipe para com o Templo (45:1-17); e 3) as ofertas festivas e diárias no Templo, e as ofertas especiais do príncipe (45:18 - 46:24).

Ezequiel 44

1) Aqueles que Podiam Ministrar no Templo. 44:1-31 .

a) O Portão Oriental Externo é Fechado. 44:1-3.

Ezequiel, levado pelo anjo até o portão oriental externo (v. 1), é informado de que o portão permanecerá fechado depois que o Senhor entrar por ele, para que a passagem de um modal não o contamine (v. 2). A "Porta do Ouro" no muro oriental da Velha Jerusalém encontra-se atualmente murada. O muro foi construído pelo sultão otomano, Suleiman, o Magnífico, em 1542. Ele mandou fechar a porta para evitar a comemoração dos festivais da "recuperação da Santa Cruz". O **príncipe** não podia passar pelo portão mas tinha permissão de comer da refeição sacrificial em seu vestíbulo (v. 3; cons. Jr. 30:21).

b) Restrições sobre o Serviço no Templo. 44:4-14.

4. A glória do Senhor. Cons. 43:3.

5. Cons. 40:4.

7. Porquanto introduzistes estrangeiros . . . no meu santuário.

Escravos estrangeiros ou prisioneiros de guerra trinam até então ajudado na oferta dos sacrifícios e realizado tarefas de menor importância (Dt. 29:11; Js. 9:23, 27; I Sm. 2:13; Zc. 14:21; Ed. 8:20; 2:43-54).

9. Estrangeiros ficavam agora excluídos por serem espiritual e fisicamente impróprios (cons. Nm. 3:10; 16:40; Ageu 2:14; Esdras 4:3; Ne. 13:7-9, 30). O Templo Herodiano continha letreiros no átrio externo, advertindo os que não eram judeus, a que não transpassassem os limites sob pena de morte (Josefos *Wars* V. 5.2; J.E. XII. 85).

10. Os levitas (cons. 48:11, ou Israel, v.15; 14:11), que se desviando afastaram o povo (v. 12; Jz. 17:7-13; 18:18, 19; 30; Dt. 33:8-11), seriam rebaixados de posto. Eles passariam a guardas dos portões (com. 40:7), ajudariam o povo no átrio externo e matariam seus sacrifícios e assariam os mesmos (v. 11; cons. 46:24; Nm. 3:5 - 4:33).

c) Regulamentos para os Sacerdotes Zadoquitas. 44:15-31 .

15. Os sacerdotes levíticos, os filhos de Zadoque, eram descendentes de Zadoque, um contemporâneo de Davi e Salomão (II Sm. 8:17; 15:24-29; 20:25; I Reis 2:27, 35) e Arão através de Eleazar (I Cr. 6:50-53).

16. Os fiéis sacerdotes ministrarão diante de Deus. **Eles se chegarão à minha mesa.** Cons. Ml. 1:7,12. **Para me servirem.** Cons. 40:45, 46.

17-19. Estes versículos descrevem suas roupas (cons. Lv. 13:47, 48; Jr. 13:1; Heródoto ii. 37). Eles deviam retirar suas roupas de linho antes de sair, **para que com as suas vestes não santifiquem o povo**, uma santidade ritual que temporariamente desqualificava as pessoas para as obrigações quotidianas (cons. Lv. 6:18, 27; Êx. 29:37; 30:29; Ageu 2:10-12).

20, 21. Sobre o cortar os cabelos, veja Lv. 21:5; 10:6; 21:10. Sobre o beber vinho durante o exercício de suas obrigações, veja Lv. 10:9; Os. 4:11; Pv. 20:1 (Cons. Jos. Antiq. III. 12. 2).

22. Não se casarão. Cons. Lv. 21:7, 13, 14.

23, 24. A meu povo ensinarão. Esses versículos apresentam as obrigações dos sacerdotes para com o povo: instrução cerimonial (cons. 22:26; Lv. 10:10; Ageu 2:11; Ml. 2:7); orientação para administração da

justiça (Dt. 17:8-13; 33:10; I Sm. 4:18; 7:1 5; Os. 4:6); **as minhas leis e os meus estatutos** (cons. 5:6; Lv. 26:46); orientação para a guarda dos **sábados** (cons. 20:12).

25-27. Não se aproximarão de nenhuma pessoa morta. Regulamento para o necessário contato dos sacerdotes com as pessoas mortas. Eles não podiam pôr luto a não ser pelos parentes consangüíneos mais achegados (cons. Lv. 21:1-3, 11; Nm. 19:14 e segs.).

26. Depois de ser ele purificado. Cons. Nm. 19:14-19.

27. Apresentará. Cons. Lv. 4:3.

28-31. Nestes versículos providencia-se pela manutenção dos sacerdotes. Eles viveriam das ofertas, das coisas dedicadas ao Senhor (Nm. 18:14 e segs.; Lv. 28:28, 29), das primícias (Nm. 8:13; Dt. 18:4), das contribuições (*terûmâ*; cons. 20:40), talvez dos dízimos (Nm. 15:19; 18:19).

30b. Bênção. Cons. Ml. 3:10.

31. Que de si mesma haja morrido. Cons. 4:14; Lv. 22:8.

Ezequiel 45

2) As Porções da Terra para os Sacerdotes, os Levitas e o Príncipe. 45:1-17.

a) Território Sagrado do Templo e Seus Arredores. 45:1-8.

O Templo de Ezequiel, além de se encontrar em um alto monte (40:2) e de ter átrios murados (caps. 40-42) e além de ser protegido pelas medidas de precaução de 44:4 e segs., ainda era protegido de profanação estando localizado no meio de território sagrado rodeado pelas dependências dos sacerdotes (48:8-22). Uma porção (*terûmâ*, "parte elevada ou separada do todo") da terra santa em toda a sua extensão (v. 1).

A área consiste de três tiras paralelas, indo de leste a oeste, formando um quadrado de 25.000 X 25.000 côvados. A tira do meio, de 25.000 x 10.000 côvados, era separada para os sacerdotes e suas casas (vs. 3, 4). No meio dela um quadrado de 500 x 500 côvados para o

santuário era rodeado por um espaço aberto de 50 côvados de todos os lados (vs. 1, 2). Ao norte dele ficava a área dos levitas e suas cidades, 25.000 X 10.000 côvados (v. 5, LXX; Nm. 32:5; Js. 14:4). Ao sul ficava uma seção de 25.000 X 5.000 côvados, no centro do qual ficava um quadrado de 5.000 côvados de lado para a cidade santa, com campos cultivados de ambos os lados (cons. 48:15-20), propriedade de todas as tribos (v. 6). De ambos os lados desta porção santa ficava a porção de terra designada para o príncipe, 25.000 côvados de largura, que se estendia desde o termo ocidental até ao termo oriental da terra (vs. 7, 8). Em contraste com os maus pastores do passado, os seus **príncipes nunca mais oprimirão o . . . povo** (cons. 22:25; 34:1 e segs.).

b) Obrigações dos Príncipes. 45:9-12.

Os príncipes do futuro reino deviam afastar a dolência (Amós 3:6; Jr. 6:7) executar a justiça (Jr. 22:3, 15; 23:5) e acabar com os desapossamentos (v. 9; cons. 46:18; I Sm. 8:14; Is. 5:8; I Reis 21:9). Não devia haver um reavivamento da monarquia com o poder e a pompa de antigamente. A principal função do príncipe era providenciar as ofertas. Através dele a unidade da nação se expressa em sua adoração (45:6, 17, 21-25; 46:1-12). Ele não tinha poder sacerdotal nem autocrático. O Senhor é o verdadeiro proprietário da terra. O príncipe devia estabelecer um sistema de medidas (vs. 10, 11) e pesos (v. 12; cons. G.A. Barrois, "Chronology, Metrology, etc. , of the Bible", IB, 1, 142.164) carreto.

c) As Ofertas do Povo ao Príncipe e as Ofertas do Príncipe ao Templo. 45:13-17.

O povo devia fazer ofertas específicas de suas colheitas (v. 13), azeite (v. 14) e ovelhas (v.15) para o príncipe (v.16), que por sua vez forneceria as diversas ofertas para as **festas, luas novas, sábados e todas as festas fixas**, a fim de se fazer expiação por Israel (v. 17).

Os capítulos 45:16 – 46:18 é o *haphtarah* para Êx. 12:1-20.

3) As Ofertas para as Diversas Estações Sagradas. 45:18 - 46:24.**a) Ofertas nas Festas. 45:18-25.**

18-20. *Purificação semi-anual do Templo.* O santuário devia ser purificado semi-anualmente por meio do sangue da oferta do pecado no primeiro dia do primeiro mês, março-abril (vs. 18, 19) e através de ritos similares "no sétimo mês" (set./out.) "no primeiro dia do mês" (v. 21, LXX) **assim expiarás o templo.**

21-25. *Ofertas na Festa da Páscoa e Festa dos Tabernáculos.* Durante a **páscoa** na primavera (cons. Êx. 12:6; Dt. 16:1) e os sete dias dos *pães asmos* (cons. Êx. 13:6, 7; Dt. 16:8), o **príncipe** devia fornecer **por si e por todo o povo** a devida oferta pelo pecado, um holocausto e a oferta de manjares (vs. 21, 24). No **sétimo mês**, ele devia providenciar ofertas semelhantes para a festa das cabanas ou *sukkoth*, o grande festival da colheita (cons. Êx. 23:16; 34:22; Dt. 16:13 e segs.).

Ezequiel 46**b) Ofertas nos Sábados e Luas Novas. 46:1-12.**

1-5. Sábados. O portão oriental do átrio interno, fechado durante os seis dias de trabalho, devia ser aberto no sábado (v. 1). O príncipe entraria por ali e adoraria no seu limiar, onde poderia ver os sacrifícios sobre o altar (v. 2). Do lado de fora do portão, o povo adoraria, vendo através dele (v. 3). O príncipe forneceria o holocausto, a oferta de manjares e as ofertas voluntárias (vs. 4, 5; cons. Nm. 28:11-15).

6-8. Lua Nova. Ofertas semelhantes deviam ser fornecidas pelo príncipe para as luas novas.

8. Ele **entrará pelo vestíbulo . . . e sairá pelo mesmo caminho.** Isto é, sem colocar o pé no átrio interior.

9, 10. Quando vier o povo da terra. Para evitar confusão, o povo vindo às festas entraria por um portão e sairia pelo outro. O príncipe adoraria com o povo como se fosse igual.

11. Nas solenidades e nas festas fixas, a oferta de manjares devia acompanhar o holocausto, como nos sábados.

12. As ofertas **voluntárias** deviam ser preparadas pela comunidade. Sobre a contínua oferta queimada (*tamid*), veja Êx. 29:42; Nm. 28, 29; Dt. 8:11-13.

c) O Príncipe e Suas Propriedades Fundiárias. 46:16-18.

Estes versículos suplementam 45:8, 9. **Quando o príncipe der** qualquer propriedade em terras a seus filhos, ficará sendo deles (v. 16). Se ele der terras a seu servo, **será deste até ao ano da liberdade** (v. 17), provavelmente o Ano do Jubileu, cada décimo quinto ano (cons. Lv. 25:10; Jr. 34:14; Is. 61:1). O príncipe não deveria desapossar o povo de suas propriedades (v. 18; cons. 45:8, 9).

d) Cozinhas para as Refeições Sacrificiais. 46:19-24.

As cozinhas para os sacerdotes (vs. 19, 20) ficavam no extremo oeste das câmaras sacerdotais, descritas em 42:1-14). **Para (não) santificarem o povo.** Veja 44:19.

21-24. As cozinhas para cozimento das refeições sacrificiais do povo ficavam localizadas nos quatro cantos do átrio externo. Em cada um deles havia pátios ou cercados menores, de 40 X 30 côvados de tamanho, para abrigar as cozinhas, onde os levitas (44:10-14) serviam o povo.

O circuito dos prédios do templo está agora completo, e introduz-se um novo tópico.

C. Uma Nova Terra Santa. 47:1 – 48:35.

Depois de uma descrição da corrente que dá vida à terra (47:1-12), indica-se os limites da terra (47:13-23) e a disposição das tribos dentro dela (48:1-35).

Ezequiel 47

1) A Torrente que Proporciona Vida e Sai do Templo. 47:1-12.

O profeta é levado do átrio externo (46:21) ao vestíbulo do Templo (40:48, 49). Ali ele vê uma torrente brotando de sob a soleira do Templo, vinda do leste, passando ao sul do altar (v. 1) e ao sul do portão oriental externo (v. 2). A 1.000 côvados do portão, as águas já davam pelos artelhos (v. 3), mas aos 4.000 côvados já tinham se transformado em um **rio** (*nahal*), bastante profundo para se nadar nele (vs. 4, 5).

Ao longo das margens do rio cresciam **árvores** sempre verdes (v. 7) que davam **novos frutos** todos os meses e cujas folhas serviam **de remédio** (v. 12). As águas desciam para o Arabá, a depressão do Vale do Jordão que vai até o Golfo de Ácaba, transformando-o, **e entram no Mar Morto, cujas águas ficarão saudáveis** (v. 8) e cheias de vida (v. 9), tal como o Mar Mediterrâneo (v. 10). **Junto a ele se acharão pescadores** (junto ao Mar Morto), **desde En-Gedi** (*fonte do cabrito*, no meio da praia ocidental do Mar Morto, um oásis de fertilidade por causa de suas abundantes águas; Cons. Cantares 1:14) **até En-Eglaim** (v. 10); "fonte dos dois bezerros"?), possivelmente perto da atual Ain Feshka, cerca de 3,2 quilômetros ao sul de Khirbet Qumran, onde se encontraram os Códices do Mar Morto. **Os seus charcos . . . não serão feitos saudáveis**, isto é, continuarão salgados (v. 11). A transformação da terra será devida à presença de Deus (cons. 34:26-30; 36:8-15, 30-36; 37:26-28).

Observe a influência desta visão sobre os outros escritores: Joel 3:18; Zc. 13:1; 14:8; João 4:14; 7:37, 38; Ap. 22:1, 2; também Sir. 24:34, 35; Enoque 26:2, 3. Para o crente cristão, ela fala de vida, cura, paz e prosperidade, tudo ao seu alcance através do Espírito Santo.

2) Os Limites da Terra. 47:13-23.

Compare Nm. 34:1-12, onde as fronteiras do norte ao sul medem cerca de 448 quilômetros. A nova terra seria dividida igualmente entre as doze tribos (vs. 13, 14).

14-17. Os limites do norte: desde o Mar Grande (o Mediterrâneo) **caminho de Hetlom** (Heitela, 9, 60 quilômetros ao norte de Trípoli, ou Adlun, entre Zarepta e Tiro) **até** (a entrada de, LXX) **Hamate** sobre o Orontes (184 quilômetros ao norte de Damasco, Amós 6:2) **até Zedade** (Sadad, a sudoeste de Homs), **Berota** (pertencente a Zoba, II Sm. 8:8; ou Beraitan perto de Baalbeque), **Sibraim** (Zifrom, entre Hamate e Homs, Nm. 34:9) até **Hazer-Haticom** (Hazer central = Hazer-enam?) que está junto ao termo de **Haurã** (a leste do Jordão, sul de Damasco).

18. Os limites orientais. Cons. Nm. 34:10-12. RSV.: Desde *Hazer-Enom*, ao longo do Jordão, *até ao mar do oriente* (o Mar Morto), até Tamar (talvez Kurnub, 40 quilômetros a sudoeste do extremo do Mar Morto; cons. I Reis 9:17).

19. Os limites ao sul. Desde Tamar até às águas de Meribá-Cades (Cades-Barnéia; Nm. 27:14; Js. 10:41; etc., geralmente identificada com 'Ain Qadeis, cerca de 80 quilômetros ao sul de Berseba) **junto ao ribeiro do Egito** (Nm. 34:5; o Wadi el-arish) **até ao Mar Grande.**

20. Os limites ocidentais: Do Mar Mediterrâneo até um ponto oposto à entrada de **Hamate** (provavelmente ao extremo norte da planície el *Biqâ*, entre o Líbano e Anti-Líbano).

As terras a leste do Jordão estão excluídas.

21-23. Segundo as tribos. Os estrangeiros que morassem entre as tribos deviam receber a sua herança na tribo em que morar.

Ezequiel 48

3) A Disposição das Tribos na Terra. 48:1-35.

a) Sete Tribos ao Norte da Porção Sagrada. 48:1-7.

Sete tribos – Dã, Aser, Naftali, Manassés, Efraim, Rúben e Judá – receberiam tiras de terra de leste a oeste a partir das fronteiras ao norte até a terra da Porção Sagrada. As dificuldades físicas e topográficas são ignoradas.

b) A Porção Sagrada. 48:8-22.

Quanto a uma descrição paralela veja 45:1-8a. Uma tira de terra de 25.000 côvados de largura que ia da fronteira oriental à ocidental da terra foi separada para uso sagrado. No centro dela ficava o distrito santo (vs. 8, 9, 20; cons. 45:1, 2).

10-12. *A porção do sacerdote.* Cons. 45:3, 4.

13, 14. *A porção dos levitas.* Cons. 45:5.

15-20. *A porção da cidade.* Com. 45:6. No meio da terceira tira da porção sagrada, de 25.000 X 5.000 côvados, ficava a cidade (v.15), um quadrado de 4.500 côvados de cada lado (v. 16), rodeada por uma tira larga de 250 côvados de arredores (E.R.C., arrabaldes; v. 17). Os 10.000 côvados de terra de cada lado da cidade tinham propósitos de agricultura, cujo produto será para os operários e lavradores (v.18). Os membros de todas as tribos tinham de trabalhar nela (v. 19).

21, 22. *A porção do príncipe.* O que restar será para o príncipe. Cons. 45:7, 8a. Seu território está limitado por Judá ao norte e Benjamim ao sul.

c) As Cinco Tribos ao Sul da Porção Sagrada. 48:23-29.

Benjamim, Simeão, Issacar, Zebulom e Gade receberiam seções de terra de leste a oeste, a partir da área do templo até as fronteiras meridionais da terra.

Esta divisão não segue a disposição original das tribos. Toda a nação está aqui unida a oeste do Jordão. Considerando que o Templo tinha de permanecer em Jerusalém, sete tribos ficaram localizadas ao norte e cinco ao sul dela. As tribos de Lia e Raquel ficaram localizadas mais perto do Templo, enquanto as tribos de Bila e Zilpa ficaram mais afastadas.

d) A Nova Cidade de Jerusalém. 48:30-35.

30-34. *As saídas da cidade;* isto é, as portas da cidade. Cada lado da cidade era de 4.500 côvados de comprimento, com três portões de

cada lado, cada um segundo uma tribo de Israel. Ao norte, os portões de Rúben, Judá e Levi (v. 31); a leste, os portões de José, Benjamim, Dã (v. 32); ao sul, os portões de Simeão, Issacar e Zebulom (v. 33); e a oeste, os portões de Gade, Aser e Naftali (v. 34). Observe que Levi está reconhecido como tribo e José representa Efraim e Manassés. Cons. Ap. 21:12-21; 7:5-8.

35a. Dezoito mil côvados em redor. A circunferência da cidade era de 18.000 côvados. No tempo de Josefo, a circunferência da cidade de Jerusalém era de tanta e três estádios, cerca de 6, 4 quilômetros (*Wars* V. 4. 3).

35b. O nome da cidade, desde o dia em que existir novamente, será: **O SENHOR está ali** (*Yahweh shammâ*). Cons. Ap. 21:3.